



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO
E INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFMA - AGEUFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS DE BACABAL – CCEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGLB)
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

ANDRÉ FELIPE RIBEIRO

**POSIÇÕES-SUJEITO NA ESCRITA DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA
ADICIONAL:**

Os discursos do período pandêmico

BACABAL- MA
2022

ANDRÉ FELIPE RIBEIRO

**POSIÇÕES-SUJEITO NA ESCRITA DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA
ADICIONAL:**

Os discursos do período pandêmico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal da Universidade Federal do Maranhão, UFMA - Centro de Ciências, Educação e Linguagens - CCEL, Bacabal, como requisito obrigatório para o título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Texto e Discurso

Orientador(a): Prof.(a) Dra. Monica Fontenelle Carneiro

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Ribeiro, André Felipe.

Posições-sujeito na escrita de língua inglesa como língua
adicional: Os discursos do período pandêmico /André Felipe
Ribeiro. - 2022.
106 p.

Orientador(a): Monica Fontenelle Carneiro. Dissertação
(Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras - Bacabal, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal
(MA), 2022.

1. Discurso. 2. Enunciado. 3. Língua Inglesa. 4.
Pandemia. 5. Posições-sujeito. I. Carneiro, Monica
Fontenelle. II. Título.

ANDRÉ FELIPE RIBEIRO

**POSIÇÕES-SUJEITO NA ESCRITA DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA
ADICIONAL:**

Os discursos do período pandêmico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal da Universidade Federal do Maranhão, UFMA - Centro de Ciências, Educação e Linguagens - CCEL, Bacabal, como requisito obrigatório para o título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Monica Fontenelle Carneiro

Aprovada em _____ de _____ de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^(a) Dr.^(a) Monica Fontenelle Carneiro
(Universidade Federal do Maranhão - UFMA)
ORIENTADOR(A)

Prof.^(a) Dr.^(a) Ana Lúcia Rocha Silva
(Universidade Federal do Maranhão – UFMA)

Prof.^(a) Dr.^(a) Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro
(Universidade Federal do Maranhão – UFMA)

AGRADECIMENTOS

A minha família que tanto amo e que, de inúmeras maneiras, possibilitou a minha caminhada acadêmica até aqui. Em especial, a minha irmã Fabianne Ribeiro e ao meu irmão Fabrício Ribeiro, que sempre me ajudam e me incentivam.

As minhas amigas Ana Cecília e Rafaela Claudino, que são dois lindos presentes que ganhei dos projetos de extensão da UFMA, por terem sido pilares psicológicos para mim e terem entendido meu isolamento para realizar este trabalho.

A meu amigo Elves Mota, por inúmeras vezes ter cedido a sua residência como um lugar tranquilo para eu estudasse e por ser um amigo com o qual eu sei que posso sempre contar.

Aos meus colegas de linha de pesquisa, gladiadores da teoria, com os quais, apesar da distância, compartilhei momentos de angústia na escrita deste trabalho e que pretendo encontrá-los pessoalmente em breve.

À coordenação do programa de pós-graduação em Letras de Bacabal, pelo acolhimento e pela dedicação em manter um programa de Mestrado no coração do estado do Maranhão, que é motivo do nosso orgulho e da nossa admiração.

A minha orientadora, Dr^a Monica F. Carneiro, por ter acolhido o meu projeto e suas mudanças ao longo do percurso do Mestrado.

EPÍGRAFE

Discourse is not life; its time is not your time;
in it, you will not be reconciled to death; you
may have killed God beneath the weight of all
that you have said; but don't imagine that,
with all that you are saying you will make a
man that will live longer than him.

M. Foucault (The Archeology of Knowledge)

RESUMO

A escrita de língua adicional demanda do indivíduo uma organização dos seus conhecimentos linguísticos com a finalidade de interagir socialmente. Nesse processo, no entanto, o escritor não somente se comunica pela escrita, mas se “inscreve” em posições nas quais se coloca como sujeito de modo que, a partir dessa “inscrição inconsciente”, é possível analisar um fazer-funcionar discursivo. Com base nessa discussão, essa pesquisa, de caráter qualitativo, teve como objetivo analisar como funcionam os discursos das posições-sujeito nas condições da pandemia de COVID-19 materializados em enunciados em escrita digital por estudantes de nível avançado de língua inglesa como língua adicional. A metodologia da pesquisa consistiu na coleta e análise de respostas dadas a uma atividade do livro SUMMIT 1A por estudantes de Inglês do nível avançado do curso de extensão “Núcleo de Cultura Linguística” vinculado à Universidade Federal do Maranhão. Inicialmente, fizemos uma abordagem sobre a categoria sujeito até chegarmos a como esta é entendida pela Análise do Discurso de linha francesa. Em seguida, fundamentamos a discussão com base nas modalidades linguísticas (CULIOLI, 1978; LE QUERLER, 1996; NEVES, 2006; FUCHS, 1984), na noção de formulações imaginárias (PÊCHEUX, 1969) e na análise enunciativa de Foucault (2008), especificamente no que se refere à descrição enunciativa na obra “Arqueologia do Saber”. Outrossim, abordamos a escrita na forma do digital, fazendo referência à digitalidade do discurso (DIAS, 2016) no contexto pandêmico. Posteriormente, fizemos a descrição metodológica, detalhando as etapas da pesquisa: sobre a coleta do material, o projeto de extensão e os motivos pela escolha do nível avançado do curso de Inglês. Após, descrevemos os critérios para a seleção dos enunciados do nosso corpus, que levaram em conta os discursos que circularam sob as condições da pandemia; o material didático (SUMMIT 1A), cuja terceira edição é de 2017; e a atividade respondida pelos estudantes, proveniente do *Workbook* da edição do livro. Logo depois, fizemos as análises do corpus, iniciando pela descrição das modalidades linguísticas – assertóricas, epistêmicas, apreciativas e intersubjetivas – dos enunciados em vista da situação de enunciação da pandemia. Em seguida, fizemos uma abordagem dos enunciados a partir das noções de Raridade, Exterioridade e Acúmulo propostas por Foucault (2008) na descrição dos enunciados da sua obra “A Arqueologia do Saber”. Adiante, fizemos uma descrição dos discursos em funcionamento nos enunciados, bem como suas posições-sujeito projetadas na escrita de língua inglesa. Os resultados das análises descrevem e demonstram que os enunciados (re)produzidos na escrita dos estudantes evocam, no eixo interdiscursivo, discursos negacionistas sobre a vacinação contra COVID-19, sobre a questão climática e ambiental, sobre o uso de máscara e sobre a esfericidade da terra, que projetam posições-sujeito igualmente negacionistas, ao passo que observamos posições-sujeito defensoras da vacinação e da ciência nas quais o funcionamento desses discursos guia as escolhas linguísticas feitas no processo de escrita, modalizando seus enunciados e, portanto, atingindo e fazendo parte da escrita da língua inglesa como língua adicional.

Palavras-chaves: Posições-sujeito. Língua Inglesa. Discurso. Pandemia. Enunciado.

ABSTRACT

The writing of additional language demands from the individual an organization of his linguistic knowledge in order to interact socially. In this process, however, the writer not only communicates through writing, but “inscribes” himself in positions in which he places himself as a subject so that, from this “unconscious inscription”, it is possible to analyze a discursive functioning. Based on this discussion, this research, of a qualitative nature, aimed to analyze how the discourses of subject positions work in the conditions of the COVID-19 pandemic materialized in enunciations in digital writing by students of advanced level of English as an additional language. The research methodology consisted of collecting and analyzing responses given to an activity in the SUMMIT 1A book by English students at the advanced level of the extension course “Núcleo de Cultura Linguística” linked to the Federal University of Maranhão. Initially, we made an approach on the subject category until we reached how it is understood by the French Discourse Analysis. Then, we base the discussion based on linguistic modalities (CULIOLI, 1978; LE QUERLER, 1996; NEVES, 2006; FUCHS, 1984), on the notion of imaginary formulations (PÊCHEUX, 1969) and on the enunciative analysis of Foucault (2008), specifically with regard to the enunciative description in the work “Arqueologia do Saber”. Furthermore, we approach writing in the digital form, referring to the discourse digitality (DIAS, 2016) in the pandemic context. Subsequently, we made a methodological description, detailing the stages of the research: on the collection of material, the extension project and the reasons for choosing the advanced level of the English course. Afterwards, we describe the criteria for selecting the statements in our corpus, which took into account the discourses that circulated under the conditions of the pandemic; the school material (SUMMIT 1A), whose third edition is from 2017; and the activity answered by the students, coming from the Workbook of the book edition. Soon after, we analyzed the corpus, starting with the description of the linguistic modalities – assertoric, epistemic, appreciative and intersubjective – of the enunciations in view of the enunciative situation of the pandemic. Then, we approach the enunciations from the notions of Rarity, Exteriority and Accumulation proposed by Foucault (2008) in the enunciative description in his work “The Archeology of Knowledge”. Further on, we made a description of the discourses understood in the corpus, as well as their projected subject positions in English language writing. The results of the analyzes described and demonstrated that the enunciations (re)produced in the students' writing brings out denialist discourses interdiscursively about vaccination against COVID-19, about climate and environmental issues, about wearing mask and even about sphericity of the earth, which project equally negationist subject positions, while we observe subject positions defending vaccination and science in which the functioning of these discourses guides the linguistic choices made in the writing process, modalizing their statements and, therefore, reaching and taking part of the writing of English language as an additional language.

Keywords: Subject positions. English Language. Discourse. Pandemic. Enunciation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quatro discursos de Lacan.....	24
Figura 2: Quadro da AAD 1	56
Figura 3: Quadro da AAD 2	57
Figura 4: Atividade respondida pelos participantes	69
Figura 5: Respostas de Es1.....	74
Figura 6: Respostas de Es2.....	75
Figura 7: Respostas de Es3.....	76
Figura 8: Respostas de Es4.....	77
Figura 9: Respostas de Es5.....	79
Figura 10: Respostas de Es6.....	80
Figura 11: Respostas de Es7.....	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAD = Análise Automática do Discurso

AD = Análise do Discurso

CEFR = Common European Framework of
Reference for Languages (Quadro Comum
Europeu de Referência para Línguas)

Es1 = Estudante 1

Es2 = Estudante 2

Es3 = Estudante 3

Es4 = Estudante 4

Es5 = Estudante 5

Es6 = Estudante 6

Es7 = Estudante 7

En1 = Enunciado 1

En2 = Enunciado 2

En3 = Enunciado 3

En4 = Enunciado 4

En5 = Enunciado 5

En6 = Enunciado 6

En7 = Enunciado 7

En8 = Enunciado 8

En9 = Enunciado 9

En10 = Enunciado 10

En11 = Enunciado 11

En12 = Enunciado 12

En13 = Enunciado 13

En14 = Enunciado 14

En15 = Enunciado 15

En16 = Enunciado 16

En17 = Enunciado 17

En18 = Enunciado 18

En19 = Enunciado 19

En20 = Enunciado 20

En21 = Enunciado 21

En22 = Enunciado 22

En23 = Enunciado 23

En24 = Enunciado 24

En25 = Enunciado 25

En26 = Enunciado 26

En27 = Enunciado 27

En28 = Enunciado 28

LA = Linguística Aplicada

LAd = Língua Adicional

OMS = Organização Mundial da Saúde

PS = Posição-sujeito ou Posições-sujeito

SE = Sujeito-Enunciado

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	SOBRE A CATEGORIA SUJEITO NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	14
2.1	A ideia de sujeito para a antiguidade Grega: A noção de sujeito em Sócrates por Platão:	15
2.2	A ideia de sujeito medieval: Tomás de Aquino e o princípio do sujeito agente na visão de Alain de Libera.....	17
2.3	O Sujeito renascentista: pelos meandros do indivíduo.....	18
2.4	A ascensão do sujeito moderno: pontos filosóficos e estruturalistas.....	21
2.5	O sujeito discutido epistemologicamente nos estudos da linguagem: De Bakhtin a Foucault.	22
2.6	O sujeito lacaniano da Análise do discurso e o sujeito Pêcheutiano: aproximações e dispersões.....	24
3	SOBRE A PANDEMIA EM FOCO: DAS MODALIDADES LINGUÍSTICAS À POSIÇÃO-SUJEITO NA ESCRITA EM LAd.	26
3.1	O “período pandêmico”.....	27
3.1.1	Alguns contextos: Estados Unidos, Itália e Brasil.	31
3.1.2	As recomendações sanitárias às medidas preventivas: Quarentena, <i>Lockdown</i> , Distanciamento e “Isolamento social”.....	39
3.1.3	Da polêmica do tratamento precoce à vacinação.....	41
3.2	As modalidades linguísticas.	46
3.2.1	As modalidades assertórica e epistêmica.....	49
3.2.2	As modalidades apreciativa e intersubjetiva.....	50
3.3	PS na análise enunciativo-discursiva.	52
3.3.1	As noções de lugar social e lugar discursivo na AD.....	54
3.3.2	A noção de PS em Pêcheux	55
3.3.3	Descrição enunciativa em Foucault na análise da projeção de PS.	58
3.3.4	Considerações sobre a língua inglesa como materialidade.....	62
4	SOBRE O QUADRO METODOLÓGICO DA PESQUISA: DA COLETA DO MATERIAL DE ESCRITA EM INGLÊS À SELEÇÃO DOS ENUNCIADOS ..	65
4.1	O curso de extensão	65
4.1.1	Sobre a coleta do material.....	66
4.1.2	A opção pelo nível avançado	66

4.2	Sobre a seleção dos enunciados.....	67
4.2.1	A descrição do material didático e da atividade selecionada.....	68
4.2.2	Seleção do corpus de análise.	70
5	SOBRE A ANÁLISE DO CORPUS: AS MODALIDADES LINGÜÍSTICAS POSIÇÕES-SUJEITO NA ESCRITA DOS ESTUDANTES DE INGLÊS.....	72
5.1	Sobre as modalidades lingüísticas mobilizadas.	72
5.2	Sobre a descrição dos enunciados.....	82
5.2.1	A raridade	82
5.2.2	A exterioridade.....	85
5.2.3	O acúmulo.....	86
5.3	Sobre os discursos em funcionamento e PS projetadas.....	88
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS.....	98
	ANEXO	104

1 INTRODUÇÃO

A escrita demanda diferentes funções cognitivas do escritor para realizá-la, de modo que consiga estabelecer a interação, expressando e reconhecendo opiniões, ideias, sentimentos, etc. Sendo esta em língua adicional, cujo conhecimento é aprendido pelo indivíduo em diferentes níveis, a escrita torna-se ainda mais desafiadora, já que, além do léxico, as características da escrita da língua, como a disposição dos elementos frasais ou mesmo os arranjos possíveis, são outras.

Para além da capacidade de se comunicar ou de “usar a língua”, no entanto, ao escrever em língua adicional, o escritor também se inscreve dentro do seu texto de modo que expressa vozes outras das quais ele se assume como “autor”. Essa inscrição do escritor no seu texto pode opacar discursos circundantes socialmente e também nos apontar o modo como os conhecimentos linguísticos em língua adicional são deslocados para a escrita do texto. Ainda, mascara posições-sujeito do indivíduo que, apesar do domínio da língua que possui, não domina o seu dizer.

Precisamos, a princípio, entender o que é a língua adicional. Esse termo, em substituição a língua estrangeira, é proposto por Vilson Leffa (2014) que identifica uma multiplicidade de termos para denominar a língua do outro: se estudada no país onde se fala, é denominada como segunda língua ou língua de contato; se estudada em outro país, língua estrangeira ou língua alvo, além de outros termos que, no caso específico do inglês, somam-se à língua internacional, língua franca, etc. De modo que, para lançar luz às ambiguidades que esses termos possam trazer e resumi-los, o autor propõe língua adicional (LAd) no contexto da aprendizagem de línguas, que se refere a outra(s) língua(s) aprendida(s) pelos estudantes, considerando a sua língua materna e o seu contexto, desde as suas práticas sociais e os valores da sua comunidade, valorizando uma visão crítica da aprendizagem de línguas (LEFFA, 2014, p. 22).

Como uma das línguas¹ mais estudadas como língua adicional nos últimos anos, o Inglês pode ser entendido como a língua que mais tem servido, não melhor ou em detrimento das outras, como forma de expressão de opiniões, pensamentos e conhecimento científico de modo geral na sociedade contemporânea, bem como vira veículo de discussão política e marcação ideológica sobre o cenário político, econômico e social atuais. O domínio (ou

¹ De acordo com pesquisa realizada em 2018 pela Associação Internacional de Linguistas (SIL, da sigla Summer International of Linguistics. Ver em: <https://istoe.com.br/italiano-passa-frances-e-e-o-quarto-idioma-mais-estudado/>).

melhor, dominação) da língua inglesa é entendido, inclusive, enquanto uma necessidade para o indivíduo que pretende prosperar no mundo do trabalho, dos negócios, da academia, entre outras áreas.

Mesmo no período pandêmico e sob grandes² adversidades pela qual o ensino de línguas passou, a língua inglesa continuou sendo procurada e estudada, ainda que de forma remota, por brasileiros que almejam o seu “lugar ao sol” no sonho de oportunidades que está a espera dos que a conseguem falar com fluência. Aliás, foi durante esse período, que fomos posicionados, especialmente, em discursos sobre os saberes científicos que trouxeram, para além de dúvidas; dores, sequelas e mortes.

Nesse trabalho, pretendemos como objetivo geral analisar os discursos das posições-sujeito funcionando nos enunciados escritos por estudantes de língua inglesa como língua adicional. Ainda, pretendemos especificamente descrever as modalidades linguísticas nas quais os enunciados foram modalizados, além de descrevê-los na sua raridade, exterioridade e acúmulo propostas por Foucault (2008).

Ou seja, almejamos demonstrar e descrever como os estudantes dessa língua, articulam os seus conhecimentos linguísticos de escrita em língua inglesa para evidenciar discursos sobre a política, a COVID-19 e a ciência que estavam (e continuam) circulando na sociedade brasileira no período de pandemia de COVID-19³ e que marcam a posição-sujeito desses indivíduos na expressão escrita em língua adicional.

Para tanto, iniciaremos com uma abordagem sobre o sujeito numa perspectiva histórica até chegarmos a como essa categoria é entendida pela Análise de Discurso de linha francesa. Em seguida, abordaremos o contexto pandêmico e a questão da escrita deslocada para o ambiente digital. Ainda, faremos uma abordagem teórica sobre as modalidades linguísticas (CULIOLI, 1978; LE QUERLER, 1996; NEVES, 2006; FUCHS, 1984) e discutiremos a noção de posição-sujeito em Pêcheux (1969) e a sua recorrência em Foucault (2008). Logo depois, falaremos sobre os procedimentos metodológicos desta pesquisa, descrevendo as etapas de coleta de material e seleção dos enunciados que compõem o corpus.

Sequencialmente, faremos as análises do corpus, iniciando pelas modalidades linguísticas mobilizadas a fim de descrever o quão subjetivo os enunciados apresentam-se, considerado a situação da pandemia na sua produção. Em seguida, faremos uma abordagem sobre como entendemos os enunciados do corpus a partir das categorias de raridade,

² Especialmente referentes à troca da modalidade presencial pela on-line, que exigiu uma série de adaptações como o ensino à distância e disponibilidade de recursos tecnológicos.

³ Referente ao primeiro semestre do ano de 2021.

exterioridade e acúmulo propostas por Foucault (2008). Após, faremos uma descrição sobre os discursos que funcionam nos enunciados analisados e as suas posições-sujeitos que interpretamos como projeção desses discursos.

Em tempo, é necessário pôr em destaque as noções embricadas de discurso, língua e enunciado aqui mobilizadas: o discurso, enquanto um conjunto de “regras anônimas históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2008, p. 133)” tem na língua a sua materialização pela função enunciativa. Desse modo, o discurso também pode ser percebido funcionando na sua unidade mínima – o enunciado – ou entendido como o conjunto deles, constituindo uma prática discursiva.

Posto isso, iniciaremos a seguir um percurso sobre a categoria sujeito ao longo da história até como a AD francesa entende essa categoria para que possamos entender o sujeito enquanto uma posição no e pelo discurso.

2 SOBRE A CATEGORIA SUJEITO NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Ao pensarmos nas relações humanas, inevitavelmente construídas na e pela linguagem, somos lançados em um mundo de reflexões e refrações no qual percebemos que tentamos, constantemente e na medida do que construímos desde que nascemos, colocar-nos enquanto ser minimamente autônomo nesse mundo, um mundo de espelhos que nos constitui enquanto humanos.

Ao dizer que construímos desde o nascimento, acaba soando um tanto contraditório, haja vista que, nesse mundo de espelhos, somos reflexo distorcido dos outros, já que não podemos enterder-nos enquanto princípio (do dizer, especialmente). Entretanto, ainda guarda coerência na medida em que esse reflexo não é exatamente a mesma forma da luz que nos é incendiada, tal como um espelho, que não reflete uma dada imagem de modo real, mas virtual.

Em outras palavras: assim como a imagem de um objeto real é refletida por um espelho de modo virtual, refletimos na, pela e sobre a linguagem, uma imagem virtual do que dizemos ser. E nessa relação, não guardamos qualquer laço com o objeto real: somos espelhos, ou seja, nós refletimos e refratamos na linguagem. Refletimos, no sentido de que muitos discursos perpassam-nos historicamente e são, inevitavelmente, repetidos. Refratamos, pois, a repetição desses discursos é atualizada, revista, passa pelo domínio da ideologia e nos é internalizada pelo processo de identificação. É a parte que nos cabe, de alguma maneira, à construção mencionada e que pode ser explicitada a cada momento histórico das subjetividades (re)criadas na linguagem.

Porém, o que nos interessa nesse mundo de espelhos do qual somos parte? Certamente, não é solucionar o insolucionável contraditório sobre em que medida construímos e reconstruímos desde o nascimento, falado anteriormente. É do nosso interesse saber o que nos faz, nesse mundo de refrações e reflexões da linguagem, dizer e ter certa propriedade do que dizemos. A instância do sujeito pode ser entendida, portanto, como instância que marca o nosso lugar na linguagem. O lugar que é único do sujeito, marcado pelo seu “eu” e que é intransferível, apesar de atravessado por inúmeros discursos que o formam na sua subjetividade.

Mas, afinal, o que o sujeito diz? Pretendemos aqui, portanto, discutir sobre a concepção de sujeito nos estudos sobre a linguagem em diferentes pensadores de contextos sócio-históricos distintos ou que pensam sobre a figura do sujeito nesses contextos para conseguir pistas do que foi o sujeito em diferentes momentos, a saber: Sócrates e Platão na

Grécia antiga do medievo, Savian Filho (2015) e Alain de Libera (2008) sobre Tomás de Aquino e Santo Agostinho na idade média, Neusser (2011) sobre o período renascentista e, por fim, a visão mais contemporânea de sujeito para Bakhtin (2006), Benveniste (1991), Althusser (1992), Michel Pêcheux (1995) e Michel Foucault (2008).

É necessário, à priori, entender que o percurso proposto sobre a noção de sujeito aqui não tenta dar conta de todos os contextos históricos e todas as diferentes perspectivas que possam existir sobre essa noção em cada contexto. É um olhar reduzido e resumido das principais ideias que, historicamente, surgiram sobre ser sujeito e que foram base para os estudos sobre a Linguagem e; portanto, um recorte sócio-histórico da categoria sujeito nos contextos supracitados.

Assim, mais uma vez, é do nosso interesse teórico visualizar os diferentes sujeitos refletidos em momentos históricos distintos a partir das relações humanas na linguagem. Para tanto, iniciaremos abordando uma noção clássica de sujeito, destacando o olhar de Platão, que dá voz a Sócrates nos seus diálogos. Logo depois, falaremos do sujeito medievo a partir das considerações do historiador francês Alain de Libera. Em seguida, avançaremos para a ideia de sujeito no renascimento e o seu rompimento com a ideia do sujeito medieval. Por fim, abordaremos a teorização de sujeito na contemporaneidade, dando voz às perspectivas de Bakhtin a Foucault.

2.1 A ideia de sujeito para a antiguidade Grega: A noção de sujeito em Sócrates por Platão:

Sócrates, sendo conhecido por seus alunos, especialmente pelos diálogos de Platão, indaga-nos com a noção de sujeito moral. Mas, o que seria esse sujeito moral? As questões socráticas aos atenienses eram constantes no sentido de entender o que é moral e virtude. Se o conceito de sujeito moral fosse agir em conformidade com virtudes e com o bem, então o que seriam as virtudes? O que seria o bem?

Esses insaciáveis questionamentos tinham como objetivo fazer refletir sobre o sentido de valores e de moral, não só individualmente, mas também socialmente, com a intenção de encontrar um ponto de partida para as questões morais que, para Sócrates, seria a própria consciência do sujeito. Segundo Reale e Antiseri (2007), esse fundamento:

[...] consiste na própria natureza ou essência do homem. À diferença dos Sofistas, Sócrates chega a estas conclusões: o homem é a sua alma. E por alma ele entendia a consciência, a personalidade intelectual e moral (REALE; ANTISERI, 2007, p. 91).

Assim, o sujeito é pensado sob a óptica da moralidade, de seus valores e suas virtudes, que devem levar à reflexão sobre a origem de tais valores e virtudes, consideradas para a formação do sujeito enquanto moral. Isso não é, como já dito, uma construção apenas individual, mas também social, o que também leva à reflexão socrática de quais valores e virtudes estão sendo tomados de acordo com cada sociedade.

O sujeito moral socrático alcança e pratica o bem porque o conhece. Entretanto, Sócrates foi bastante questionado se o bem pode ser ensinado. Voltado muito para a introspecção, para o autoconhecimento de si, como o sujeito moral chega ao bem? Em diálogo com Ménon, Sócrates reflete que “a dificuldade de discutir a questão de se a virtude pode ser ensinada sem desvelar, antes, o que é a virtude (86d), o que o faz discutir hipoteticamente (...) o caso” (HOBUSS, 2014, p. 87)

Dessa maneira, para Sócrates, o homem procura sempre fazer o bem por natureza e conhece o bem, pois se conhece. Logo, sabe que não existem mestres da virtude (HOBUSS, 2014, p. 87-88) capazes de ensiná-lo o bem, conceito que Sócrates não explicita, pois, demonstra conhecimento da sua ignorância, “sei que nada sei”, e procura encontrar um sentido que seja universalmente aceito como bem, que valesse para todos os sujeitos, opostamente ao que pensavam os sofistas, que não concebiam que existisse uma verdade universalmente válida.

O sujeito moral socrático também guarda o sentido de virtude como sendo o próprio conhecimento e sabedoria, é chamado de intelectualismo socrático, que:

[...] entende cada uma das virtudes como formas de conhecimento que levam o indivíduo a entender de que modo devem agir nas diferentes circunstâncias, não qualquer conhecimento, mas um conhecimento enraizado na alma, ou seja, que faz da alma o que ela é. (HOBUSS, 2014, p. 86).

Portanto, a moralidade é central para o sujeito que preza pelo bem e o pratica, reconhece sua ignorância na busca do conhecimento, da própria ciência que é traduzida como o que “salva” o homem da sua própria ignorância e encontra, também em si, o mais justo e benigno ser.

Nesse sentido, Santos (2005) reflete sobre sujeito epistêmico no contexto dos diálogos platônicos da República e do Crátilo, em que diz que:

Na República VI 508E-509b e no Crátilo 440b, Sócrates refere-se a “cognoscentes”, “cognoscíveis”, a “visíveis” [...]. Manifesta-se aqui um sujeito epistêmico a comandar a cognição. Todavia, como ambos os contextos deixam bem claro que essa função é atribuída à alma, trata-se de um sujeito transcendentemente entendido, ao qual cabe a função arquetípica de contactar com o inteligível” (SANTOS, p. 81, 2005)

Esse sujeito, segundo o autor, refere-se, não somente à figura do corpo, mas também da alma. É a clássica ideia de “substância” mais próxima, ainda segundo ele, ao sentido de “espírito”, “mente”, “entendimento” e “razão” desenvolvido na modernidade. Essa ideia de sujeito guarda, como veremos, pontos de dissonância em relação à contemporânea, porém, parte dela e tem reverberações distintas na modernidade, especialmente no sentido oposto que será aqui destacado.

2.2 A ideia de sujeito medieval: Tomás de Aquino e o princípio do sujeito agente na visão de Alain de Libera.

A noção da categoria sujeito no período medieval pode ser a mais obscura pelo motivo do estereótipo desse período da História. Sob o pensar a Idade Média e tudo que fora desenvolvido no período persistiu, e ainda persiste, uma ligação fundamental com o aspecto religioso, em um momento histórico que tudo era perpassado pelos julgamentos e sanções da igreja.

Não é bem assim, no entanto, que Alain de Libera (2008) vai tratar a questão do sujeito nesse período. Filho (2015), sobre essa perspectiva na obra *Archéologie du Sujet* de De Libera, que tenta remontar a história do sujeito, reporta que o autor costuma dizer que:

[...] na historiografia filosófica dos últimos três séculos, a contribuição da Idade Média é extremamente mal avaliada, sobretudo no tocante à “questão do sujeito”. Seu interesse, todavia, não é apologético-religioso, como muitas vezes ocorre com estudiosos do pensamento medieval⁶; pretende somente esclarecer o erro histórico-filosófico⁷ que, a seu ver, está na crença desenvolvida desde o século XVII e que interfere negativamente em debates atuais, não apenas de ordem historiográfica, mas também filosófica e cultural de forma geral. (FILHO, p. 179, 2008)

Interessa-nos, portanto, a partir dessa proposição de De Libera, entender como conceber o sujeito medievo sem nos vermos dentro desse reflexo religioso que a época impunha, apesar de não o negar por completo, ao modo que De Libera reflete sobre tal questão. Para tanto, falemos de dois personagens relevantes do período e suas contribuições para a noção de sujeito: Tomás de Aquino, numa releitura de Agostino de Hipona.

Segundo Filho (2015), De Libera passa por Agostinho para chegar a Tomás de Aquino⁴, pois, foi a partir dele que chega a concepção de sujeito como agente e como suporte. Ao negar o atributivismo, assim nomeado por De Libera (2008) o pensamento sobre a mente dentro de um corpo, ou seja, um corpo que pensa, colocando a mente como um atributo do corpo. Sobre o sujeito agente do conhecimento pensado por Aquino, Filho (2015) diz que:

⁴ E também chega a Pedro de João Olivi (FILHO, p. 175, 2015) não mencionada aqui.

[...] Com efeito, já pela refutação do averroísmo, o dominicano merece ser visto como momento essencial da história da subjetividade. Porém, em contraponto com a miopia da historiografia filosófica dominante, vale ressaltar outra de suas proezas teóricas, a de ter inserido, na esfera do mental, a noção de sujeito psíquico que Agostinho se esforçara por descartar. Numa palavra, Tomás de Aquino, no mesmo campo aberto por Agostinho, fez surgir a ideia de sujeito agente do conhecimento: o homem, ou, antes, o homem com/pela sua alma. O texto-base investigado por Alain de Libera é o artigo 5 da questão 77 da Prima Pars da *Suma de teologia*. A primeira formulação de Tomás, nesse texto, consiste em enfatizar que, se a alma mostra ter potências (faculdades), essas potências devem estar na alma como em um sujeito (suporte), pois, assim como se diz que o corpo é o sujeito das potências corporais, também faz sentido dizer que a alma é o sujeito das potências da alma; ademais, mesmo naquelas operações que são atribuídas conjuntamente ao corpo e à alma (as funções da sensação), é em função da alma que elas são atribuídas ao corpo, porque, conforme Aristóteles, em *De anima* 2, 414a12-14, a alma é, a título primeiro, aquilo pelo que sentimos, de sorte que os princípios próprios das operações da alma, mesmo nos casos de ativação do corpo, são suas potências; e essas potências devem estar nela. [...] (FILHO, p. 190, 2015)

Precisamos apontar que averroísmo, segundo os estudos de De Libera, é a concepção de que o pensamento é impessoal e aparece na obra do francês pelo fato de esta ter como base a crítica da aproximação entre Aristóteles e Descartes, legando ao pai da filosofia moderna a criação da noção de sujeito, tese que é refutada pelos estudos De Libera. Assim, De Libera coloca os filósofos dominicanos numa posição de contribuição para ideia de sujeito agente⁵ e prova, a partir de uma análise histórica das obras dos filósofos do medievo, a reminiscência da ideia de sujeito agente da modernidade que é tradicionalmente atribuída apenas a Descartes.

Com efeito, esse estudo feito por De Libera mostra-nos que, na construção a noção de sujeito do medievo para a idade moderna, há contribuições e pensamentos do período medieval a serem considerados para essa transição e que, portanto, tal mudança de perspectiva não acontece na forma de uma cisão repentina, mas de deslocamento gradual de reflexões filosóficas e epistemológicas.

2.3 O Sujeito renascentista: pelos meandros do indivíduo

O renascimento é conhecido como o período histórico logo após o que chamamos de idade média e anterior ao que chamamos de idade moderna. A divisão em eras históricas não pode levar-nos, todavia, a definir especificamente a noção de sujeito, ou do que for, dentro de um período de tempo determinado, pois são várias as reflexões construídas e reconstruídas, ou seja, é simplesmente a reflexão e a refração do humano dentro do mundo espelhado da linguagem: refletimos noções de pensamentos anteriores, bem como, por refração;

⁵ E também de sujeito psíquico, não citada amplamente aqui, que fora descartada por Agostinho de Hipona, uma vez que Tomás de Aquino concebia a alma como sujeito psíquico, fortemente influenciado por Aristóteles (FILHO, p. 192, 2015)

ressignificamos, readaptamos, reconstruímos e redizemos essas mesmas noções, que é a parte da construção que nos cabe.

Apesar de não conseguirmos definir de modo fechado o sujeito em diferentes épocas, é possível traçar características dessa noção (re)construída em dado momento. No período do Renascimento, por exemplo, a noção de sujeito é atingida por um novo olhar do homem sobre si e o mundo, percebendo não mais como suficientes, os conhecimentos exteriores que fundam a sua existência, de modo que o homem começa a se questionar, isto é, reorientar seus questionamentos para si, mudando o foco do seu exterior para o seu interior.

Entretanto, apesar dessa tendência, ainda há pensamentos do medievo que atravessam esse período, assim como destacamos aqui pensamentos e pensadores medievais a frente na noção de sujeito. A recorrência à religiosidade, por exemplo, ainda era uma opção considerável quando não se conseguia explicar tudo pelo viés do científico, do humano ou mesmo na própria reflexão do homem sobre si e sobre a natureza, como Erasmo de Roterdã, filósofo do início do Renascimento, publicou:

A natureza, ao dar-vos um filho, vos presenteia com uma criatura rude, sem forma, a qual deveis moldar para que se converta em um homem de verdade. Se este ser moldado se descuidar, continuareis tendo um animal; se, ao contrário, ele se realizar com sabedoria, eu poderia quase dizer que resultaria em um ser semelhante a Deus” (Erasmo de Roterdão (1469-1536). In: ACKER, T.V, p. 32-33, 1992).

Portanto, pelo pensamento de Roterdão, a característica racional que distingue os homens de outros animais pode ser a mesma que nos aproxima de Deus, pensamento este que ainda guarda fortes laços com a religiosidade, mas também já apresenta uma orientação racional para posição do homem na natureza. Com as reflexões iluministas mais tarde, essa orientação reforçará seus laços com a ciência e a racionalidade, porém, não rompendo totalmente os da religiosidade e sim, ressignificando-os, dada a relevância do indivíduo na centralidade das discussões.

É nesse sentido do sujeito enquanto indivíduo que olha para si que Neuser (2011) destaca que renasce do período clássico para a Renascença as reflexões sobre o indivíduo, sobre o sujeito que pensa, uma vez que se questionava a fundamentação do conhecimento como exterior ao indivíduo. Segundo o autor, o indivíduo é tido como conceito central na Renascença, sendo desenvolvido ao longo desse período de modo que, cerca de final do século XVI, já se tem uma concepção mais clara sobre o indivíduo e bem estabelecida para idade moderna (Neuser, p.26, 2011).

Mas, de que indivíduo estamos falando? Neuser (2011) discute especificamente na área pedagógica a partir de modelos de formação do indivíduo e o propõe na Renascença:

- a) A partir da visão luterana, com uma ligação mais religiosa, o indivíduo era educado para temer a Deus e não para desenvolver suas potencialidades enquanto indivíduo. Lutero entendia que o indivíduo era formado por duas instâncias: uma exterior, na qual a vontade humana poderia agir para transformar, e outra interior, concebida por graça divina e, portanto, mais difícil de ser transformada pelo homem. O indivíduo só consegue agir sobre o que lhe é exterior e, portanto, a sua própria formação, como advinda de outro homem, é exterior e pode ser reformada. A formação, todavia, atinge o indivíduo no seu interior. O homem precisa, dessa maneira, ter sua formação fundamentada no ⁶bem, pois uma má formação exterior pode levar o interior do indivíduo a ser atingido pelo mal. Por isso a importância de se ter em sociedade homens bem formados na fé divina, pois uma boa formação atinge o interior do homem.
- b) A partir de uma visão humanística, defendida por Erasmo de Roterdão, que é, inclusive, mais comum na Renascença, na qual o indivíduo é entendido a partir das habilidades que lhe são dadas pela natureza e pelas que ele produz pelo hábito ou exercício. A educação pueril é de grande importância, pois, quanto menores as crianças, mais moldáveis são em relação aos jovens. O bom caráter do indivíduo é construído pela força de bons hábitos e a formação do indivíduo é resultado da confluência de elementos da natureza, da instrução e da ação. Esse modelo de formação é defendido pelas obras de ⁷Quintiliano e Plutarco.
- c) A partir de uma visão sobre a autorrealização do indivíduo, pensada por ⁸Giovanni Pico della Mirandola, cuja centralidade está no homem e sua realização pessoal e, portanto, a formação deve existir para tornar o indivíduo um ser humano. A educação assume papel na formação do caráter do indivíduo e necessita de uma regra geral para formá-lo enquanto ser humano. Para Pico, o homem nasce indeterminado e é tarefa sua determinar-se, não cabendo essa responsabilidade a outrem, mas somente a si mesmo. A indeterminação é, consequentemente, própria da natureza humana e a formação do indivíduo, apesar de ser influenciada pelo exterior, é também de incumbência do próprio indivíduo.

Assim, ao fim do período renascentista, temos uma ideia de sujeito já bem formulada para a ideia moderna. A noção de indivíduo orienta uma volta ao olhar clássico, no qual o

⁶ A ideia de bem difere-se da socrática. Nesse caso, o bem está relacionado à ordem do divino e, em especial, do religioso, como sinônimo dos preceitos e vida repassados pela igreja fundada por Lutero.

⁷ Vide Neuser (2011), A formação e o conceito do indivíduo na renascença, p. 27-28.

⁸ Vide Neuser (2011), A formação e o conceito do indivíduo na renascença, p. 29-30.

sujeito procura em si a fundamentação do conhecimento, tal como em filósofos clássicos como Sócrates, que a vislumbra pelo autoconhecimento. Como perceberemos, o indivíduo transforma-se em sujeito na modernidade através dos estudos discursivos que, concomitantemente e sistematicamente, desenvolverão uma teorização do sujeito.

2.4 A ascensão do sujeito moderno: pontos filosóficos e estruturalistas.

O movimento de reorientação do homem para si, o avanço e valorização do conhecimento científico e artístico, a consideração do homem e suas demandas formativas na religião e da educação vão direcionar para a perspectiva moderna de sujeito, fortalecida pelo iluminismo nos séculos XVII e XVIII.

Apesar de a concepção de sujeito em si ser fundada na modernidade, percebemos aqui que essa noção é antiga e vem se especificando ao longo dos diferentes contextos histórico-sociais. A modernidade caracteriza-se, entre outras formas, por uma atitude do homem de modo a se situar no mundo (da linguagem) como ser que pensa e age. A “frase inaugural” é a célebre *cogito ergo sum* de René Descartes, que demonstra a ciência de que o ser só se conhece porque pensa. Assim, desse ponto, o sujeito aparece como peça-chave para o conhecimento nesse momento: o sujeito e sua subjetividade precisavam ser analisados, pois, era a partir deles que se conheciam todas as coisas.

Emmanuel Kant (1724-1804) contribuiu com a ideia de sujeito ao discutir que a consciência só lida com fenômenos, portanto, o real é a própria percepção da consciência humana, não existindo exteriormente, mas sendo refratado no interior do sujeito, a partir da sua percepção do real. Para Kant (1983), somos nós que criamos o real a partir do que percebemos pela consciência. Jean Jacques Rousseau (1712-1778) já não enfatiza a racionalidade, pois para o filósofo suíço, o sujeito é desprovido de razão e reflexão, cujo surgimento ocorrerá em sociedade.

Já no campo dos estudos da linguagem, percebe-se, no movimento estruturalista, que há um movimento de quase anulação ou de esfacelamento do sujeito, como diz Deleuze:

O estruturalismo não é absolutamente um pensamento que suprime o sujeito, mas um pensamento que o esmigalha e o distribui sistematicamente, que contesta a identidade do sujeito, que o dissipa e o faz passar de um lugar a outro, sujeito sempre nômade, feito de individuações, mas impessoais, ou de singularidades, mas pré-individuais (DELEUZE, p. 245, 2006).

O sujeito, na lógica do estruturalismo, é sistematicamente apagado para dar espaço às reflexões sobre os fenômenos observáveis da língua/linguagem. Inclusive, no curso de linguística geral, Saussure considera que o indivíduo por si só não é capaz de modificar o

sistema linguístico, devendo submeter-se às regras do sistema, do pacto social que o criou.

Veremos, em seguida, que a noção de sujeito continua em um movimento de esfacelamento e esvaziamento, especialmente ao ser atravessado pelo aspecto ideológico.

2.5 O sujeito discutido epistemologicamente nos estudos da linguagem: de Bakhtin a Foucault.

Já quase apagada na perspectiva estruturalista, a visão de sujeito autônomo e independente começa a perder força, especialmente com a noção dialógica de sujeito do russo Mikhail Bakhtin que entende o sujeito sendo formado a partir da relação com outro, uma vez que tudo que conhece chega à consciência não pela percepção autêntica e individual do sujeito, mas por meio da relação social, da interação com o outro em sociedade.

A posição de sujeito reflete uma imagem pouco visível, por assim dizer, da autonomia do que diz. Atravessado por discursos alheios e relações dialógicas (aceitação, negação, recusa, etc.), o sujeito nada mais é que o reflexo das relações e dos discursos que circulam em diferentes meios sociais. Para o filósofo: “Nosso próprio pensamento [...] nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento”. (Bakhtin, p. 317, 1997). Dessa maneira, entramos em constante luta pela autoria do que dizemos, atualizando o nosso discurso para em nada se fazer parecer com outro.

Por outro lado, temos o linguista Émile Benveniste que, em seus estudos, resgata o sujeito através da sua instância de subjetividade, entendida como “a capacidade de o locutor para se propor como sujeito” (Benveniste, p. 288, 1991). É sabido que Benveniste não se preocupa em fazer uma teoria do sujeito. Entretanto, o autor entende que é pela linguagem que o homem se vê como sujeito. É na figura do sujeito que o homem se encontra no mundo e marca seu lugar na linguagem, ou seja, é sendo sujeito que o homem consegue enxergar os reflexos, ainda que seja em imagem virtual, distorcida e exaustivamente refletida de si em relação aos outros reflexos. É a instauração da posição do homem no mundo de espelhos da linguagem.

Benveniste (1991) faz uma análise de pronomes para tratar da categoria de pessoa que define as pessoas do discurso. Coloca *eu* e *tu* como autênticos em relação a ele (a não-pessoa). A união entre a primeira subjetiva (*eu*) e a segunda pessoa não subjetiva (*tu*, o outro) equivale ao nós, e para vós, não há uma união de “tus”, mostrando que só “eles” pode ser considerado um plural verdadeiro. *Eu* e *tu*, enquanto pessoas discursivas, só existem, no entanto, quando

assumidas pelos falantes.

Saindo de Benveniste, que apesar do seu olhar sobre a subjetividade, não se aprofundou em analisar o sujeito e suas facetas, temos a continuidade do enfraquecimento da autonomia do sujeito, chegando ao status de um mero reprodutor de discursos alheios. Um lugar vazio que assim pensa Pêcheux (1995): “Podemos resumir, o que precede dizendo que, sob a evidência de que “eu sou realmente eu” [...], há o processo da interpelação-identificação que produz o sujeito no lugar deixado vazio”.

Essa visão imbrica inevitavelmente o aspecto ideológico. O sujeito, perpassado por discursos diversos, está envolto da ideologia que os recupera e atualiza a todo instante. Para Althusser (1992), o sujeito é afetado, por um lado, pelo inconsciente e, por outro, pela ideologia que não o permite uma unicidade e nem ser livre. Ainda considera que o indivíduo é interpelado pela ideologia para se tornar sujeito, mas que também sempre o foi, já que os homens vivem relações socioideológicas desde sempre, ou seja, a materialidade da ideologia como prática é fundante do sujeito e de seu assujeitamento.

Pêcheux, a partir de uma releitura de Althusser, considera a ideologia como materialidade concreta, mascarada e transparente para o sujeito, numa relação de dependência que o francês especifica a partir: 1) da formação do sentido, no qual a formação discursiva emerge em uma dada formação ideológica pelo estado da luta de classes, e 2) da dissimulação da formação discursiva pela transparência do sentido dentro da complexidade de formações discursivas em dada formação ideológica.

As formulações de Pêcheux sobre a relação das formações discursivas inseridas nas e constitutivas das ideológicas também nos remetem à Foucault e sobre a noção de sujeito percebida em sua análise da História. Foucault rejeita a ideia de sujeito como substância acabada e autossuficiente, bem como nem sempre é idêntica, pois quase sempre não há relação entre o sujeito que enuncia e o seu “autor” (FOUCAULT, 2008).

O sujeito, na visão foucaultiana, não está no sintagma linguístico e mesmo que um enunciado não esteja em primeira pessoa, ainda possui sujeito. É simplória, portanto, a redução do sujeito à elementos gramaticais, pois este só pode ser desvendado a partir da análise das modalidades enunciativas que se preocupam sobre as seguintes questões: a) quem fala dentro do conjunto de vários sujeitos falantes? Qual é o titular dessa fala? Quem possui a singularidade desta fala e que lhe garante a presunção de valor de verdade? Qual status dos indivíduos que proferem o direito de proferir dado discurso? (FOUCAULT, 2008).

Nesse ponto da Arqueologia do Saber, Foucault utiliza o exemplo do discurso médico para modalizar e encadear diversas enunciações do mesmo campo, explicando que o discurso

médico só pode ser proferido por quem possui o status de médico (sendo assim, o “sujeito-médico”), pois fala de um lugar institucionalmente reconhecido, de uma posição diferente em relação aos outros domínios.

O sujeito, por fim, acaba sendo afogado dentro de um emaranhado complexo de formações discursivas e ideológicas, no qual achar quem é responsável pelo princípio de certo discurso acaba sendo uma tarefa árdua, pois o que é dito toma espaço e reflete constantemente no mundo da linguagem, além de se materializar na forma do sujeito que o profere, mesmo este não sendo “autor” desse discurso.

2.6 O sujeito lacaniano da Análise do discurso e o sujeito Pêcheutiano: aproximações e dispersões.

O desenvolvimento da Análise do Discurso, em especial a proposta por Pêcheux em 1969, e as reflexões e aprofundamentos da obra de Freud empreendidos por Lacan guardam pontos de aproximação importantes, entre os quais, a concepção de sujeito. No entanto, é preciso, de antemão, entender que não se trata univocamente do aspecto ideológico da luta de classes, cuja herança porvém da obra Althusseriana da análise marxista e que afetou profundamente a obra de Pêcheux enquanto Thomas Herbert.

Lacan desenvolve, em seus ⁹seminário 16 a 18, uma teorização sobre os quatro discursos que partem de lugares que visam explicar como se dão os laços sociais. Os discursos são tomados, portanto, como as formas mais genuínas de criarmos tais laços. Partindo desses lugares, nomeadamente: ¹⁰o agente, o outro, a verdade e a produção/perda, temos relações que partem da verdade para os demais, como representa o gráfico que se segue:

Figura 1: Quatro discursos de Lacan



Fonte: Próprio autor

⁹ Seminário 16: “de um grande outro a um pequeno outro”; seminário 17: “O avesso da psicanálise”; seminário 18: “De um discurso que não fosse semblante”;

¹⁰ São considerados lugares fixos do discurso. Vale a recomendação de leitura do seminário 17 – o avesso da psicanálise - de Lacan para maiores aprofundamentos sobre esta matéria dos quais não serão feitos aqui dada a especificidade do nosso trabalho. Uma consideração relevante, todavia, é o fato de Lacan subverter a lógica do significante de Saussure na relação das setas (Ou a rotação dos significantes) de modo a produzir os quatro discursos: do mestre, da universidade, da histeria, do analista, de modo que uma análise da obra lacaniana no que se refere à linguagem precisa levar em consideração a apropriação conveniente que Lacan faz dos conceitos saussurianos.

As relações são entendidas de modo que, como se vê, não partem setas para a verdade e sim apenas partindo dela, o que indica que os discursos, nesse sentido, têm a verdade como uma base de sustentação. Mas, a que tanto serviu a análise de Lacan para AD? As relações discursivas para Lacan tratavam-se no âmbito do inconsciente, uma vez que os processos de interpelação discursiva tinham um fundo cultural na formação social dos indivíduos. Não era somente um processo de identificação, a qual se entende que as pessoas se unem por laços sociais que as assemelham e que as aproximam, mas também de interpelação. A intimação discursiva aos indivíduos para ocupar determinado lugar na conjuntura social seria, não somente ideológica, mas inconsciente. Seria situar um desejo. Lacan entende, no seu seminário 18, que “o inconsciente permite situar o desejo” (LACAN, p. 43, 1992), ao dissertar sobre o saber enquanto meio de gozo.

E o desejo já faz parte da nossa formação, como analisa o autor, desde o nascimento: somos frutos dos desejos dos nossos pais, da nossa formação cultural e social. Inconscientemente, portanto, somos sitaídos em um desejo que nunca foi próprio, de modo que somos levados à condição de sujeito a partir da nossa formação inconsciente de um desejo que nos é anterior, que é anterior aos nossos anteriores, e que nos coloca na cadeia complexa de laços sociais das relações humanas.

Mas como o discurso estaria vinculado ao desejo? E de que noção de discurso estamos falando? É preciso lembrar que as noções de discurso não se equivalem, até porque, trata-se de áreas distintas – estudos da AD e estudos da Psicanálise – sendo a noção dos estudos da AD pêuchetiana, por exemplo, voltada para a relação do simbólico com a ideologia, enquanto que o discurso para Lacan pode ser entendido como o laço social, mencionado acima, criados, não simplesmente pela identificação por alguma coisa, mas pela rejeição e negação de algo. Esses “algo” e “alguma coisa” são reconhecidamente por Lacan como “o mal-estar” da obra de Freud de 1930.¹¹

Fora dos aprofundamentos e reflexões psicalíticas que Lacan faz da obra de Freud, dos quais não convém que se façam grandes elucidações devido à particularidade da matéria, interessa-nos a relação com o inconsciente que o discurso possui sem sequer “ser percebido” pela consciência. Antes de o discurso funcionar e ao funcionar, portanto, “ele” é inconsciente, de modo que “isentar” o indivíduo da consciência da sua posição enquanto sujeito pareceu a forma mais adequada de pensar esse sujeito para a AD.

A condição do inconciente pode ser entendida, dessa forma, como uma características

¹¹ Livro “O mal-estar na civilização” em que Freud discute profissões impossíveis, ou seja, infactíveis; entre as quais a de educar, governar e psicanalisar.

que aproxima o sujeito lacaniano das reflexões da AD e que o introduz nos estudos desta área. Outra noção que pode ser aproximada é a de linguagem, concebida como falha. Os acontecimentos de linguagem chistosos e atos falhos desvelam discretamente a impossibilidade do real. As falhas da língua/linguagem desvelam funcionamentos discursos para Pêcheux.

Portanto, é na falha da linguagem, num escapar epilinguístico, num funcionamento inconsciente, que a posição de sujeito, do qual notadamente não interessa para o analista do discurso saber suas origens, mas seus (inter)discursos funcionantes, é interpretada e descrita na tentativa de vislumbrar a impossibilidade da verdade, do real, ou ainda; são nas sutilezas desses lapsos que se percebe a inconcretude do educar, do governar, do psicanalisar ou do fazer desejar.

Faz-se necessário uma diferenciação do sujeito lacaniano enquanto um lugar de sujeito que é ideológico da obra pêuchetiana:

O objetivo de Lacan é renovar a psicanálise e seu sujeito é aquele do inconsciente, aquilo que introduz para todo ser falante uma discordância com sua própria realidade. E o objetivo de Althusser é [...] renovar o marxismo e o materialismo histórico. [...] A referência à ideologia não tem as mesmas implicações que a referência à linguagem ou ao signo. Althusser não estava particularmente interessado pela linguagem e é aí que chegamos ao âmago daquilo que tem de ver com Pêcheux: as relações entre a linguagem e a ideologia. (HENRY, 1997, p. 34).

O sujeito lacaniano está para o sujeito Foucaultiano assim como o de Althusser para o de Pêcheux. Entretanto, segundo Henry (1997), a aproximação com a negação ao estruturalismo é o elo que une todos eles. Todos fazem um movimento em contraposição ao estruturalismo, apesar de o estruturalismo ter sido, ainda assim, focalizado sobre a linguagem nas abordagens desses pensadores. (HENRY, 1997).

Tem-se, dessa forma, a questão da noção de sujeito em Pêcheux: a articulação entre o sujeito do inconsciente, que é tomado mais pelos seus efeitos do que propriamente pelo inconsciente (GADET; LÉON; MALDIDIER; PLON, 1997, p. 49) e o que é interpelado e pela ideologia, a partir da sua influência do Marxismo por Althusser. Pensar sobre o lugar do sujeito entre a linguagem e a ideologia sempre foi uma de suas preocupações de modo que o status de sujeito inconsciente foi importante para entender o aspecto ideológico no qual ele focalizou.

A referência aos efeitos de sujeito inconsciente deu-se, ainda, entre as entrelinhas: não existem citações da teoria freudiana ou lacaniana na AAD, de modo que “nem Freu, nem Lacan figuram a bibliografia da AAD, e a psicanálise enquanto tal se encontra aí apenas furtivamente mencionada” (GADET; LÉON; MALDIDIER; PLON, 1997, p. 49).

3 SOBRE A PANDEMIA EM FOCO: DAS MODALIDADES LINGÜÍSTICAS À

POSIÇÃO-SUJEITO NA ESCRITA EM LAd.

O percurso da categoria sujeito nos estudos sobre a linguagem, da filosofia e, por último, da Psicanálise, permite-nos entender de forma mais panorâmica como as reflexões sobre essa noção desenvolveram-se até o pensamento de sujeito enquanto uma posição que pode ser ocupada por diferentes indivíduos.

Nesse tópico, entraremos ainda mais profundamente nas questões teóricas sobre as quais esse trabalho pretende dissertar, abordando o contexto pandêmico que é tomado como uma relevante condição para as formações de posição-sujeito desse mesmo período dos estudantes de língua inglesa como LAd. Aproveitaremos para abordar as modalidades linguísticas a partir de Culioli (1978); Le Querler (1996); Neves (2006); FUCHS (1984) e os estudos sobre o sujeito enquanto uma posição a partir de Pêcheux (1969) e Foucault (2008) pelas quais desejamos analisar o corpus dessa pesquisa.

3.1 O “período pandêmico”

A sequência que inicia esse tópico – o “período pandêmico” – e seus subtópicos pretende fazer uma descrição do “período” da pandemia de Covid-19, lançando mão de reflexões sobre características da pandemia em alguns países, a saber: ¹²Estados Unidos, Itália e Brasil, de modo a termos um panorama geral do acontecimento pandêmico no mundo¹³. Traremos informações ora técnicas, no sentido dos números de infectados pelo vírus, de vítimas da doença, de dados temporais e estatísticos estimados por órgãos de governo, pesquisas científicas e pela Organização Mundial da Saúde que foram divulgados na mídia pelos portais de grandes veículos digitais¹⁴ de notícia na internet; ora mais sobre a forma de reportagens jornalísticas, como casos de pacientes registrados e divulgados na mídia.

Apesar de termos a pretensão de fazer um texto bastante descritivo sobre a pandemia

¹² A escolha por esses países não é nada aleatória: Os Estados Unidos, por representar uma das maiores economias liberais do mundo, que escancarou contradições em relação ao seu sistema de saúde desenvolvido dentro dessa perspectiva liberal e, também, por falar o Inglês; a Itália, por ter sido epicentro da doença no mundo e ter posto um dilema quanto à segurança da vida de idosos na pandemia, já que a população italiana é eminentemente idosa; e o Brasil, por ser onde esta pesquisa foi realizada com um conjunto de estudantes de língua inglesa.

¹³ Apesar de soar pretencioso, nosso objetivo é justamente trazer uma percepção do que foi a pandemia, trazendo como exemplo a situação dos países citados. Outro objetivo é que essa nossa modesta pretensão aguace a curiosidade do leitor na busca por mais informações sobre a pandemia.

¹⁴ Nomeadamente: Site Oficial da OMS, Portal G1, NBC News, Época Negócios, CNN, New York Times, El país, The Guardian, BBC News, Poder 360, Correrio Brasiliense e Valor Investe.

sob o ponto de vista técnico e científico, não vamos nos abster de algumas análises e juízos sobre as condições de possibilidades que produziam e reproduziam os sentidos dos enunciados que fazem parte do corpus dessa pesquisa, pois entendemos tais condições como fundamentais no processo do fazer funcionar discursivo, ou mesmo, no processo da própria produção dos enunciados. Também não nos desviaremos em fazer uma descrição que leve em conta, especialmente, a natureza do que é efetivamente dito, de modo que também faremos uma descrição sobre as “polêmicas” da pandemia, que são, à propósito, numerosas: vão desde o aparecimento do vírus até os efeitos colaterais da vacina.

Reconhecemos aqui, também, a finitude e limitação do nosso olhar, pois uma descrição mais detalhada do desenvolvimento da pandemia em vários países do mundo seria um empreendimento o qual não conseguiríamos tanto pela sua amplitude em detalhes e contextos/condições de numerosos países, quanto pela própria dificuldade em obter “informações mais acuradas e fidedignas” dessa recente tragédia humanitária.

Não se trata, entretanto, de uma falta de informações; pelo contrário: uma pandemia que ocorre na era da informação rápida, computadorizada e digital, também se torna uma “pandemia da informação”¹⁵. Com a exceção de nações-estados que detém um alto controle das mídias e do acesso à internet, o saber que tivemos sobre a pandemia foi também fortemente marcado por um senso comum do conteúdo de arquivos midiáticos. As pessoas acompanhavam, através da mídia, todos os processos desse tempo – desde os primeiros casos da doença e situação de calamidade pública até a elaboração de vacinas e a imunização em massa – de dentro de suas casas ou se arriscando enquanto uma parcela de privilegiados gozava do poder de estar em “isolamento social”.

Enquanto não havia produção científica suficiente sobre essa nova doença causada pelo novo coronavírus, essa “pandemia da informação” já acontecia no mundo digital: não cabia especulação sobre um vírus que virou até mito, que teve sua existência duvidada; quando não, criada em laboratório. Enquanto não havia produção científica, tanto nas ciências médicas quanto nas ciências da humanidade, dependíamos somente da fé no divido para nos resguardar, enquanto nos “informávamos” pela mídia.

Em “defesa” das fontes que serão aqui citadas, escolhemos veículos de informação

¹⁵ Entender a informação enquanto funcionamento discursivo dentro de determinadas regularidades e/ou descon continuidades seria um empreendimento possível para desenvolver a ideia de “pandemia da informação” relacionada à pandemia de COVID-19, por exemplo. No contexto de *fake news*, que distorciam e falseavam a natureza de um “real” ou do próprio saber científico, a noção de que também vivemos uma “pandemia da informação” paralelamente a de COVID-19 ajuda-nos, inclusive, a refletir, em alguma medida, sobre números assustadores da pandemia. Aqui, por ora, vamos nos conter apenas a essa ideia sem desenvolvê-la nesse trabalho pela sua amplitude, densidade teórica e por termos como foco os discursos funcionantes – que projetam PS – em enunciados dos estudantes de Língua Inglesa.

nacionais e internacionais, acessados por milhões de usuários mundialmente através dos seus portais digitais na internet – citados em nota – e discutiremos o valor de verdade dentro do “arquivo midiático” que, segundo Gallo, Silveira e Pequeno (2019), é entendido como “desafio permanente para a Análise de Discurso” e que:

“[...] tendo nascido como proposta de um repertório universal, mas desprovido de um contexto histórico-ideológico para ordenar os discursos, o arquivo digital só pode recorrer, de um lado, a formas de organização empíricas, de outro lado, a estatísticas. Por um lado, organiza os textos por categorias, e por outro, se reorganiza a partir de como esses textos circulam.”. (GALLO; SILVEIRA; PEQUENO, 2019, p. 3-4)

Um valor de verdade de uma dada informação dentro de um dado arquivo digital – de um arquivo digital da pandemia, por exemplo – é verificado, portanto, nas “organizações empíricas” e nas suas “estatísticas”, igualmente empíricas. Isso leva a um “efeito de informação”, tal como funciona com um texto de divulgação científica (GALLO; SILVEIRA; PEQUENO, 2019, p. 1-2). Porém, seria de grande ingenuidade pensar que a informação midiática equivale a uma verdade universal: estamos diante de discursos, no nosso caso, sobre a pandemia, os quais são tratados para levar ao “efeito de bem informar” sobre a pandemia, abertamente em defesa da saúde sanitária e em combate à pandemia.¹⁶

Outro ponto importante é o tratamento da informação que é vinculada como “verdade”. Charaudeau (2013) discute que o contrato midiático constrói espaço público e opinião pública e que:

Esta, como todo ato de comunicação, realiza-se segundo um duplo processo de transformação e de transação. Nesse caso, o “mundo a descrever” é o lugar onde se encontra o “acontecimento bruto” e o processo de *transformação* consiste, para a instância midiática, em fazer passar o acontecimento de um estado bruto (mas já interpretado), ao estado de mundo midiático construído, isto é, de “notícia”; isso ocorre sob a dependência do processo de *transação*, que consiste para a instância midiática, em construir a notícia em função de como ela imagina a instância receptora, a qual, por sua vez, reinterpreta a notícia à sua maneira. (CHARAUDEAU, 2013, p. 114)

É fato que nos espaços públicos de opinião pública são travadas verdadeiras guerras ideológicas, lutas para validar posições construídas historicamente. Os processos de transformação e transação acontecem ideologicamente. Portanto, o “efeito de informar” de uma notícia, que também não escapa igualmente do aspecto ideológico, chega ao receptor pronto para o choque ou para a identificação – para a sua defesa e para o seu embate. De uma maneira ou de outra, indivíduos agrupam-se em suas posições-sujeito para lutar nessas batalhas.

Essa “pandemia da informação”, que não é datada com o advento da pandemia de

¹⁶ Entretanto, os discursos negacionistas sobre a pandemia e muitos discursos sobre o saber científico, dos quais abordaremos na análise dos dados desse trabalho, forjavam a mesma defesa.

COVID-19, mas que pode ser entendida a partir da formação do próprio arquivo digital, com o advento da internet e das tecnologias de informação e comunicação – as chamadas TIC’S – trouxe uma patologia a mais, em escala global, contra a qual devemos nos vacinar: as *fake news*, ou notícias falsas, que inundaram as telinhas e fizeram da pandemia de COVID-19 ainda mais perigosa e letal para a humanidade devido ao seu funcionamento-efeito de desinformar.

Mas as notícias falsas, se assim as são – *fakes* –, como viram notícias – *news* – ou como conseguem tal status – o de notícia? A resposta, na verdade, pode estar no propósito ao qual ela foi criada e a favor de que e/ou de quem elas funcionam, ou seja, o propósito que elas pretendem atingir; a que(m) elas servem. Porém, para Gallo, Silveira e Pequeno (2019), “o termo *fakenews* não está aí então para designar notícias falsas, mas como sintoma do processo de apagamento da velha distinção: verdadeiro/falso”. *Fake* e *news* juntos, como discutem os autores, é o sintoma dessa distinção, enquanto que *fake news* separados designa a própria notícia que já passou por essa distinção da verdade e é vinculada como tal para atingir seus objetivos que podem ser descritos e analisáveis. Mas é preciso que seja vinculada com valor de verdade para ser aceita e circular com sucesso.

Para exemplificar, tomaremos um enunciado como “*Lemon cures COVID-19*”, ou “Limão cura a COVID-19” em Português. Esse enunciado reivindica um valor de verdade na realidade, apesar de não haver, por exemplo, instância de produção científica que suporte a sua veracidade. Mas, por que isso acontece? Por que é tomado, portanto, como uma verdade? Ora, parece do senso comum os benefícios do consumo do regular de limão, rico em vitamina C, para a saúde do ser humano. Parece que a *fake news*, portanto, trabalha no senso comum de modo a nos confundir (Se o limão faz tão bem à saúde, é claro que deve curar de COVID!), não se trata de uma história somente investanda: ela se vale do discurso que possui um lugar científico legitimado para, assim, distorcê-lo, como se quisesse tomar esse lugar, adoecê-lo tal como um vírus o faz com uma célula humana. A *fake news* é um vírus das plataformas virtuais.

Ainda voltaremos a essa discursão sobre *fake news* ao longo desse trabalho e na análise dos enunciados que compõem o nosso corpus. Agora, para iniciarmos uma descrição da pandemia que se pretende a seguir, é preciso falar das aspas que usamos em “período”. O que poderíamos demarcar enquanto “período” pandêmico de Covid-19 ou “período” de duração da pandemia de Covid-19 não é tão fácil quanto aparenta, já que a pandemia iniciou-se e desenvolveu-se de modos diferentes nos mais de 190 países afetados em que até hoje a doença causa vítimas fatais. Os protocolos de saúde e recomendações sanitárias, por exemplo,

que praticamente subexistiam ou que “não faziam diferença” pelo menos para grande parte do mundo ocidental, até hoje se fazem presentes e são exigidos legalmente, com maior ou menor rigidez, ao sairmos de casa e frequentarmos, especialmente, lugares públicos aglomerados e ao viajarmos.

É preciso reconhecer, por outro lado, que a pandemia de COVID-19 é marcada por períodos críticos: as situações de estado de emergência declarada pelos países que tiveram seus hospitais superlotados de pacientes em estado moderado ou avançado da doença. Foram estados de emergência que aconteceram, no entanto, em momentos diferentes e, certamente, guardavam as particularidades da população e dos sistemas de saúde de cada nação-estado.

3.1.1 Alguns contextos: Estados Unidos, Itália e Brasil.

A doença causada pelo vírus ¹⁷SARS-CoV-2 pegou o mundo de surpresa e tomou o status de pandemia rapidamente, exatamente 71 dias depois de a Comissão Municipal de Saúde de Wuhan na China ter reportado um conjunto de casos de pneumonia em 31 de Dezembro de 2019¹⁸.

À época do pronunciamento oficial de que o mundo estava em pandemia, no dia 11 de Março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde na figura de seu direto-geral Tedros Adhanom Ghebreyesus, os casos conhecidos já chegavam a mais de 118 mil e a doença já tinha feito mais de 4.291 vítimas pelo mundo, espalhada por 57 países, sendo que 90% das infecções do mundo vinham da China, Itália, Irã e Coreia do Sul, países inicialmente com grande concentração de casos da doença.¹⁹

Os casos iniciais de infecção, no entanto, são incertos, mas devem ter acontecido cerca de dois meses antes de os primeiros casos de manifestação da doença terem aparecido depois de infecções no mercado de Wuhan na China; ou seja, o vírus já circulava na cidade chinesa e já tinha cruzado fronteiras por volta de janeiro de 2020.²⁰

¹⁷ SARS-CoV-2 é a sigla dada à síndrome respiratória aguda severa (do inglês, Severe Acute Respiratory Syndrom – Coronavirus - 2). A doença do coronavírus de 2019 é conhecida como COVID-19 (do inglês COroNaVirus Disease 2019 – COVID-19);

¹⁸ Segundo artigo publicado no dia 27 de abril de 2020 na página oficial da Organização Mundial de Saúde: <https://www.who.int/news/item/27-04-2020-who-timeline---covid-19>;

¹⁹ Vide em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghml>;

²⁰ Segundo pesquisa da Universidade de Kent lideradas pelo professor David Roberts, divulgada em 25 de junho de 2021 em reportagem do portal G1 de notícias e do época negócios. Vide em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/25/primeiro-caso-de-covid-19-pode-ter-surgido-na-china-em-outubro-de-2019-diz-estudo.ghml> e em

Nos Estados Unidos, os primeiros casos foram oficialmente reconhecidos no dia 20 de janeiro de 2020, segundo gráfico da organização das nações unidas. Pouco menos de dois meses depois, o país já era considerado o epicentro da pandemia no mundo, superando a China em número de mortes e infecções diárias pelo vírus, bem como a Espanha e a Itália, onde a pandemia foi dramática, pois a população italiana é uma das que mais idosas do mundo²¹.

Pouco antes, o presidente dos Estados Unidos da América em exercício, Donald Trump, disse em comunicado na Casa Branca que ²²“because all we’ve done, the risk to the American people remains very low” e “We’re ready to adapt and ready to do whatever we have to as the disease spreads, if it spreads. We’re very, very ready for this”²³. Ironicamente, a situação de estado de emergência que viveu o país logo depois parece ter destoadado da fala do presidente.

Já em plena emergência sanitária, o ex-presidente dos Estados Unidos defendeu o uso de hidroxiclolorocina para o tratamento da doença, remédio que fora comprovado ineficaz para o tratamento de COVID-19. Segundo reportagem da CNN assinada pela jornalista Gina Yu, durante seu pronunciamento no dia 14 de Abril de 2020, disse que ele mesmo tomaria a medicação se precisasse e incentiva as pessoas a tomarem. Nas palavras de Trump: “people should [take hydroxychloroquine]”²⁴ e “If it were me, in fact, I might do it anyway. I may take it .. I have to ask my doctors about that. But I may take it”.²⁵²⁶

É notória na própria fala do ex-presidente a preocupação em tomar uma medicação que ele ainda precisa “perguntar aos médicos dele”. Sua fala é cheia de modalizadores como “*might*” e *may*” que, em Inglês denotam incerteza, possibilidade remota, diferentemente do uso de “*can*”, que denota possibilidade real, capacidade para algo. Ou seja, o ex-presidente incentiva o uso de um medicamento que, além de ter sido comprovadamente ineficaz ao combate do vírus no organismo humano, nem ele mesmo confiaria plenamente a ponto de toma-lo, pois, enquanto diz que as pessoas “deveriam tomar cloroquina”, ele precisa consultar

<https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2021/06/pesquisadores-estimam-que-o-primeiro-caso-de-covid-19-ocorreu-em-17-de-novembro-de-2019.html>

²¹ Vide em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/italia-e-o-segundo-pais-com-mais-idosos-no-mundo.ghtml>.

²² “Por causa de tudo que temos feito, o risco para o povo americano continua baixo”. “Nós estamos prontos para adaptar e prontos para fazer o que tivermos que fazer tão logo a doença se espalhe, se se espalhar. Nós estamos muito, muito preparados para isso” (tradução minha)

²³ Ver em: <https://www.nbcnews.com/politics/donald-trump/trump-says-coronavirus-risk-americans-very-low-administration-effectively-handling-n1143756>.

²⁴ “As pessoas deveriam [tomar hidroxiclolorocina]” (tradução minha)

²⁵ “Se fosse eu, na verdade, eu poderia fazer isso de qualquer modo [tomar hidroxiclolorocina]. Eu talvez tome... eu tenho que perguntar aos meus médicos sobre isso. Mas eu talvez tome.” (tradução minha)

²⁶ Vide reportagem em: <https://edition.cnn.com/2020/04/05/health/trump-lupus-hydroxychloroquine-coronavirus-protection/index.html>.

seus médicos antes.

E a pandemia, enquanto o então presidente endossava o uso de tratamento precoce com medicamentos infecciosos e zombava o uso de máscara²⁷, trazia o caos para o sistema de saúde da terra do Tio Sam. O colapso do ²⁸sistema de saúde norte-americano escancarou as diferenças sociais já existentes no acesso à saúde pelos estadunidenses. Programas aprovados em 1965 no governo do então presidente Lyndon Johnson, o *Medicaid* e o *Medicare*, financiam os custos de saúde na rede privada, apesar de os programas terem uma cobertura incompleta, para a população mais carente. O primeiro é um plano estadual que se destina especialmente à população que comprove condição de pobreza. O segundo é um programa assumido pela esfera federal que é destinado aos aposentados, seus dependentes e portadores de doenças renais. Além disso, trabalhadores são cobertos por plano de saúde pelas empresas que assim o oferecerem. (Noronha e Ugá, 1995, 186).

A diferença no atendimento do tipo de plano que pobres e ricos possuem, sem falar nos que sequer possuem algum plano, acentuou-se com a situação de superlotação dos hospitais do país. Um dos casos conhecidos internacionalmente foi o de ²⁹Michael Flor, idoso de Seattle, que, depois de ter passado mais de dois meses no hospital, ficando quase um mês fazendo uso de respirador, conseguiu sobreviver. Um mês depois, porém, chega a sua casa uma conta de 181 páginas discriminando todos os gastos do hospital que totalizavam mais de 1,1 milhão de dólares (cerca de 5,9 milhões de reais na época).

Felizmente, os custos foram pagos pelo programa *Medicare*, mas assusta pelo valor cobrado. Não foi a sorte de muitos americanos que têm plano com cobertura precária³⁰ ou que

²⁷ Vide reportagem no jornal *New York Times*: <https://www.nytimes.com/2020/10/02/us/politics/donald-trump-masks.html>.

²⁸ O sistema de saúde estadunidense é composto por um conjunto de subsistemas que correspondem a uma clientela diferenciada com coberturas e planos igualmente diferenciados. De modo geral, o estado é fragmentado na assistência à saúde e fica responsável apenas pela vigilância epidemiológica e sanitária, na atuação do *Food and Drug Administration* e do *Center for Diseases Control*, ambos órgãos de o estado, além da provisão de casos médico-hospitalares específicos. O setor privado é o principal prestador de serviços de saúde no país, aos quais tanto os programas de governo citados quanto os planos de saúde das empresas são vinculados. (vide Noronha e Ugá, 1995, 188-190). No governo Obama, a sanção da lei *Patient Protection and Affordable Care Act* (ou lei de proteção e cuidado acessível ao paciente – tradução minha) popularmente conhecido como *Obamacare* pelos estadunidenses, ampliou o acesso à saúde no governo democrata. No governo republicano de Trump, a mesma lei foi enfraquecida por decretos que permitem a comercialização de planos de saúde básicos e a dispensa de controle de natalidade pelos planos (vide em <https://www.nbcnews.com/storyline/smart-facts/what-obamacare-n880136>).

²⁹ A citação desse caso é segundo reportagem do jornalista Pablo Xinménez do jornal *El País* disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-29/coronavirus-leve-ao-limite-o-caotico-sistema-de-saude-dos-estados-unidos.html>.

³⁰ Como foi o caso da nova-iorquina Janet Mendez que, depois de quase perder a vida para a COVID-19, teve uma conta hospitalar de mais de 400 mil dólares a pagar, sendo abatidos pouco mais de 326 mil dólares pelo que o hospital Mount Sinai Morningside chamou de “benefício de assistência financeira”. Ainda sobravam mais de

seque o têm. Durante a pandemia, o governo estadunidense aprovou um pacote bilionário que simulou um “plano de saúde universal” para os cidadãos, mas somente para uma doença, a COVID-19 e que, ainda assim, não fora suficiente para arcar com todos os custos do tratamento dos infectados que tiveram que, de alguma maneira, custear esse serviço.

Na Itália, por sua vez, chegou-se a conclusão de que o vírus já circulava desde setembro de 2019³¹. O primeiro caso conhecido, porém, é de 21 de Fevereiro de 2020. Um mês depois, o país já entrava em alerta sanitário e em uma crise sem precedentes. Ao passar pouco mais de um mês, a Itália já superava o número de mortos da China e tornou-se o epicentro da pandemia no mundo. Os ministros de Relações Exteriores e Saúde chegaram a declarar pouco antes que não havia perigo para o país e que o contágio era ínfimo, conforme a reportagem do jornal El País aqui citada.

A grande questão da Itália é que sua população é composta por uma grande quantidade de ³²idosos, público mais suscetível a desenvolver as formas graves da doença e necessitar de hospitalização, segundo Organização Mundial da Saúde. Segundo o jornalista Lucas Ferras da BBC News Brasil em ³³reportagem, o Instituto Superior de Saúde, órgão integrante do Ministério da Saúde da Itália, apontou que perfil dos infectados por COVID-19 no país tinha como características ser do sexo masculino e ter idade média de 63 anos. Com a superlotação dos hospitais italianos, não diferente da realidade de outros países, um grande dilema se instaurou: quem deve ser internado, o mais jovem ou o mais idoso?

O dilema ético e jurídico com os quais os médicos deparam-se foi tamanho que a Sociedade Italiana de Anestesia, Analgesia, Reanimação e Terapia Intensiva emitiu um documento com 15 “recomendações éticas” para médicos nas unidades de terapia intensiva que precisassem tomar uma “decisão difícil” diante do desequilíbrio da demanda e da oferta de recursos hospitalares disponíveis. O documento recomendava que fosse dada prioridade para os pacientes “com maior expectativa de vida” de acordo com o seu estado clínico.

Tão crítico quanto o estado de calamidade pública enfrentado no Brasil.. A pandemia por aqui chegou bem perto de uma época que reúne grandes aglomerações de pessoas, o Carnaval. O governo federal por meio do Ministério da Saúde afirmou que o primeiro caso foi comprovado no dia 26 de Fevereiro, um caso de um homem de 61 anos à época, morador de

75 mil dólares para serem custeados por uma mulher debilitada e desempregada à época (ver reportagem em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/jun/16/coronavirus-hospital-bill-healthcare-america>).

³¹ Segundo estudo do Instituto Nacional do Câncer da cidade de Milão, como mostra a reportagem do G1 em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/11/15/coronavirus-chegou-na-italia-antes-do-que-se-pensava-aponta-estudo-italiano.ghtml>.

³² Vide em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/italia-e-o-segundo-pais-com-mais-idosos-no-mundo.ghtml>.

³³ Vide em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51919755>.

São Paulo e que veio da Itália, considerado o primeiro caso do país e em toda América latina.³⁴

Apesar de o exame e a contraprova do idoso infectado terem dado positivo, o ministro da Saúde na época, Luiz Henrique Mandetta, afirmou que os passageiros daquele voo não iriam ficar em quarentena, com exceção de alguns que se encontravam perto do idoso infectado – na mesma fileira e na poltrona anterior.

Ainda, apesar do caso da pessoa vinda da Itália e dos já suspeitos à época vindos do exterior, o mesmo ministro chegou a declarar, segundo reportagem do G1 por Elida Oliveira e Brenda Ortiz, que “[...] não existe eficácia porque não existe eficácia nesse tipo de situação” e que os procedimentos nos aeroportos não seriam alterados, porque “não existe nenhuma tecnologia que possa nos dizer que quem está dentro de um avião possa estar com o vírus ou não”. A fala do ministro parece negligenciar uma das fases “simplistas” que Loureiro e Carvalho (2020) que dizem:

De forma bastante esquemática e simplista, a resposta à pandemia da COVID-19 poderia ser subdividida em quatro fases: contenção, mitigação, supressão e recuperação. A primeira fase, de contenção, inicia antes do registro de casos em um país ou região. Envolve, principalmente, o rastreamento ativo dos passageiros vindos do exterior e seus contatantes, visando a evitar ou postergar a transmissão comunitária (LOUREIRO e CARVALHO, 2020, p. 1)

O trabalho cita ainda os exemplos de Taiwan, Singapura e Hong Kong que, mesmo estando próximos à China, tiveram uma fase de contenção exemplar no que se refere à fase de contenção do impacto inicial da pandemia em seus países. Na contramão de medidas de contenção inicial de muitos países, no entanto, o Brasil seguia com aeroportos abertos para voos internacionais enquanto a COVID-19 espalhava-se pelo mundo e chegava ao país.

As medidas, que precisariam ser emergenciais, foram tímidas. Apenas em Maio de 2020 que a Anvisa – Agência Nacional de Vigilância Sanitária – divulgou um protocolo de procedimentos de embarque e desembarque de tripulantes de embarcações e plataforma. O que não houve, porém, foi o fechamento dos aeroportos. O então ministro da saúde chegou a dizer que não via a necessidade de fechar o Brasil para o mundo e que estariam observando o mundo ocidental com muita atenção e que não via motivo para tomar essa medida.³⁵ Enquanto isso, o Brasil foi sendo isolado pelas próprias medidas dos países da América do Norte e da Europa que fecharam seus aeroportos para o Brasil, dado o crescimento escalonado do número de casos por aqui.

Também em Março, antes do registro de mortes no país, o ex-presidente Jair M.

³⁴ Vide em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/26/ministerio-da-saude-fala-sobre-caso-possivel-paciente-com-coronavirus.ghtml>.

³⁵ Vide reportagem em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51966428>.

Bolsonaro dizia que: “A pandemia foi superdimensionada. A manchete amanhã. ‘Não tem carinho, não tem sentimento’. Tenho sentimento com todos que morreram. Mas foi superdimensionado. Tudo o que eu falei sobre o vírus lá atrás, e eu apanhava como um cão sarnento em porta de igreja, se comprova que é verdade agora. Até a isenção de impostos para vitamina D. Isolamento vertical, que não podia ser daquela forma. ‘Fique em casa, economia a gente vê depois’ – afundaram vocês. A política fácil, demagógica, vendo prefeito mandar soldar porta de lojas de ferro em São Paulo, algemar mulher na praia de biquíni. Só se vê isso em ditadura”.³⁶

Essa fala foi feita em viagem aos Estados Unidos e claramente se alinha com a posição de Trump, minimizando o poder catastrófico que o vírus poderia ter. Nas palavras do ex-presidente, o vírus parecia implantar uma “ditadura comunista”. Claro que tem a ver com o fato de o vírus ter vindo da China, país que se entende como parte comunista. “Comunismo” esse que fora usado como principal arma argumentativa nas campanhas de Bolsonaro para eleições de 2018 e com sucesso. Há muitos aspectos similares entre a eleição de 2018 e a de 2016 nos Estados Unidos, “principalmente no que concerne o candidato vitorioso, o uso de redes sociais e o fenômeno das *fake news* (BERNARDI e MORAIS, 2021, p.301)

Apesar de a negação da gravidade que a pandemia poderia representar não ter sido exclusivamente do governo brasileiro, muitas nações reconheceram a gravidade e voltaram atrás nas suas falas oficiais e não oficiais sobre a doença, enquanto que no Brasil, as falas oficiais, *lives* e entrevistas “corriqueiras” eram mantidas sem arrependimentos ou reconhecimento de “erros”. O jornal PODER360 de Brasília publicou uma reportagem em 26 de Fevereiro de 2022, assinada pela jornalista Vitória Queiroz, lembrando 30 frases de Bolsoanaro sobre a pandemia de COVID-19. Entre as mais “famosas” na nossa seleção, estão:

- 9 de Março de 2020 – “Está superdimensionado o poder destruidor desse vírus. Talvez esteja sendo potencializado até por questões econômicas”, disse o ex-presidente quando não havia mortes oficiais pelo vírus no país;

- 20 de Março de 2020 – “Gripezinha”. Disse o ex-presidente sobre a doença com 11 mortes oficiais;

- 20 de Abril de 2020 – “Eu não sou coveiro”. Disse o ex-presidente com 2.584 mortes de COVID-19;

- 28 de Abril de 2020 – “E daí, lamento. Quer que eu faça o que?”. Disse o ex-presidente sobre o recorde de mortes, número praticamente dobrou em uma semana e já eram

³⁶ Vide em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>.

5.050 mortes;

- 19 de Maio de 2020 – “Cloroquina” e “Tubaína”. Disse o ex-presidente numa entrevista ao jornalista Magno Martins, insinuando que pessoas de direita deveriam usar Cloroquina enquanto que de esquerda, tomar tubaína;

- 10 de Novembro de 2020 – “País de maricas”. Disse o ex-presidente com 162.829 mortes;

- 17 de Dezembro de 2020– “Se tomar vacina e virar jacaré, não tenho nada a ver com isso”. Disse o ex-presidente que sempre se mostrou contrário à vacinação obrigatória. Já eram 184.827 mortes;

- 11 de Fevereiro de 2021 – “O cara que entra na pilha da vacina é um idiota”. Disse o ex-presidente durante *live* nas suas redes sociais. Já eram 236.201 mortes;

- 4 de Março de 2021 – “Vai comprar vacina. Só se for na casa da sua mãe”. Disse o ex-presidente em Uberlândia (GO) sobre quererem que ele compre vacina, com 260.970 mortes;

- 4 de Março de 2021 – “Chega de frescura e mimimi”. Com o mesmo número de mortes anterior, em um evento em São Simão (GO);

- 14 de Maio de 2021 – “Se falar em cloroquina é crime, falar em maconha é legal”. Disse o ex-presidente, em referência ao projeto de lei 399 que aumenta o acesso de medicamentos à base de Cannabis. Já eram 432.628 mortes;

- 17 de Maio de 2021 – “Tem alguns idiotas que até hoje ficam em casa”. Com 436.537 mortes;

- 17 de Junho de 2021 – “Quem pegou o vírus, está imunizado”. Disse o ex-presidente em *live* que já se considerava imunizado depois de ter contraído a COVID-19. Já eram 496.004 mortes;

- 8 de Setembro de 2021 – “COVID apenas encurtou a vida delas por alguns dias ou algumas semanas”. Disse o ex-presidente em entrevista sobre pessoas com comorbidade que foram vitimadas pela doença. Já eram 584.421 mortes;

- 7 de Dezembro de 2021 – “Coleira que querem botar no povo brasileiro”. Disse sobre passaporte vacinal no Palácio do Planalto com 616.018 mortes;

- 24 de Dezembro de 2021 – “Não tá havendo morte de criança que justifique”. Disse sobre vacinação para as crianças, relacionando com o número de morte de crianças na época. O número de mortes total já era 618.392;

- 6 de Janeiro de 2022 – “Qual o interesse da Anvisa por trás disso?” Em entrevista à TV Nordeste, questionando sobre interesse da Anvisa na vacinação de menores. As mortes

totais da pandemia no país já alcançava o número de 619.641.

- 22 de Janeiro de 2022 – “Lamento profundamente, mas é um número insignificante”.
Numa conversa com jornalistas em Eldorado (SP).

Essa seleção de declarações do ex-presidente demonstra o quanto que suas posições andaram na contramão do que se esperava para elaboração de um plano de contingência e de organização logística e técnica para o combate da doença no Brasil. Ainda que fosse só uma questão de “falas irresponsáveis” ou “palavras ao vento”, o chefe do executivo de uma república não pode, pela moral e ética do seu cargo, proferir tamanhas nescidades.

Acompanhando as posições do então presidente estadunidense Donald Trump, Jair Bolsonaro foi além: não só defendeu a cloroquina e o chamado *kit covid* para tratamento dos sintomas da doença, mas tomou o que supostamente seria uma pílula de cloroquina em um vídeo nas suas redes sociais, logo após ter testado positivo para a COVID-19.³⁷ O espetáculo acontece enquanto o país aprofunda-se na crise sanitária causada pela doença, colocando o SUS em colapso, superlotando hospitais públicos já sem suprimentos médicos e sem leitos para os doentes e vitimando, em geral os mais pobres, que não tiveram acesso ao tratamento disponível na época para casos mais agudos da doença.

Não bastasse uma negação evidente do governo federal no sentido de assumir a seriedade da pandemia, especialmente no seu início aqui no Brasil, o período de emergência sanitária ainda foi marcado por escândalos de retardamento e corrupção na compra de vacinas, além de o Ministério da Saúde ter tido vários ministros nesse período, numa evidente demonstração de incompetência para o cargo ou de “discordância com o chefe do executivo” uma vez que ter posicionamentos e tomar ações à luz de conhecimentos científicos parecia ir contra os interesses do governo então vigente.

. Isso não quer dizer, entretanto, que são temas exclusivos do Brasil, até porque, a ocorrência de calamidade pública deu-se em praticamente todos os países em que a pandemia atingiu, de modo que problemas como superlotação de hospitais, escarceiz de suplementos médicos, fechamento de lugares em que circulavam grande número de pessoas, diminuição da atividade econômica, etc foram enfrentados pela maioria dos países afetados pela pandemia.

Continuaremos, nos subítens subsequentes desse texto, a descrever as questões que pensamos ter sido relevantes na pandemia de COVID-19. Vamos subdividir os que acreditamos ser temas de relevância sobre a pandemia, a saber: “As recomendações sanitárias às medidas preventivas: Quarentena, *Lockdown*, Distanciamento e “Isolamento social”, “Da

³⁷ Vide em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/07/interna_politica,870168/em-video-bolsonaro-toma-hidroxiclolorquina-e-diz-que-confia-na-medicac.shtml.

polêmica do tratamento precoce à vacinação”, tendo como centro o contexto brasileiro o vírus polemizado e suas variantes. Destacaremos o contexto brasileiro, que mais nos interessa pela nossa análise enunciativo-discursiva do nosso corpus, mas também trataremos em nível de pandemia as polêmicas que (in)surgiram enquanto condições únicas desse momento da história.

3.1.2 As recomendações sanitárias às medidas preventivas: Quarentena, *Lockdown*, Distanciamento e “Isolamento social”.

No período crítico da pandemia, o número de mortes aumentava drasticamente e foi destaque entre os principais assuntos dos jornais do mundo. O número de vítimas da COVID-19 era mais de 6,6 milhões no mundo, sendo mais de 691 mil mortes apenas no Brasil, segundo os ³⁸dados da OMS. Todos os dias eram contatos números de infectados, de hospitalizados em leitos simples ou de unidade de terapia intensiva, e de mortes.

No momento em que os hospitais ficaram lotados de doentes e o número de mortes aumentava dia após dia, chegando aos milhares e lotando igualmente os cemitérios, num cenário verdadeiramente apocalíptico, especialmente em países mais pobres, os governos de ³⁹vários países sancionaram medidas preventivas rígidas contra o avanço da COVID-19. Entre tantas medidas preventivas, como a obrigatoriedade do uso de máscaras em locais públicos, o uso frequente de álcool em gel e outras recomendações higiênicas, três medidas destacaram-se: a quarentena, o chamado *lockdown* e o isolamento social.

À medida que a doença espalhava-se pelo mundo em casos que se iniciavam com infectados que se deslocavam de um país para outro portando o vírus, a quarentena foi uma medida tomada pelos governos de países da Europa e outros, como os Estados Unidos, que, em virtude de manter suas relações internacionais e mesmo para receber os seus cidadãos de volta, precisaram restringir, mas manter o tráfego – seja aéreo, marítimo, etc – de pessoas e mercadorias.

A quarentena foi, dessa forma, a restrição do movimento de pessoas que podem ter sido expostas ao vírus, mas que não estão doentes, seja porque não foram infectadas ou porque ainda estão no período de incubação do vírus ou ainda porque devem estar assintomáticas. Ainda, sobre a eficácia da quarentena, ela é “mais bem-sucedida em

³⁸ Vide em <https://covid19.who.int/>. Os dados são de 22 de Dezembro de 2022.

³⁹ Especialmente os mais ricos como França, Itália, Inglaterra e Estados Unidos e os em desenvolvimento como o Brasil.

situações nas quais a detecção de casos é rápida e os contatos podem ser identificados e rastreados em um curto espaço de tempo” (AQUINO et al, 2020, p. 2425).

Países como os Estados Unidos e alguns países da união europeia como a Espanha ainda exigiam de seus visitantes um isolamento de pelo menos 14 dias antes de entrar no país. Medida como essa que, entretanto, no Brasil, não chegou a ser implementada com devido rigor para países europeus e norte-americanos.

Já o bloqueio – que, no Brasil, popularizou-se em Inglês pelo termo *lockdown* – também foi uma realidade no período ainda mais crítico da pandemia, no qual a circulação de pessoas representava grande chance de contaminação, especialmente para pessoas mais vulneráveis à morte, do chamado grupo de risco para a doença; entre elas, idosos, pessoas com comorbidades e imunossuprimidos.

O *Lockdown* é o caso mais extremo de distanciamento social ou contenção comunitária que

(...) se refere a uma intervenção rigorosa aplicada a toda uma comunidade, cidade ou região através da proibição de que as pessoas saiam dos seus domicílios – exceto para a aquisição de suprimentos básicos ou a ida a serviços de urgência – com o objetivo de reduzir drasticamente o contato social (AQUINO et al, 2020, p. 2426).

A versão à brasileira, porém, enfrentava o desafio de um país cuja desigualdade social era tamanha que não dava aos mais pobres a opção de ficar em casa, pois tinham que trabalhar para se manter. Não ouve escolha para essa parcela, até então invisível, da sociedade: era morrer de fome ou de COVID-19? Sem falar no fato de que essa população, por ser subnutrida; ou seja, não ter uma alimentação minimamente balanceada de nutrientes importantes para uma saúde de qualidade, era vítima do desemprego estatal e ironicamente criticada por não ter como ficar em casa.

Essas pessoas não eram sequer alcançadas pelo governo, pois não tinham acesso à internet, *smatphone*, conta bancária e mesmo documentos; ou seja, eram realmente invisíveis. Havia cerca de 34 milhões de brasileiros, o que corresponde a cerca de dez porcentos da população do país, sem acesso a serviços bancários, segundo o ⁴⁰Instituto Locomotiva. O *loquindáum* era possível, dessa maneira, apenas para as classes médias e altas da sociedade brasileira. Logo, era privilegiado quem podia ficar em “isolamento social” e, claro, essa situação não se restringia apenas ao contexto do Brasil.

Mas, será que houve, de fato, isolamento social – sem aspas? Bem, podemos dizer que houve um distanciamento físico, o quanto possível, entre os que então podiam manter-se distante, mas o mundo atual é superconectado pela tecnologia da rede de computadores que

⁴⁰ Ver em: <https://valorinveste.globo.com/produtos/servicos-financeiros/noticia/2021/04/27/34-milhoes-de-brasileiros-ainda-nao-tem-acesso-a-bancos-no-pais.ghml>

não isolou – apenas distanciou fisicamente – uma parcela da sociedade. O distanciamento físico também foi regra – prevista em leis como a ⁴¹1635/20 – quando havia a necessidade de ir ao banco ou ao supermercado, por exemplo.

O “isolamento social”, na verdade, manteve as pessoas ainda mais conectadas e online. Mais aproximou do que isolou. Os grandes shows continuaram reunindo multidões nas *lives*. As empresas adaptaram na medida do possível o trabalho para ser feito em casa. Os encontros entre amigos continuaram acontecendo nas redes sociais, em chamadas de grupos por vídeo. Enfim, Isolamento Social, num sentido mais profundo, sofrem – e sofreram ainda mais na pandemia – aqueles que estão excluídos do mundo digital.

3.1.3 Da polêmica do tratamento precoce à vacinação.

Não faltaram “teorias” acerca do vírus e de seu aparecimento. Nem mesmo o fato de que a cepa do novo coronavírus que causa a COVID-19 já existia na natureza e que era apenas desconhecida pelo homem, já que outros vírus da família corona já eram conhecidos pela ciência, foram suficientes para convencer e evitar verdadeiras “teorias da conspiração” sobre o aparecimento do vírus.

Por um lado, havia hipóteses científicas de como o vírus teria chegado a infectar o homem e, por outro, multiplicavam-se as “teorias da conspiração” de que o vírus fora criado em laboratório na China para “quebrar” com o sistema capitalista, por exemplo. Vamos chamar essas “teorias da conspiração” de *fake news*, nos moldes do debate que fizemos anteriormente, pois entendemos que são notícias – *news* – e, por isso, reivindicam um valor de verdade – *fake* – e que aparecem também pelo rompimento da distinção da natureza do verdadeiro/falso, como foi discutido.

Com uma rapidez inesperada e muito questionada, foi-se tendo explicações empíricas na literatura científica sobre esse novo vírus, mas o tempo era também um inimigo: uma pessoa depois de infectada poderia ir a óbito em pouco tempo se não fosse tratada. Mas como se não havia, inicialmente, qualquer tratamento? A partir disso, temos o tratamento precoce, que foi tido como a “solução de emergência”, sem embasamento na literatura científica – pois, não havia ainda – para tentar tratar infectados sintomáticos de COVID-19.

⁴¹ Lei aprovada em 2020 de autoria do deputado federal André Figueiredo – PDT/CE.

Mas o tratamento precoce era receitado por ⁴²médicos na medida em que estes reconheciam ação de medicamentos que poderiam ser eficazes para combater a infecção. Quatro medicamentos foram grandes destaques no tratamento precoce de COVID-19, são eles: ibuprofeno, azitromicina, ivermectina e cloroquina. A indústria farmacêutica, a que mais ganha com o tratamento precoce, viu seus estoques desses medicamentos desaparecerem rapidamente. As vitaminas D e zinco, compostos que fortalecem o sistema imunológico, também foram alvos de grande consumo.

A primeira polêmica foi com relação à admissão de ibuprofeno para o tratamento de COVID. A OMS recomendou a não utilização do medicamento, que é anti-inflamatório e antitérmico, para tratar a doença baseado no posicionamento do ministro francês sobre uma ⁴³pesquisa divulgada na revista *Lancet* com pacientes chineses e que concluiu que o medicamento melhorava os receptores do vírus que se ligavam às células.

Dois dias depois, no entanto, a OMS volta atrás e emite um comunicado informando não haver evidências científicas suficientes para não recomendar o medicamento. O ministério da saúde, por sua vez, mantém a recomendação anterior de evitar o ibuprofeno, substituindo, se possível, por paracetamol e dipirona, antitérmicos mais comuns entre os brasileiros.

A azitromicina e a ivermectina foram ambas descartadas pela OMS para tratamento precoce da COVID-19 em Março de 2021, segundo ⁴⁴reportagem divulgada pela CNN Brasil. Mas fica o questionamento: por que, então, as pessoas continuavam acreditando em tratamento precoce se o discurso da instituição que possui um lugar oficial científico era justamente contrário quanto ao uso desses medicamentos? Por que acreditavam no que “ouviam falar” no que “circulava no *What’sApp* ou mesmo em estudos iniciais inconclusivos do que na instituição que fala pela por toda a comunidade científica da saúde?

Simplesmente a crise das ciências, de todas elas e que não é de hoje, foi um desafio no enfrentamento à pandemia, muito especialmente por se tratar de um vírus que causava uma

⁴² Como exemplo, encontramos um protocolo de tratamento precoce e profilaxia à infecção de COVID-19, assinado por seis médicos, do município de Taquarussu – MS. Esse protocolo é embasado, por sua vez, na nota informativa 009/2020 do Ministério da Saúde com orientações para o manuseio de medicamentos, até a época sem eficácia cientificamente comprovada, para tratamento precoce de pacientes com diagnóstico de COVID-19. O Conselho Nacional de Saúde – CNS – manifestou-se em repúdio à orientação e fez pedido de retirada da nota do sistema do Ministério da Saúde. O protocolo do município está disponível ao público e pode ser acessado em: <https://www.taquarussu.ms.gov.br/site/wp-content/uploads/2020/08/PROTOCOLO-TRATAMENTO-COVID-19-TAQUARUSSU-2020.pdf>

⁴³ Ver reportagem sobre a pesquisa em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/17/oms-recomenda-nao-usar-ibuprofeno-para-tratar-covid-19.ghtml>

⁴⁴ Ver reportagem em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/covid-19-o-que-a-ciencia-ja-descartou-no-tratamento-da-doenca/>

doença sobre a qual não se tinha, inicialmente, qualquer estudo científico conclusivo e não se tinha tempo para fazê-los. Os cientistas corriam contra o relógio para dar respostas ao mundo sobre quais terapias os médicos deveriam tratar seus pacientes após a infecção. E a resposta que o mundo mais queria estava na forma de uma vacina contra a COVID-19.

Nunca se foi tão vigiada, pelos olhares dos telespectadores que tomam e que não tomam vacina, o processo de produção de um imunizante quanto foi o de COVID-19. O fato de o processo ter sido mais rápido que o usual para a produção de uma vacina gerou ainda mais desconfiança de verdadeiros “cientistas de domicílio” que avaliavam a eficácia das vacinas por seus microscópios a *pixels* e davam seus vereditos baseados na produção científica do *zap*.

Os testes com uma vacina precisavam ter eficácia acima de ⁴⁵50% (cinquenta por cento) definida pela OMS e pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, para que essa vacina fosse aprovada. Dado o estado de calamidade sanitária que o mundo estava vivendo, no entanto, esse processo que, em geral, tem duração de ⁴⁶10 anos, precisaria ser mais veloz. O fabricante do imunizante da Oxford, por exemplo, diminuiu esse tempo de 10 anos para 10 meses.

Isso causou espanto e desconfiança por parte da população, mas cientistas como ⁴⁷Viviane Maiomoni Gonçalves foram categóricos: as vacinas são confiáveis e eficazes. Na página oficial de tira dúvidas do Instituto Butantan, a pesquisadora inclusive explica que: “Parece que a vacina saiu rápido, mas não foi bem assim. Se você contar o tempo em que a tecnologia para combater o vírus foi desenvolvida, são pelo menos 20 anos (...)”. A pesquisadora explica ainda que tecnologia para o combate do vírus que causa a Síndrome Respiratória Aguda Grave (da sigla em Inglês: SARS) já existia desde 2003, quando houve o primeiro surto de coronavírus.

As vacinas, como já comentamos, passaram por uma “avaliação” de alguns que, sem embasamento científico, descredibilizavam as vacinas por terem sido “elaboradas rápido demais” e associavam seus efeitos colaterais a estapafúrdios como AIDS, câncer ou mesmo “brincando” de “virar jacaré”. As vacinas contra COVID-19 foram validadas pela opinião

⁴⁵ Essas informações constam no *site* oficial da Fiocruz e podem ser acessadas em:

<https://www.fiocruz.br/noticias/outros/7353-entenda-como-e-medida-a-eficacia-de-uma-vacina>

⁴⁶ Segundo as informações disponíveis no <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/a-velocidade-com-que-foi-criada-a-vacina-da-covid-19-e-motivo-de-preocupacao-especialista-do-butantan-responde>

⁴⁷ É pesquisadora e diretora do Laboratório de Desenvolvimento de Vacinas do Butantan. Ver portal oficial do Butantan com esclarecimentos da pesquisadora em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/a-velocidade-com-que-foi-criada-a-vacina-da-covid-19-e-motivo-de-preocupacao-especialista-do-butantan-responde>

daqueles que acompanharam o seu processo e a prova disso é o número de vacinados no Brasil: foram mais de ⁴⁸493 milhões de doses aplicadas até o dia 2 de Dezembro de 2022, com mais de ⁴⁹80% da população com o ciclo vacinal completo de duas doses.

Dito isso, vamos a seguir abordar uma questão que muito nos interessa na nossa pesquisa que se refere à escrita em ambiente digital na situação da pandemia.

3.1.4 A escrita em ambiente digital: uma realidade do contexto pandêmico?

Com o fechamento das escolas e universidades, a educação viveu o quadro que talvez tenha sido um dos mais dramáticos de seus tempos: como seguir com a escolarização nas condições de distanciamento social impostas pela pandemia? As escolas não podiam funcionar – e continuaram assim por muito mais tempo do que os comercios – e o abismo entre a educação básica privada – que detinha todo o aparato tecnológico para continuar à distância – e a pública – que possuía pouca ou nenhuma condição de funcionar à distância, pois um dos motivos era a falta de acesso a essas tecnologias pelos alunos – começou a aparecer silenciosamente.

Apareciam realidades distintas: enquanto uma parte mais abonada discutia a legalidade da escolarização em casa, o chamado *homeschooling*; a outra, menos favorecida, nada discutia já que as famílias dos estudantes, em geral com pouca escolarização, sequer possuíam os bens materiais – livros, computadores, celulares, acesso à internet, etc. – tão necessários para manter os estudos em casa.

Ao passo desse contexto entre extremos, as escolas tentavam adaptar-se às medidas impostas pela pandemia e se reinventaram para vender seu produto: as salas de aula físicas foram substituídas por salas de aula virtuais em plataformas como o *Google Classroom*, *Google meet* que exigiam, inclusive, outras habilidades de professores e estudantes no sentido de se adaptarem aos novos regimes de educação à distância (EAD).

Entre essas habilidades discentes no contexto da EAD está a escrita das atividades propostas nas aulas à distância, que se deslocou para o ambiente das plataformas digitais cujas implicações vão além de um novo tipo de erro a ser considerado ao escrever/digitar – o erro de digitação – mas sim como esses estudantes, a partir do discurso que circulam socialmente (especialmente virtualmente) são interpelados em posição-sujeitos da sua escrita digital.

⁴⁸ Segundo contagem da OMS disponível no seu site oficial em: <https://covid19.who.int/region/amro/country/br>

⁴⁹ Segundo a contagem feita pelo G1 até 22 de dezembro de 2022 e disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>

Duas questões são as que nos trazem a discutir esse subtópico: 1) Até que ponto essa escrita tem sido uma realidade restrita ao contexto pandêmico? e 2) quais são as implicações discursivas que uma materialidade digital traz para a AD? Vamos nos movimentar no sentido de discutí-las de forma imbricada para trazer luz a essas indagações.

A primeira questão sobre a qual nos endagamos leva-nos a pensar que a escrita digital tem como base a evolução de novas “técnicas de escrituras”, que não coloca em causa a escrita, mas introduz procedimentos novos dela no campo da informática, como pensa Orlandi (2001, p.79). Com o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação – as chamadas TIC’s – as relações de escrita ganharam o que Dias (2016) chama de digitalidade que seria

compreendo que a digitalidade pode contribuir, na medida em que se a textualidade diz respeito à tessitura dos elementos que formam um texto, que é considerado em Análise de Discurso como uma unidade imaginária significativa, composta por palavras e/ou imagens e/ou ícones e/ou sons etc, a digitalidade corresponderia a tudo isso, no digital. A digitalidade é a unidade significativa correspondente a diferentes processos de significação cuja matéria significativa é o digital. (...) Nessa perspectiva, quando algo é significado pelo/no digital: uma palavra, uma imagem, um som, um ícone, mas também uma loja, um museu, uma biblioteca, uma cidade, um jornal, uma rádio, uma escola, uma universidade, um encontro, um casamento, uma terapia, um protesto, etc. é porque tem digitalidade. (DIAS, 2016, p. 14)

Acrescentamos, portanto, que o enunciado também figura entre o que pode ser significado no/pelo digital, reconhecendo o enunciado como uma função enunciativa, tal como Foucault (2008) o entende, mas como uma função enunciativa digital que, nesse sentido, contém uma digitalidade, já que seu processo de significação constrói-se numa materialidade digital. A “materialidade digital” é caracterizada, portanto, não somente pelo seu material apresentar-se em plataformas digitais ou de forma on-line, mas pela sua discursividade (DIAS, 2016, p. 16).

Dessa forma, os discursos da pandemia que circulam socialmente atravessam o digital e circulam digitalmente – nas escritas de jornais digitais, nos blogs, nas redes sociais, nos aplicativos, e na escrita de estudantes pelas plataformas digitais de ensino utilizadas na pandemia.

Assim, temos a escrita digital como materialidade antes mesmo do período pandêmico: as instituições de ensino, especialmente as privadas, já estavam conectadas com a realidade das TIC’s, de como a comunicação se fazia, para especializar e atualizar seu produto frente às práticas do sujeito moderno e digital. Um exemplo dessa atualização é a chamada Educação 2.0. (explicar educação 2.0). Na pandemia, no entanto, a diferença era que o digital precisava substituir totalmente o presencial, pois não se podia dividir mais o mesmo espaço físico. O que era feito nas escolas em termo de atividades planejadas com tecnologia virou o

próprio cotidiano. Foi no cotidiano que o digital tornou-se/substituiu uma realidade presencial.

Por fim, os discursos materializados em escrita digital não se opõem, dessa maneira, às dimensões sócio-históricas e políticas que constroem seus sentidos, de modo que os sujeitos que escrevem estão igualmente inscritos nessas condições de existência e possibilidades dos enunciados que criam.

3.2 As modalidades linguísticas.

Os estudos sobre modalidade e modalização, primordialmente desenvolvidos pelos estudos de Lógica de Aristóteles, podem se referir a uma gama de teorizações de interesse de três principais áreas: A própria Lógica, a Semiótica e a Linguística (Darrault, 1976, p. 3, Apud Neves, 2006). Ainda, a escolha pela terminologia “modalidade” ou “modalização” coloca-nos em comprometimento com diferentes bases teóricas no âmbito da gramática tradicional (NEVES, 2006), de modo que:

A gramática tradicional reconhece dois grandes componentes na sentença: o componente proposicional (P), constituído de sujeito + predicado (=dictum), e o componente modal, que é uma qualificação do conteúdo e da forma de P, de acordo com o julgamento do falante (=modus). Esse julgamento (...) expressa-se de dois modos: (1) o falante apresenta o conteúdo proposicional numa forma assertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não-polar) e jussiva (imperativa ou optativa); (2) o falante expressa seu relacionamento com o conteúdo proposicional, avaliando seu teor de verdade ou expressando seu julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização desse conteúdo. Designa-se habitualmente a função (1) por modalidade e a função (2) por modalização (KATO e CASTILHO, 1991, p. 409).

Ou seja, a modalidade é entendida como as formas assertivas, interrogativas e jussivas pelas quais aparece o julgamento do falante sobre uma dada sentença. Entretanto, para os estudos linguísticos de enunciação, tanto modalidade quanto modalização seriam equivalentes, pois “ambos são construídos simultaneamente” (NEVES, 2006). O julgamento em dizer, portanto, que “André vacinou-se contra COVID-19” é feito por determinado modo de forma que ambos caracterizam a modalidade ou modalização do dito, não sendo separáveis.

Os estudos sobre modalidade linguística, apoiados pelos estudos da Lógica, foram se desenvolvendo de modo a considerar diferentes asserções, o que resultou em variadas nomenclaturas para modalidade na área da linguística, dependendo do tipo de estudo que era feito. A própria definição para o termo “modalidade” depende do enfoque teórico que é dado pelo linguista. Segundo Meunier (Apud Neves, 2006):

O termo (modalidade) é saturado de interpretações, que surgem explícitas ou não, dependendo como os linguistas que o utilizam: de acordo com a lógica, a semântica, a psicologia, a sintaxe, a pragmática ou a teoria da enunciação. Consequentemente, há pontos de vista linguísticos para os termos desses estudos (...) “modos” gramaticais; tempos; aspectos; auxiliares de “modalidade”(…); negação; tipos de frases; verbos “modais”; (...) advérbios modais (MEUNIER, 1974, p. 8 Apud NEVES, 2006 p. 53)

Considerando a pertinência de delimitar o nosso enfoque, precisaremos localizar a modalidade dentro dos estudos enunciativos, dada a nossa necessidade de analisar o enunciado escrito como uma forma linguística delimitada e única, como propõe Foucault (2008), mas que, além de se relacionar com outros enunciados, funciona como o discurso em sua unidade.

Para essa primeira análise enunciativa – no intuito de uma análise enunciativo-discursiva do enunciado – situaremos a definição de modalidade em Culioli (1971) para as análises que pretendemos fazer aqui. Segundo esse autor, a modalidade é construída numa relação prediativa do sujeito (S_0) da enunciação. Em decorrência disso, o enunciador faz uso de marcadores temporais, de aspecto, de modalidade ou de determinação de nomes sempre ao enunciar, de modo que se aproxima ou se distancia do objeto de conhecimento de acordo com modo pelo qual modaliza o enunciado. Sempre que enuncia, o enunciador não só exprime seu ponto de vista, mas também – e ao mesmo tempo – se posiciona em relação ao que diz e a quem se dirige na relação prediativa.

Para Culioli (1971, p. 26), a modalidade afeta o enunciado como um todo, pois é uma categorial gramatical que pode ser marcada em um verbo, um advérbio, um adjetivo, etc. Por mais que entendesse que o estudo da modalidade merece um quadro complexo de seus tipos, reduziu para quatro os tipos de modalidade na sua análise das línguas naturais. Segundo o autor:

Modalizar significa “atribuir uma modalidade” e modalidade será percebida aqui no sentido quádruplo de (1) afirmativa ou negativa, injuntiva etc. (2) certo, provável, necessário, etc. (3) apreciativo: “é triste que...; felizmente”. (4) pragmático em particular, modo alocutário; resumindo, o que implica uma relação entre sujeitos. (CULIOLI, 1968, p. 112 – tradução minha).

Portanto, Culioli (1968) pensou as modalizações, ou os valores modais, como categorias de: 1) asserção: afirmação, negação, interrogação, etc; 2) categorias epistêmicas: certo/não certo, provável, necessário, possível, contingente, etc; 3) categorias de apreciação: (in)felizmente, claro que, terrivelmente, etc; 4) categoria de relações intersubjetivas, que são mais complexas, pois dependem de relações entre sujeitos.

Segundo Fuchs (1984, p. 77), Culioli também rejeita três grandes oposições clássicas: língua/discurso (dando espaço à problemática da linguagem e das línguas), sintaxe/semântica/pragmática (dando espaço à problemática das operações predicativas e

enunciativas) e, por fim, da função referencial/funções subjetivas (em prol de uma problemática da coenunciação).

A noção de língua na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Culioli não é, portanto, aquela que toma língua como um sistema distinto de quem enuncia ou das condições de sua enunciação, nem mesmo do que se considera “fala”, “performance” ou “discurso”. Dessa maneira, a noção de língua nessa teoria distancia-se de concepções instrumentalistas sobre a língua e a linguagem, considerando; então: “uma abordagem mais versátil, que procura trabalhar precisamente no ponto de articulação entre a língua e o discurso, no “fazer-se discurso”, quer dizer, no executar-se das operações construtoras da significação dos enunciados” (FUCHS, 1984, p. 77).

Essa noção sobre a língua/discurso traz, como entendemos, implicações teóricas que levam as discussões propostas por Culioli para uma abordagem que supera a estrutura linguística, articulando o SE, o coenunciador e as condições externas à língua – as próprias condições de enunciação – numa problematização dos três no universo da linguagem.

Le Querler (Apud NEVES, 2006, p. 65) entende a modalidade como a “expressão da atitude do locutor ao reportar-se ao conteúdo proposicional de seu enunciado”. Le Querler exclui, dessa forma, a asserção simples, pois não possui marcas de atitude do locutor. Ou seja, uma asserção dita “simples” marca uma intenção do enunciador (pedido, ordem, conselho, etc.).

Essa autora faz, ainda, um resumo de como a Linguística estuda as modalidades a partir da influência das teorias Lógicas, separando em seis modalidades que veremos a seguir, nomeadamente: 1) assertórica: relativa a uma asserção simples, que pode ser positiva, negativa, injuntiva, etc na qual o enunciador coloca-se em relação predicativa; 2) deôntica: que se refere ao aparecimento de uma regra moral, social a ser seguida; 3) epistêmica: marcada pelo domínio do certo, da dúvida, do saber e da crença; 4) temporal: relativa aos marcadores de tempo anexados à asserção simples; 5) axiológica: que se refere a um juízo apreciativo que aparece no enunciado e 6) volitiva: que marca o desejo do sujeito, com verbos como crer, esperar, etc.

No nosso trabalho, recorreremos aos principais tipos de modalidade pensados por Culioli (1971) já mencionados aqui, nomeadamente: assertórica, epistêmica, apreciativa e intersubjetiva. Agrupamo-las de modo a relacionarmos as explicações que se seguem nos próximos subtópicos. Ademais, não nos aprofundaremos na teoria enunciativa de Benveniste (1991) uma vez que almejamos discorrer sobre apenas um aspecto do enunciado – a modalidade – da qual os estudos enunciativos culiolianos, na sequência da proposta de

Benveniste – tentam dar conta, considerando a modalidade linguística dentro do quadro de estudos enunciativos desse autor.

Outra observação igualmente relevante sobre como Culioli (1999) investiga as modalidades dentro das representações da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas é a compreensão de que a modalidade pode operar de duas maneiras: 1) Na relação entre o SE com a relação prediativa, ou seja, com o enunciado que ele constrói a partir do seu conhecimento de mundo e 2) Na relação entre o SE com o coenunciador, ou seja, nas suas relações intersubjetivas. O SE está, portanto, sempre em destaque nas análises sobre modalidade uma vez que esta é articulada de tal forma pelo sujeito que mobiliza sentidos em seus enunciados.

Não pretendemos aqui, ainda, fazer uma ampla revisão da literatura da obra Culioliana: nosso olhar será delimitado por como o autor entende alguns tipos de modalidade dentro da sua Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas que considera a modalidade uma operação de determinação que ocorre na configuração semântica das representações, na construção de valores referenciais e na localização das posições enunciativas dos sujeitos.

3.2.1 As modalidades assertórica e epistêmica.

A asserção é marcada como um ato ilocucionário com a finalidade de comprometer o ouvinte, receptor da mensagem, com a verdade da proposição e apresentar “um estado de coisas do mundo”, segundo o ponto de vista teórico de John R. Searl (2000, 136). Ainda para esse autor:

(...) Todas as assertivas têm a direção de ajuste palavra-mundo, e a condição de sinceridade das assertivas é sempre a crença. Toda assertiva é expressão de uma crença. O teste mais simples para identificar as assertivas é perguntar se o proferimento pode ser literalmente verdadeiro ou falso. Uma vez que as assertivas podem têm direção de ajuste-mundo, elas podem ser verdadeiras ou falsas (SEARL, 2000, p. 136)

Para os estudos semântico-enunciativos de Culioli, no entanto, não se trata de aferir se uma asserção é verdadeira ou falsa: a questão da asserção estaria, para ele, na sua construção enunciativa e nas relações predicativas – sejam positivas, negativas, injuntivas, etc – estabelecidas de modo a se aproximar ou distanciar do objeto do conhecimento.

Isso nos faz entender, portanto, sobre a modalidade epistêmica. Por epistêmico, entendemos que se trata do conhecimento ou do que se conhece. Nessa modalidade, o enunciador cria asserções, positivas ou negativas, na relação prediativa. As asserções positivas (do domínio do “certo”) caracterizam-se por uma validação da relação prediativa

ou uma não-validação (asserções negativas, do domínio do “não certo”) (NEVES, 2006, p.75).

Isso nos faz entender, portanto, sobre a modalidade epistêmica. Por epistêmico, entendemos que se trata do conhecimento ou do que se conhece. Nessa modalidade, o enunciador cria asserções, positivas ou negativas, na relação predicativa. As asserções positivas (do domínio do “certo”) caracterizam-se por uma validação da relação predicativa ou uma não-validação (asserções negativas, do domínio do “não certo”). Entre o domínio “certo” e do “não certo”, há ainda o domínio da dúvida – ou do quase-certo (NEVES, 2006, p.75-76) – marcado pelo valor modal do verbo “poder”, por exemplo, ao dizermos: “Pode chover daqui a pouco”.

Por fim, a asserção simples, segundo o que defende Culioli (1971), não é entendida como uma modalidade zero, cuja existência seria improvável, uma vez que toda asserção, seja afirmativa, negativa, injuntiva, etc, coloca o enunciador, sujeito do seu enunciado, numa relação de julgamento com o seu objeto do conhecimento, com o que diz.

3.2.2 As modalidades apreciativa e intersubjetiva.

A apreciação sobre determinado objeto de conhecimento em um enunciado pode ser entendida como a opinião ou o juízo de valor demonstrado em um enunciador sobre o objeto que se está enunciando. Podemos perceber, de modo geral, as modalidades, como a apreciativa de dado enunciado através da escolha de marcadores como adjetivos, advérbios e verbos.

Um exemplo seria um enunciado como “Infelizmente, milhões de pessoas morreram de COVID-19”, no qual o advérbio de modo “infelizmente” marca a apreciação – de lamentação – do enunciador sobre a relação predicativa que ele enuncia. Esse exemplo é um tipo de modalidade apreciativa que recai sobre um valor modal assertivo (= “milhões de pessoas morreram de COVID-19”) na enunciação.

Temos outro exemplo de construção de modalidade apreciativa quando há uma validação de uma relação predicativa construída numa outra enunciação a partir de expressões impessoais, como no exemplo: “é lamentável que milhões de pessoas tenham morrido de COVID-19” na qual a expressão impessoal “é lamentável que” atribui o valor apreciativo de outra enunciação (= “milhões de pessoas morreram de COVID-19”) de modo que, nesse segundo caso, não há valor modal de assertivo e sim de apreciação de uma relação predicativa construída em outra enunciação.

Esse entendimento sobre a modalidade apreciativa diverge do de Bakhtin (2006, p. 16) que, por sua vez, reflete que não há enunciação sem modalidade apreciativa, ou seja, toda enunciação tem uma modalidade apreciativa antes de qualquer outra modalidade. Não existe enunciado sem valor apreciativo e, portanto, cada elemento da enunciação contém um sentido e uma apreciação.

Já a modalidade intersubjetiva caracteriza-se pela relação entre o SE e o sujeito do enunciado, na qual o SE age sobre o sujeito do enunciado, levando-o a realizar determinado processo. Esse valor modal é encontrado em enunciados que exprimem ordem, desejo, pedido, permissão, etc. (NEVES, 2006, p. 84).

Um exemplo estaria no par de enunciados: 1) É necessário que os funcionários tomem a vacina contra COVID-19 e 2) Os funcionários devem tomar a vacina contra COVID-19. Imaginando que os enunciados foram construídos em uma relação de trabalho em uma empresa, em que o enunciador é o chefe e os coenunciadores são funcionários, temos um valor de obrigação que é próprio da relação entre o SE e os sujeitos coenunciadores.

Entendemos, dessa maneira, as seguintes operações subjacentes à formação do valor modal intersubjetivo do enunciado 1: a) a construção da relação predicativa; b) a construção de uma relação interagentiva – marcada pela expressão “É necessário” – na qual o sujeito da enunciação age sobre o sujeito do enunciado (os funcionários). Já para o enunciado 2, teríamos: a) a construção da relação predicativa; b) a construção de uma relação interagentiva – marcada pela ocorrência do verbo “dever” no indicativo, na qual o sujeito da enunciação age sobre os do enunciado (os funcionários).

Ainda, a relação de agentividade pode ser construída duplamente na mesma situação de enunciação, como em: “O chefe deve exigir que os funcionários tomem a vacina contra a COVID-19” cujas relações de agentividade subjacentes ao valor de obrigação são: a) uma relação deôntica, na qual o SE age sobre o alvo deôntico (os funcionários) no sentido de impor uma obrigação, dirigindo seu comportamento, tal como no exemplo 2 anterior, na qual a agentividade é validada na mesma enunciação com o verbo “dever”; b) uma relação de transição visada, na qual o alvo deôntico (os funcionários) é agente na segunda relação que é construída como validável – e não validada, como anteriormente – no plano enunciativo.

Entre os marcadores desse tipo de modalidade estão as formas feitas com o verbo “ter de/que” e formas verbais no imperativo. Por fim, Neves (2006, p. 86-87) faz um resumo sobre as noções da teoria Culioliana no que se refere à construção da modalidade que valem nosso comentário: 1) Ao enunciar, o sujeito constrói-se como SE, ao mesmo tempo que define seu espaço-tempo e identifica um sistema referencial; 2) esse sistema faz parte da enunciação e

não é exterior a ela; 3) esse sistema localiza estruturas abstratas que o SE constrói na e pela enunciação. O enunciado é resultado dessa localização; 4) Dessa relação de localização do SE, resultam valores que exprimem tipos de relação entre o SE e a relação predicativa subjacente ao enunciado; 5) entre os tipos dessa relação, ou tipos de modalidade, Culioli identifica a modalidade epistêmica (escala de valores assertivos), apreciativa e intersubjetiva.

Interessa-nos, em especial, as operações que decorrem os itens 3, 4 e 5 de modo a investigarmos nos enunciados as marcas de modalidade que recaem sobre os elementos linguísticos que constituem o enunciado, em especial, seus valores assertóricos e epistêmicos, seus valores apreciativos e seus valores intersubjetivos, para prosseguirmos a análise enunciativo-discursiva desejada do nosso corpus. Não ignoramos, ainda, os processos de enunciação da sua construção ao seu resultado enquanto enunciado; a situação enunciativa é parte constitutiva do enunciado tanto quanto as condições de produção são do discurso.

Vamos agora adentrar na discussão mais ao discurso, entendendo a importância de se considerar o enunciado nesse movimento de “fazer-se” discurso.

3.3 PS na análise enunciativo-discursiva.

Vimos até aqui como a modalidade, considerada categoria gramatical que atinge todos os elementos de um dado enunciado, constrói-se e é observada no quadro da teoria de Culioli (1971). A construção da modalidade, que acontece *pari passu* a construção da própria enunciação cuja localização do SE resulta no enunciado, demonstra-nos no nível linguístico a relação semântica entre o SE, seus coenunciadores e sua situação de enunciação. Os tipos de modalidade linguística são variados, como mencionamos, a depender do olhar analítico do linguista e de seu estudo. Segundo Valentim (2004), a modalização é um dos temas menos tratados nos estudos linguísticos, mas na área da Lógica, é mais privilegiado. A pergunta que nos é feita a partir disso é a seguinte: como tratar a modalidade nos estudos linguísticos realizados sobre o discurso?

Pêcheux (1969) faz um movimento revisionista dos métodos de análise científica das ciências humanas com o projeto de criticar o seu fazer científico e propor um instrumento pelo qual elas pudessem se servir. Entendendo o estado das ciências humanas como pré-científico, amarrado pelo positivismo de métodos científicos das ciências naturais, o francês propõe seu instrumento científico, ideologicamente localizado na revisão do Marxismo por Althusser com vistas à teoria das ideologias, para repensar a língua saussuriana e formular um novo objeto: o discurso.

O projeto de Pêcheux, ainda que não fosse talvez sua atenção principal, deixou aberta a possibilidade de usar o seu instrumento não só como método de análise cujo resultado concentrasse no ideológico na luta de classe, de modo que ele pensou sobre as formações imaginárias como lugares – que seriam posições – de sujeito na conjuntura social.

Mas, como isso pode lançar luz à pergunta solta anteriormente? Ora, Pêcheux estava atento aos estudos de A. Culioli, com o qual trabalhou sobre a questão dos determinantes e do qual pegou por empréstimo o termo léxis do qual derivou seu esquema com oito lugares “resultante da aplicação de uma forma (portadora de determinações e de valores modais) a uma estrutura morfossintática” (GADET; LÉON; MALDIDIER; PLON, 1997, p. 46-47). A modalidade, entendida na relação construída do SE com seus coenunciadores em dada situação enunciativa, pode ser considerada, em seus tipos e formas, como a marcação de subjetividade indicativa, portanto, da posição-sujeito observada num dado enunciado.

Para tanto, algumas considerações precisam ser destacadas para uma análise enunciativo-discursiva (ou, no nosso caso, uma análise discursiva com entrada no enunciado) das posições-sujeito: 1) Não importa saber sobre quem é o indivíduo, o ser humano que, pela enunciação, construiu um dado enunciado; 2) Importa saber quais modalidades foram mobilizadas no ato de enunciar e que acontecem na língua, pois a sua descrição é relevante no sentido de descrever as posições de sujeito; 3) Importa ter como base uma noção de língua que não seja utilitarista, mas que seja associada à noção de discurso, no sentido de língua enquanto materialidade discursiva, o meio do discurso; 4) Importa ter como base uma noção de enunciado como unidade mínima do discurso, que se relaciona com outros enunciados e, portanto, com outros discursos interdiscursivamente, considerando o não-dito, o silenciado, o implícito, o opaco.

A primeira consideração faz-se por não entender o sujeito como aquele da consciência que escreve ou que fala ou o autor de uma formulação, mas sim como “uma posição que pode ser ocupada, sob certas condições, por indivíduos indiferentes” (FOUCAULT, 2008, p. 130). A segunda consideração faz-se por estarmos partindo da Linguística (no nosso caso específico, da ocorrência da modalidade no enunciado em língua inglesa, na perspectiva de Culioli). Seria diferente se se partisse da História, ou da Sociologia, ou da Psicologia, ou de outra ciência.

A terceira consideração faz-se pela área da AD, disciplina da macrolinguística, aqui mobilizada para a análise e, por fim, a quarta consideração faz-se pela necessidade de se “analisar o(s) discurso(s) considerando o enunciado”, ou seja, chegar ao(s) discurso(s) a partir da descrição das formas internas e externas do enunciado, entender suas ligações com outros

enunciados, outros discursos. O enunciado é a unidade do discurso. Faz-se, ainda, pela consideração da História, da Sociologia e da Psicanálise como áreas que figuram na interdisciplinaridade da AD.

As PS interpretáveis pela análise enunciativo-discursiva decorrem, portanto, de uma descrição que pode ser feita, na nossa visão, a partir das modalidades epistêmicas, apreciativas e intersubjetivas que propõe Culioli (1971) e por uma descrição do enunciado nos moldes que propõe Foucault (2008) na sua abordagem arqueológica.

A seguir, vamos discutir as noções de lugar social e lugar discursivo que se fazem imprescindíveis para o nosso entendimento sobre a noção de PS – AAD de Pêcheux (1998), como forma de lançar ainda mais luz ao que chamamos de posição-sujeito e como esse autor, que é considerado como precursor da AD francesa, vê essa noção.

3.3.1 As noções de lugar social e lugar discursivo na AD.

O sujeito da AD francesa, a qual nos filiamos aqui, é sempre tomado independente do indivíduo, ou seja, é diferente de um sujeito empírico e legitimamente autêntico. É o sujeito do discurso e do inconsciente, que sofre a determinação do lugar social que ocupa, da história e da ideologia.

A noção de lugar social é entendida como o lugar que o sujeito empírico “habita”, ou seja, são os lugares sociais que os indivíduos desenvolvem e mantêm a partir dos seus laços sociais: lugar de professor, médico, aluno, pai, mãe, etc. É a partir desse lugar social que o indivíduo, pelo funcionamento de processos discursivos, é interpelado em sujeito do discurso. O indivíduo, a partir do lugar social que ocupa, obtém uma formação discursiva que confere o seu lugar discursivo.

Ambos os lugares social e discursivo são constituídos ao mesmo tempo de modo que um o lugar social determina o lugar discursivo, enquanto que o lugar discursivo estabiliza e mantém, pelo discurso, o lugar social. Um não é anterior ao outro e nem são constituídos separadamente, já que o lugar social é instituído e legitimado por uma prática discursiva, por um sujeito num lugar discursivo e o lugar discursivo, por sua vez, só existe discursivamente por ser efeito de um lugar social que o determina e o coloca dentro de determinado domínio discursivo.

Tenhamos como exemplo os lugares sociais de professor e de médico. Esses lugares assim os são como conhecemos – em suas práticas, em seus comportamentos e atitudes – a partir dos lugares discursivos que os indivíduos, interpelados em sujeito pelo discurso,

enunciam seus dizeres. Assim como o professor, o médico atende a determinadas instituições sociais de onde se fala que projetam as imagens de médico e de onde um domínio discursivo funciona validando, ao mesmo tempo, esse lugar social.

É importante destacar, entretanto, que Pêcheux (1995) vai depois entender que a formação do sujeito do discurso é uma interpelação discursivo-ideológica que se efetua com a identificação com a formação discursiva que o domina, ou seja, o autor reconsidera essa questão na AAD e coloca a formação discursiva – e não o lugar social por si só – como determinante da formação do sujeito do discurso, de modo que deve ser dada atenção à formação discursiva que interpela em sujeito do discurso.

3.3.2 A noção de PS em Pêcheux

É coerente dizer que a AAD proposta por Pêcheux está marcada dentro do propósito do autor de pensar o discurso enquanto objeto de uma análise cujo âmago é o ideológico, mas também é coerente pensar sobre um contraponto na AAD que se refere às “condições de produção” da sua própria obra. Sobre isso, Paul Henry (1997) descreve:

Em 1966, era publicado nos *Cahiers pour l'analyse* (...) um texto que tinha como título “*Réflexions sur la situation théorique des sciences sociales, spécialement de la psychologie sociale*”. Este texto era assinado por Thomas Herbert, mas, na verdade, era a primeira publicação de Michel Pêcheux. Algum tempo depois, era publicado sob o mesmo pseudônimo um segundo texto: “*Remarques pour une théorie générale des idéologies*”. No intervalo entre a publicação destes textos assinados por Thomas Herbert, surgiram dois artigos sobre a análise do discurso, ambos assinados por Michel Pêcheux: (...) À primeira vista, não há nenhuma relação clara e evidente entre os textos assinados por Thomas Herbert e os dois últimos, relativos à análise do discurso. Do mesmo modo, se percorrermos *L'analyse automatique du discours* (publicado em 1969), poderíamos pensar que Michel Pêcheux e Thomas Herbert era duas pessoas realmente distintas, tendo preocupações e pressupostos bem diferentes (HENRY, 1997, p. 13)

Nesse início do seu artigo sobre os fundamentos teóricos da AAD, Henry contextualiza o curioso fato de Michel Pêcheux utilizar-se de pseudônimo para escrever textos que, na observação de Henry, não tinham relação com a AAD, assinado como Michel Pêcheux. Poderia ser um pensamento ingênuo, se não colocasse, de maneira direta, o contraponto supracitado: a AAD desloca-se da obra de Pêcheux para, não somente criticar os métodos de análise das ciências sociais, mas propor um instrumento científico pelo qual elas pudessem se valer.

Tal instrumento científico deixou aberta, seja por um inconveniente ou um propósito real na AAD de Pêcheux, a possibilidade utilizá-lo como uma ferramenta empírica. Foi o que aconteceu, apesar de Pêcheux (1997) ter se preocupado e tentado impedir esse desvio do seu

instrumento, que foi concebido como um “Cavalo de Tróia” que causou uma reviravolta nas ciências sociais análoga ao que Foucault tentou fazer com a arqueologia em relação à história das ideias. (HENRY, 1997, p. 36).

Entendendo esse contexto, coloquemos a questão nesse subtópico: como figura a noção de sujeito – entendido como uma posição – no pensamento de Pêcheux? Primeiramente, vamos voltar à noção de lugar, representado no processo discursivo pelas letras A e B no esquema informacional de Pêcheux, determinados na estrutura da formação social, que o autor diz poder ser descrito pela Sociologia. São, ainda, lugares representados que são designados como tal por “uma série de formações imaginárias” (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

Esses lugares - A e B – são representados no processo discursivo por uma série de formações imaginárias. Tais formações são que designam as imagens que os lugares A e B atribuem a si ao outro, de modo que o autor entende que existam regras de projeção da formação social que “estabelecem as relações entre as situações (obviamente definíveis) e as posições (representações dessas situações)” (PÊCHEUX, 1997, p. 82-83). Além disso, o autor considera que tais relações não são biunívocas, ou seja, diferentes situações podem corresponder a uma mesma posição e diferentes posições podem representar uma só situação e que essa ocorrência não é ao acaso e depende da análise da investigação que é feita.

A seguir, temos o quadro ilustrativo que consta na AAD, que resume e exemplifica as hipóteses levantadas por Pêcheux (1997):

Figura 2: Quadro da AAD 1

	Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subtende a formação imaginária correspondente
A	$I_A(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	$I_A(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
B	$I_B(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
	$I_B(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para que me fale assim?”

Fonte: Livro AAD (1995)

É efetivamente a relação de diferentes lugares sociais instituídos por lugares discursivos que se sustentam simultaneamente dentro da conjuntura social. Pêcheux (1997, p.83) reflete que todo processo discursivo supõe a existência dessas formações imaginárias. Assim sendo, a formação de I (imagem) que é feita de A para si mesmo e em relação a B e vice-versa, depende, até aqui, dos lugares sociais ocupados por A e B na conjuntura social.

Acrescentando o referente R, que representa o “contexto” ou “situação” que igualmente constituem as condições de produção do discurso, teremos R também figurando na formação de I, apresentado no próximo esquema na AAD:

Figura 3: Quadro da AAD 2

	Expressões que designam as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A	$I_A(R)$	“Ponto de vista” de A sobre R	“De que lhe falo assim?”
B	$I_B(R)$	“Ponto de vista” de B sobre R	“De que ele me fala assim?”

Fonte: Livro AAD (1995)

Temos, nessas primeiras reflexões, do autor o princípio do que iria desenvolver sobre PS e formação discursiva. O “ponto de vista” tal como está disposto entre aspas, indica não uma propriedade sobre a visão de R, mas o funcionamento dos processos discursivos que interpelam o sujeito em um lugar discursivo.

O lugar discursivo relaciona-se com as noções de Forma-Sujeito – o conjunto de saberes institucionalizados em uma formação discursiva; o sujeito do saber – e de PS. Como vimos, mais adiante na sua teoria, Pêcheux desenvolve a noção de formação discursiva que, no estado da luta de classe, determina o que pode ou deve ser dito.

Assim, em seus escritos de 1975, desenvolve a noção de PS levando em consideração que: 1) considera que o sujeito do discurso só pode/tem de dizer o que está inscrito na sua formação discursiva; 2) apesar de 1, o sujeito do discurso move-se para vários lados, ora em

direção a uma voz, ora em direção a outras vozes, especialmente em discursos cuja característica é a heterogeneidade, em que diferentes ordens do saber e sujeitos atuam.

A partir dessas duas considerações, o autor considera que o sujeito move-se para diferentes posições, apesar de qualquer determinação. As posições que o sujeito do discurso pode assumir são chamadas de posições-sujeito, que designam a relação de identificação que se dá entre o sujeito que enuncia e o sujeito do saber - a Forma-Sujeito.

Portanto, a noção de PS é volátil: é no espaço entre o lugar social e o lugar discursivo que o sujeito do discurso faz movimentos – afastando-se ou aproximando-se de determinadas Formas-Sujeitos, ou seja, de determinados conhecimentos na sua formação discursiva – que o posicionam sobre determinado saber.

É importante, igualmente, ter a noção de discurso heterogênea – bem como a noção de formação discursiva – no sentido de entender que o assujeitamento de um sujeito do discurso – que o leva a uma posição na sua formação discursiva – pode sofrer diferentes determinações uma vez que sua formação discursiva é atravessada por uma série de discursos complexos e contraditórios, na qual a relação com a interpelação ideológica pode levar a mesma ou diferentes posições no discurso.

A seguir, vamos discutir agora a noção PS em Foucault, na qual nos alicerçaremos, especificamente no que se refere à descrição dos enunciados proposta na obra *Arqueologia do Saber*.

3.3.3 Descrição enunciativa em Foucault na análise da projeção de PS.

A crítica empreendida por Michel Foucault à História das Ideias causou, não há dúvida, uma ruptura no que se refere ao modo como a história, confundida até mesmo com a construção do próprio saber, era contada e estabelecida como “verdade” em percursos lineares e contínuos.

Outra reflexão também está numa mudança epistemológica no que a obra oferece como “metodologia científica”. Claro, uma crítica à conjuntura do saber que a História Geral produzia deveria vir com um método pelo qual o “arqueólogo-estruturalista” pudesse observar e descrever os discursos do saber histórico de modo colocá-los em relação e descrever rupturas e descontinuidades do conhecimento na perspectiva uma “lupa histórica” de modo a traçar uma nova ordem epistêmica.

Foucault serve-se de características estruturalistas, apesar de negar com veemência a sua filiação, de modo geral, a esta corrente teórica. Declarou em entrevista, no entanto, que o

que tentou fazer foi: “introduzir análises de estilo estruturalista em domínios dos quais elas não haviam penetrado até o presente, ou seja, no domínio da História das Ideias, da história dos conhecimentos, da história da teoria” (FOUCAULT, 2011, p. 62). O filósofo, ainda assim, não se dá a uma rigidez ou positivismo estruturalista e empreende uma discursividade crítica sobre a epistemologia.

O francês buscou, então, um método de investigação que permitisse a construção de um novo pensamento sobre a história e sobre o conhecimento. Encontrou, a partir disso, a forma do enunciado, e com ele, o discurso, que figuram o pincel de um trabalho de escavação delicado que esconde epistêmes e histórias antigas, deslineares e irregulares.

Para Foucault (2011), a prática científica não reproduz, mas produz verdades, de modo que a sua reflexão sobre a epistemologia não é sobre a revelação através da ciência de verdades ocultas pela aparência dos fenômenos e sim sobre descrever como o estado das condições históricas de determinadas práticas científicas vieram a existir e institucionalizou uma racionalidade dominante, um modo de pensar hegemônico, numa dada época. Essa reflexão também não deixa de fora as práticas científicas consideradas “erradas” ou que não figuraram no discurso dominante instituído como verdade, pois elas também fazem parte desse “regime de racionalidade” (RAGUSA, p.171-172, 2021).

Nesse sentido, a obra da arqueologia, ao passo que criticava a História e a prática científica tal como estavam postas, traçou um caminho que ofereceu às ciências sociais e humanas um método arqueológico de análise que considera o enunciado como unidade mínima do discurso.

É muito certo que uma análise arqueológica – bem como a metáfora com o trabalho de um arqueólogo sugere, de um trabalho delicado – demanda total esmero e cuidado, não sendo compatível uma divisão com outros trabalhos alternativos. Entende-se, pela prática da profissão, que o arqueólogo necessita de grande paciência no exercício das suas funções, pois essa falta pode comprometer a eficácia, por exemplo, de uma escavação em um sítio arqueológico. Não sabemos se um arqueólogo consegue acumular outras funções, mas certamente, o seu trabalho já demanda muito.

No sentido da delicadeza do trabalho, Foucault então toma o enunciado como objeto de análise e formula seu “método” pelo qual podemos descrever o enunciado, considerando uma série de características que resolvemos enumerá-las para melhor explanação:

1) O enunciado, tomado como “átomo do discurso” é diferente de uma proposição, como definem os lógicos. Também não equivale totalmente à frase, pois para Foucault (2008, p. 93), não parece possível definir o enunciado pelos caracteres gramaticais de uma frase; e

nem a um ato de fala ilocutório, sendo que se pode precisar de muitos enunciados para um desses atos, não sendo possível uma relação biunívoca entre o conjunto dos enunciados e dos atos ilocutórios (FOUCAULT, 2008, p. 94)

2) Foucault (2008) colocou o enunciado em relação com a proposição da lógica, com os critérios gramaticais da frase e com os atos de fala para concluir que não vê no enunciado critérios estruturais para defini-lo, de modo que o entende como uma função enunciativa, uma função de existência pertencente ao signo.

Quanto a essa função enunciativa, a qual o enunciado não é considerado sob a perspectiva estrutural como um sintagma, um conjunto de signos, ou que possua uma regra construtora, mas sim pela noção de função que faz existir esse conjunto de signos e que atualizam essas regras; Foucault (2008, p. 100-101) considera que:

3) Um enunciado não reaparece. Não mantém a mesma relação que um sintagma nominal tem com o que o designa. Diferente disso: o enunciado mantém com o que enuncia uma relação singular e se reaparece – com as mesmas palavras ou com a mesma frase – seriam as mesmas palavras e frases, mas não o mesmo enunciado.

4) Um enunciado não possui um correlato: o seu referente é o conjunto de possibilidades postas em jogo no próprio enunciado. É através desse domínio de possibilidades que o enunciado “faz de um sintagma, ou de uma série de símbolos, uma frase a que se pode, ou não, atribuir um sentido, uma proposição que pode receber ou não um valor de verdade” (FOUCAULT, 2008, p. 103).

5) O sujeito do enunciado é diferente do sintagma linguístico. Não é o elemento gramatical de primeira pessoa presentes na frase. Também não é idêntico ao “autor” da frase, o indivíduo que a escreveu ou proferiu. Descrever um enunciado trata-se, portanto, não de analisar o “autor” pelo que enunciou, mas sim determinar a posição que o indivíduo deve ocupar para ser sujeito.

6) Todo enunciado existe para um domínio associado. Isso que o distingue da proposição e da frase, de maneira que todo enunciado relaciona-se com outros enunciados em suas “margens”. Essa relação entre as “margens” enunciativas são mais gerais, disposta numa rede verbal, determinante do efeito do contexto.

7) Todo enunciado deve ter uma existência material, uma superfície que registra os seus signos: uma imagem, uma frase, um gráfico, etc.

Para Foucault (2008), a descrição do nível enunciativo deve ser diferente de uma análise formal ou de uma investigação semântica, mas uma análise que descreva as relações entre os enunciados e os espaços de diferenciação que o enunciado faz aparecer. Assim,

Foucault (2008) sugere três categorias pelas quais possa ser possível uma descrição enunciativa e que utilizaremos para nossa análise nesse trabalho: a raridade, a exterioridade e o acúmulo.

O efeito de raridade de um enunciado é considerado, no lugar de entendê-lo dentro da diversidade do que é dito, na perspectiva de:

(...) uma espécie de grande texto uniforme, ainda jamais articulado e que, pela primeira vez, traz à luz o que os homens haviam “querido dizer”, não apenas em suas palavras e seus textos, seus discursos e seus escritos, mas nas instituições, práticas, técnicas e objetos que produzem. (FOUCAULT, 2018, p. 134)

Para descrever a raridade de um enunciado, é preciso levar em consideração que: 1) nem tudo é sempre enunciado em uma língua natural, as relações entre os elementos linguísticos são sempre limitadas, pois não se esgota suas possibilidades de formulação; 2) os limites dos enunciados em relação ao que não está dito e que o torna raro; 3) não há, nessa análise, reduplicação do enunciado ou uma série de enunciados que pudessem ocupar o seu lugar, pois cada enunciado tem um lugar único; 4) por serem raros, é necessário multiplicar os sentidos internos do enunciado para interpretá-lo. Interpretar é “uma maneira de reagir à pobreza enunciativa e de compensá-la pela multiplicação de seus sentidos” (FOUCAULT, 2018, p. 136).

A análise da exterioridade dos enunciados, por sua vez, coloca os enunciados à sua dispersão para analisá-los em sua descontinuidade. Para tanto, é preciso: 1) tomar os enunciados como lugar de acontecimentos e regularidades; 2) que o sujeito não seja tomado como individual e sim como um “campo anônimo”; 3) entender que as séries sucessivas dos enunciados não obedecem à temporalidade da consciência, já que “o tempo dos discursos não é a tradução, em uma cronologia visível, do tempo obscuro do pensamento” (FOUCAULT, 2018, p. 138).

Para a consideração da exterioridade na descrição enunciativa, quem fala não importa para a análise e sim o que fala, pois o que é falado não é dito de qualquer lugar, de forma que a descrição centra-se, aqui, num “diz-se”, num conjunto de coisas ditas, regularidades e transformações entre esses dizeres.

Por fim, a descrição enunciativa analisa o acúmulo dos enunciados que Foucault (2008) denomina metaforicamente e esclarece como acompanhar o texto:

(...) ao longo de seu sono, ou, antes, de **levantar os temas** relacionados ao sono, ao **esquecimento, à origem perdida**, e de procurar que **modo de existência pode caracterizar os enunciados**, independentemente de sua enunciação, **na espessura do tempo** em que subsistem, **em que se conservam, em que são reativados, e utilizados**, em que são, também, mas não por destinação originária, esquecidos e até mesmo, eventualmente destruídos. (FOUCAULT, 2008, p. 139-140, destaques nossos)

Ou seja, o que parece ser uma intenção de análise não é determinar somente um acúmulo de enunciados dispostos temporalmente, mas entender como eles se rearranjam de modo a se manterem conservados, sendo, porventura, até reativados, atualizados no enunciado, ou mesmo esquecidos e destruídos, como entende Foucault.

Para realizar essa descrição, ainda é necessário ter em mente que: 1) é necessário considerar o enunciado na sua remanência, ou seja, seria o rastro que fica de outros enunciados. Encontrar a remanência de um enunciado não significa encontrar o que se queria realmente dizer, mas sim descrever traços que foram conservados graças aos suportes, técnicas materiais, instituições e modalidades estatutárias; 2) é preciso considerar a aditividade, que corresponde ao agrupamento que enunciados sucessivos; 3) é preciso considerar, por fim, o fenômeno de recorrência, que situa um campo de elementos antecedentes em relação ao enunciado, bem como os reorganiza e redistribui a partir de relações novas.

A partir da obra da descrição enunciativa de Foucault (2008), pretendemos aqui utilizar os critérios de raridade, exterioridade e acúmulo para nossa análise enunciativo-discursiva de modo a descrever as posições-sujeito dos enunciados em língua inglesa em nosso trabalho. Abordaremos, na sequência, a particularidade da língua inglesa tomada como materialidade discursiva na nossa pesquisa.

3.3.4 Considerações sobre a língua inglesa como materialidade.

Ao pensarmos a língua como materialidade, tanto na formação do enunciado como interação do processo de localização do sujeito que enuncia quanto no funcionamento discursivo que nele e por ele – o enunciado – opera e existe, logo retornamos à questão de como o sujeito constitui-se como tal na linguagem.

Nos pressupostos da AD francesa, o sujeito é determinado na linguagem pelas suas condições históricas e sociais e interpelado ideologicamente pelo discurso. A noção de língua, por sua vez, é marcada por ser falha e imperfeita, não dando conta do “todo” do sujeito e da linguagem. Dessa maneira, a posição de sujeito na qual somos interpelados também é entendida na sua falha e incompletude, pois se caracteriza por ser não ser estável, ou seja, está sempre em movimento, em direção a uma ou outra posição, o que acusa essa característica de instabilidade.

Quando o indivíduo está aprendendo uma língua diferente – uma LA à língua materna – temos, não uma constituição de outro sujeito, mas uma reconfiguração desse sujeito (AIUB,

2021, p. 555), que é marcado pelas características da língua que está aprendendo. Tais características referem-se a outras formas de dizer, não somente uma “tradução” ao que é dito em língua materna.

Nesse sentido, a aprendizagem de outros dizeres, no contato com língua e cultura adicionais, passa pela “visão de mundo” do sujeito na própria língua materna, que é a primeira língua na qual o indivíduo estrutura-se na linguagem como sujeito. Com efeito, o estranhamento ou a identificação desse sujeito em língua materna na aprendizagem de uma língua adicional pode, a partir de determinações culturais e sociais, reverberar, não somente na aprendizagem, mas na interação em LA.

Não tratamos essa reverberação, no entanto, como efeito sempre negativo. Segundo Celada (2008):

O processo de aprender outra língua “implica que essa outra língua e os saberes que ela pode supor entrarão em relações (de captura ou de identificação, de resistência, de confronto) com a malha de uma subjetividade já inscrita em determinadas filiações de sentido” (CELADA, 2008, p. 149)

Pensando a língua inglesa no seu status de poder na conjuntura do sistema econômico e social que vivemos, podemos deslocar esse pensamento da autora para interpretar dois grandes motivos pelos quais se aprende o Inglês como LA:

1) Aprende-se o Inglês com o sentido de “prosperar” dentro da ordem econômica e social na qual a interação nessa língua está entre as majoritárias, vinculada ao sentido de “língua internacional” ou “língua de mercado”, no seio de relações sociais neoliberais nas quais a língua inglesa é privilegiada, por exemplo, divulgação científica e tecnológica. Não é difícil ouvir insanidades do tipo “só é ciência se estiver em Inglês”, não somente em Inglês, mas circulando entre línguas europeias como Português, Francês e Espanhol que concorrem na “livre concorrência” das línguas europeias.

2) Aprende-se Inglês com o sentido de “resistir”, que estaria mais com o sentido de “existir criticamente”, pois a interação em inglês faz-se relevante para dizer o que, nessa língua, pode não estar sendo dito por causa da ordem social e econômica na qual ela foi ideologicamente inscrita e a qual está socialmente e historicamente vinculada.

No entanto, talvez não se encontre tão facilmente o que se descreve em 2, especialmente por estarmos todos submersos na sociedade cuja ordem econômica e social são àquelas ditadas pelas relações sociais liberais na qual precisamos ‘prosperar’. Mas vale a comparação, por exemplo, com a política linguística – se é que se pode assim nomear – dos

Estados Unidos na segunda guerra, no que ficou conhecido como ⁵⁰*Army Method* de aprendizagem de línguas, que fora desenvolvido para que os soldados americanos aprendessem a língua dos seus inimigos. A mensagem parece ser simples: aprende-se uma língua também como forma de resistir.

Mas, o que essa configuração sócio-histórica e econômica tem a ver com língua inglesa como materialidade? E com a formação do sujeito do discurso nessa língua? É preciso entender a materialidade em língua inglesa dentro dessas condições sócio-históricas e não ignorá-las na formação das subjetividades que “precisam” aprendê-la. Esses dois grandes motivos precisam ser entendidos em um assujeitamento, já que o processo de aprender uma língua adicional requer um assujeitamento às formas de dizer e aos sentidos possíveis na outra língua. (CELADA, 2008, p.149).

Ainda, não se pode ignorar a formação discursiva do sujeito em língua materna numa materialidade dos discursos em língua inglesa, pois o sujeito sofre a determinação da sua língua materna e, na aprendizagem de uma língua adicional, reconfigura-se ao conjugar outra visão de mundo, ao aprender outras formas de dizer, mas nunca se “desfaz” do sujeito do discurso em língua materna.

Como vamos poder observar nesse trabalho, as condições de produção em língua materna ficarão bem claras não enunciados aqui analisados, especialmente pela forma como o material didático modalizou a escrita dos estudantes. Isso posto, iniciaremos, no tópico a seguir, a descrição do quadro metodológico da nossa pesquisa, explicitando de onde foi coletado o corpus de análise e características fundamentais desse corpus: a sua proveniência institucional, a coleta do material do qual o nosso corpus é destacado e a escolha feita pelo nível linguístico dos colaboradores e pela seleção dos enunciados que foram analisados.

⁵⁰ *Army Method* foi como se popularizou o método de aprendizagem de línguas dos norte-americanos, especialmente utilizado pelos soldados para aprendizagem de línguas na segunda guerra mundial na década de 40 e no período pós-guerra na década de 50. O método, baseada no estudo da língua falada e nos estudos da Psicologia e da Fonética, é marcado pela grande produção científica em Linguística Aplicada nos Estados Unidos. (mais detalhes em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/Qz6gBTNtdY6qBx6qkCbR6Xz/?lang=pt&format=pdf>)

4 SOBRE O QUADRO METODOLÓGICO DA PESQUISA: DA COLETA DO MATERIAL DE ESCRITA EM INGLÊS À SELEÇÃO DOS ENUNCIADOS

A pesquisa foi realizada com a colaboração de 7 (sete) estudantes de língua inglesa que estudavam no nível avançado no curso de inglês oferecido pelo curso de extensão “Núcleo de Línguas e Cultura”. Os estudantes, que não tinham ciência da pesquisa até então, responderam duas questões referentes aos assuntos gramaticais da estrutura da língua inglesa, sobre os quais já haviam estudado durante o curso, do livro de atividades do seu material didático.

Identificaremos os fragmentos escritos dos estudantes nas figuras de Es1 a Es7 e os enunciados, que fazem parte do nosso corpus de análise, estarão destacados em retângulo azul e serão identificados como En1 a En29. Vamos, nos subtópicos a seguir, especificar e detalhar essa descrição metodológica, iniciando pelo curso de extensão onde os colaboradores estudam a língua inglesa.

4.1 O curso de extensão

O Centro de Línguas Estrangeiras é um projeto de extensão vinculado à Universidade Federal do Maranhão – UFMA Campus Dom Delgado – e coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEC da universidade, em execução no Núcleo de Cultura Linguística – NCL – com localização no centro de São Luís – MA. O curso funciona há mais de 30 anos oferecendo para comunidade acadêmica, entre discentes e servidores da universidade, e comunidade local, cursos de línguas como Inglês, Francês, Espanhol, Italiano, Grego e Libras.

Os cursos não são gratuitos, possuindo uma taxa semestral para manutenção do projeto que é paga à UFMA, além do material financiado pelos alunos. Os materiais utilizados para línguas como Inglês, Francês, Espanhol e Italiano são importados e todos nas suas respectivas línguas. O projeto de extensão, ainda, disponibiliza um número de bolsas para os universitários do campus Dom Delgado que desejem cursar uma das línguas oferecidas pelo projeto sem custo da semestralidade, apenas arcando com o valor do material do seu material para acompanhar o curso.

O quadro de monitores das línguas ensinadas no curso é constituído, em sua maioria, de discentes do curso de Letras nas suas respectivas línguas estrangeiras: Inglês, Espanhol e Francês, que passam por seleção para integrar o projeto, além de professores do quadro efetivo da UFMA Campus Dom Delgado.

As atividades do curso de extensão sempre ocorreram presencialmente, mas, devido à emergência da pandemia de COVID-19, as atividades presenciais foram todas suspensas por decreto federal e os cursos de língua passaram a ser ministrados via plataforma *Google meet* e suas atividades escritas eram realizadas de maneira digital pela plataforma *Google Classroom*.

Por fim, o curso de língua inglesa era composto por nove módulos, sendo cinco módulos de nível básico, dois de nível intermediário e dois de nível avançado. Cada módulo possuía o período de duração de seis meses, de modo que o aluno completa o curso no período de quatro anos e meio. Essa configuração do curso é diferente para cada língua.

Descreveremos, a seguir, mais sobre o procedimento da coleta do material e a escolha pelo nível avançado de onde dos colaboradores dessa pesquisa.

4.1.1 Sobre a coleta do material

O material foi coletado em Junho de 2021 com a colaboração de oito estudantes da turma ADVANCED 1 – primeiro nível avançado do curso de língua inglesa. Os estudantes do curso responderam as atividades de escrita que se encontravam no material didático que utilizavam pela plataforma *Google Classroom*, na qual eles usavam o recurso do pacote *Office - Word* para responder em seus computadores diretamente na plataforma.

Depois que responderam as atividades, os estudantes tomaram ciência da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) permitindo o uso de seus materiais para as análises dessa pesquisa e dessa forma, os materiais com as respostas às atividades foram baixados da plataforma.

Vamos, na sequência, explicar o motivo pelo qual escolhemos esse nível de aprendizagem – avançado – para nossa pesquisa.

4.1.2 A opção pelo nível avançado

A pergunta que nos leva a essa explicação é a seguinte: em que esse nível – avançado – permite-nos analisar melhor as práticas de escrita em língua inglesa? Vamos refletir sobre os seguintes pontos para respondê-la:

1) Objetivamos analisar os enunciados de modo a descrever os discursos e suas PS que tomam a língua inglesa como língua adicional como sua materialidade.

2) Precisamos reconhecer, em uma interação escrita em língua inglesa como língua adicional, uma organização dos elementos linguísticos minimamente mais elaborada, com

traços de modalidade linguística “bem elaborados” no que se refere à estrutura frásica, à disposição dos elementos linguísticos todos, ali, sob a condição do discurso.

Ora, com o objetivo de descrever as PS e as modalidades linguísticas mobilizadas na escrita dos estudantes de língua inglesa, advogamos que o nível avançado dê-nos condições mais contundentes e corpulentas para fazer as análises, uma vez que o nível de conhecimento linguístico dos estudantes é, na nossa expectativa, fortemente suficiente para materializar na língua inglesa os discursos que funcionam e projetam as suas PS.

O domínio da escrita de língua inglesa como língua adicional, ainda que se observem marcas da língua materna, demandará de quem escreve, para além de conhecimentos gramaticais da língua inglesa, a mobilização de modalidades que vão demarcar a subjetividade na interação escrita.

Uma organização “minimamente elaborada dos elementos linguísticos” oferece-nos subsídios; portanto, não somente referente à mobilização de conhecimentos semântico-lexicais e morfossintáticos da língua adicional, mas também à própria materialidade enunciativa – que é única, no sentido de que o enunciado produzido jamais fora produzido na língua inglesa – que o SE consegue produzir na língua adicional, ou seja, o próprio enunciado. Esse enunciado que é único, ainda, por estar relacionado intimamente à localização do sujeito-enunciador no mundo e, mais especificamente, numa dada situação de produção.

Essa “localização no mundo” faz-nos pensar nos processos discursivos, que interpelam o indivíduo a ser sujeito e estão funcionando inter e intradiscursivamente em sucessivas séries de enunciados, de modo que, a possibilidade de materialização da enunciação nos enunciados, com tantos recursos linguísticos possíveis serem modalizados na escrita de língua adicional, oferece-nos condições de possibilidade para descrevê-los de modo a analisar discursos socialmente funcionantes e interpretar as PS que eles projetam.

4.2 Sobre a seleção dos enunciados

Antes de iniciarmos a abordagem que desse tópico que se desenvolve nos dois subtópicos seguintes, é importante fazermos algumas observações já deixadas ao longo da nossa escrita até aqui, mas que precisaremos ratificar dada a nossa articulação teórica com Pêcheux e prestar dos devidos esclarecimentos:

1) Nossa pesquisa pretende analisar, a partir da análise das modalidades linguísticas (CULIOLI, 1971) e da descrição enunciativa na Arqueologia do Saber de Foucault (2008), as posições-sujeito projetadas por discursos nomeadamente da pandemia de Covid-19.

2) A noção de discurso em Pêcheux não é igual a de Foucault. A de Pêcheux decorre do seu posicionamento althusseriano/marxista claro sobre o papel da ideologia na linguagem, em especial, na formação do sentido e no discurso. Já Foucault, por sua vez, com vistas a sua crítica da história das ideias, toma o discurso no sentido histórico, cujas regras definem as condições de exercício da função enunciativa em uma dada época.

Apesar de reconhecermos, especialmente pela contribuição pêcheutiana, na qual a questão ideológica tem relação fundante com os processos discursivos, não vamos nos ocupar fortemente com uma análise ideológica ou que considere, por exemplo, os possíveis domínios ideológicos nas quais os enunciados do nosso corpus estariam inscritos.

Faremos, a seguir, uma descrição do material e da atividade que fora selecionada para a análise da escrita dos estudantes de língua inglesa e como se deu a seleção do corpus destacado desse material para a nossa pesquisa.

4.2.1 A descrição do material didático e da atividade selecionada

O material da nossa pesquisa é composto por respostas dadas a um par de atividades retiradas do material didático ⁵¹*Summit 1a – student's book with workbook*, terceira edição, da editora *Pearson*, cuja edição é do ano de 2017; portanto, anterior à pandemia de COVID-19.

As atividades que foram respondidas e coletas referem-se à unidade 2 do livro de atividades (*Workbook*) da coleção, cuja temática do capítulo é *Music and other arts* na qual os estudantes discutem e aprendem sobre diferentes manifestações artísticas em língua inglesa.

Segundo os objetivos de aprendizagem que constam na ⁵²descrição dada pela editora do livro; no que se referem à habilidade escrita, são quatro: 1) poder escrever sobre sentimentos e o significado pessoal de experiências em detalhe; 2) poder descrever descrições detalhadas de pessoas reais ou imaginárias; 3) poder usar estruturas paralelas em escrita acadêmica e 4) poder desenvolver uma descrição ou narrativa escrita clara com detalhes e

⁵¹ O SUMMIT 1A era utilizado no nível avançado 1 e o SUMMIT 1B no avançado 2 do curso de Inglês. O livro 1A foca em habilidades e competências linguísticas dos níveis B2-C1 do *Common European Framework of Reference for Languages* (CEFR), que é o quadro comum europeu de referência para línguas que descreve o resultado das aprendizagens de línguas em toda a Europa e em outros países (para mais detalhes sobre o CEFR, ver em: <https://www.coe.int/en/web/common-european-framework-reference-languages>). O livro possuía 10 capítulos, nomeadamente: 1) Outlook and Behavior (Perspectiva e Comportamento); 2) Music and Other Arts (Música e Outras Artes); 3) Money, Finance, and You (Dinheiro, Finanças e Você); 4) Clothing and Appearance (Vestimentas e Aparência); 5) Communities (Comunidades); 6) Animals (Animais); 7) Advertising and Consumers (Publicidade e Consumidores); 8) Family Trends (Tendências Familiares). Por fim, a coleção vinha com um livro do aluno e um caderno de atividades que eram adquiridos pelos alunos para acompanharem as aulas.

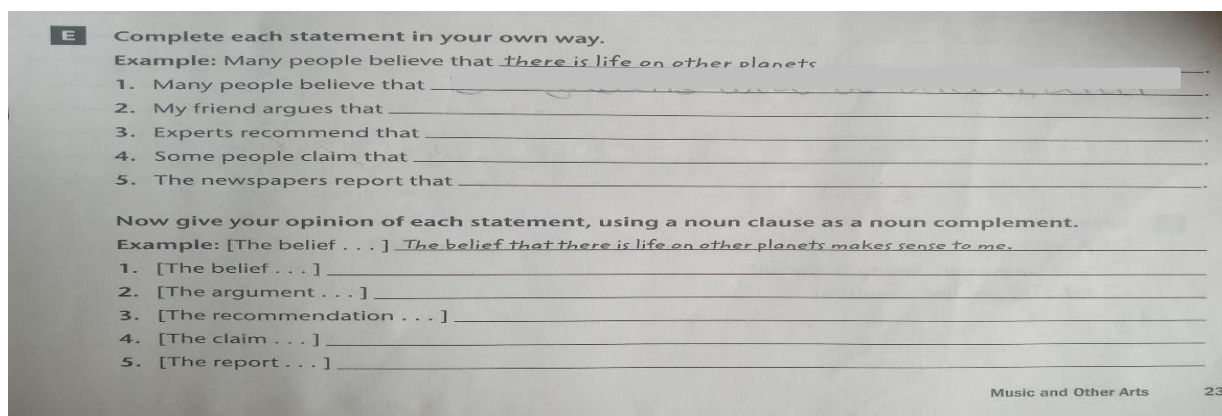
⁵² Ver em: <https://www.pearson.com/content/dam/one-dot-com/one-dot-com/english/TeacherResources/Product/adult/Summit/summit-GSE-teacher-booklet-1.pdf>

exemplos de apoio relevantes.

Essa descrição já nos indica, por exemplo, que o nível linguístico praticado pelos estudantes nesse livro ajuda-o a desenvolver uma interação em LA na qual a produção e a exposição de argumentos próprios, com base na vivência e na experiência pessoal dos estudantes, são valorizadas.

Na atividade coletada, inicialmente os estudantes devem completar sentenças com os seguintes inícios: ⁵³“*Many people believe that...*”, “*My friend argues that...*”, “*Experts recommend that...*”, “*Some people claim that...*”, “*The newspapers report that...*”. Em seguida, são pedidos para completar os seguintes inícios de sentenças, utilizando o conhecimento gramatical de ⁵⁴*Noun Clause* da língua inglesa: ⁵⁵“*The believe...*”, “*The argument...*”, “*The recommendation...*”, “*The claim...*”, “*The report*”. A figura 4 abaixo demonstra a atividade respondida pelos estudantes participantes da pesquisa.

Figura 4: Atividade respondida pelos participantes



Fonte: Summit (2017)

Como podemos observar, a atividade foi produzida de modo fracionado: são duas partes em que ambas pedem para completar a sentença, sendo que a primeira parte (primeiras 1 a 5) já possuem inícios – uma formação oracional com sujeito sintático – para serem completadas, enquanto a outra parte (últimas de 1 a 5) inicia com um substantivo – sujeito sintático da oração que será completada com uma *Noun Clause*, ou oração substantiva.

A condição de escrita a partir dessas expressões iniciais já propicia um movimento de escrita que demanda tanto para um posicionamento e uma crença do indivíduo – a partir de verbos como *believe*, *claim* e suas formas substantivas – como para um conhecimento midiático ou uma opinião sobre o mundo e sobre o outro, numa relação de alteridade – a partir

⁵³ Respectivamente, em Português: “Muitas pessoas acreditam que...”, “meu amigo argumenta que...”, “especialistas recomendam que...”, “algumas pessoas afirmam que...”, “Os jornais noticiam que...”.

⁵⁴ *Noun Clause* é a estrutura gramatical equivalente à Oração Subordinada Substantiva em Português.

⁵⁵ Respectivamente, em Português: “A crença”, “O argumento”, “A recomendação”, “A afirmação”, “A notícia”.

dos verbos *recommend*, *claim*, *report* e suas formas substantivas.

Portanto, há, como não poderia deixar de haver, uma modalidade já elaborada na construção da pergunta do livro, que direciona e atualiza a escrita de quem o utiliza, de modo a praticar e desenvolver as habilidades pretendidas pela edição. Abordaremos mais sobre essa questão na análise das modalidades mobilizadas no corpus, uma vez que essa passa, indubitavelmente, pela modalidade imposta na produção da própria questão do livro.

Em seguida, falaremos sobre os critérios utilizados para destacar o corpus do material dessa pesquisa, que são os enunciados aqui analisados.

4.2.2 Seleção do corpus de análise.

A decorrência da pandemia de COVID-19, que tem suscitado uma série de ⁵⁶ “posicionamentos” controversos na sociedade, não pode ser ignorada como condição fundamental para a reprodução dos discursos que projetam as posições-sujeito descritas e analisadas nessa pesquisa.

É inegável que esses “posicionamentos” revelam, na verdade, funcionamentos discursivos sobre e ao redor da própria doença, e que movimentaram a sociedade e a mídia, em verdadeiras “lutas de opinião”, na qual o valor empírico das ciências, especialmente da área da Medicina, era geralmente questionado, uma vez que se vivia, num primeiro momento, certa falta de conhecimento científico sobre a nova cepa do vírus, especialmente em como proceder para, uma vez contaminado, evitar a morte.

Portanto, para a seleção do corpus que foi analisado, tivemos como critério a consideração das condições de produção da pandemia de COVID-19 e sua interdiscursividade nesse “contexto pandêmico”: os discursos sobre economia, políticos, fé, meio ambiente/aquecimento global, uso de máscaras, vacinação contra COVID-19 e terraplanismo que, interdiscursivamente, tinham relação com o momento histórico da pandemia de COVID-19 pelo qual o mundo passava no período mais dramático da doença no Brasil.

Como discute Pêcheux (1997) nos métodos para-linguísticos de análise, os fenômenos observáveis não existem fora do desejo do analista, de modo que esse esclarecimento é importante para uma prática semiológica científica. Logo, é preciso que todas as consequências sobre esse fato sejam tiradas para que o analista não “finja” encontrar seu

⁵⁶ Podemos citar, entre elas: a eficácia da vacina, as medidas restritivas, a existência do vírus, etc.

objeto como “um dado natural”, tirando a responsabilidade do analista ou mesmo que reduza o objeto ao seu desejo.

Além disso, precisamos esclarecer a seguinte questão referente à seleção do nosso corpus: como já dito, é formado por enunciados que, da forma que são trabalhados na atividade do material didático, estão fragmentados em duas partes: A primeira parte, com inícios de sentença e a segunda iniciando pela forma substantiva dos verbos da primeira parte para que seja completada com uma oração substantiva, com referência, portanto, à primeira parte da atividade. Ambos os inícios das sentenças das duas partes da atividade são pré-determinados na construção do material. Por exemplo, se Es0 completasse, respectivamente, com “*the vaccines save lives*” e “*that the vaccines save lives is reasonable*” as duas partes numeradas em 1 na atividade, teremos dois enunciados que seriam: 1) *Many people believe the vaccines save lives* e 1.1) *The belief that the vaccines save lives is reasonable for me*.

Por entendermos que, embora sejam enunciados diferenciados pela construção e modalidade do material didático, ambas as partes tratam da mesma referência do enunciado e, por isso, decidimos uní-las de modo a otimizar a nossa análise. Todos os participantes da nossa pesquisa perceberam esse paralelismo da atividade, com a exceção da construção de um par de enunciados, que parece, no nosso olhar, ser distintos e que serão tomados separadamente, de modo que teremos 28 enunciados para análise.

Foi necessário, dessa maneira, fazer o recorte para os enunciados que tinham a ver com a pandemia, uma vez que entendemos que a maioria dos enunciados tinha como referência a mesma questão: a de sobreviver ao vírus. Também, pelo nosso corpus ter sido coletado no ápice da pandemia no Brasil, em que medidas de contenção para prevenção e controle da COVID-19 estavam sendo tomadas.

Passaremos, a seguir, para a análise do corpus da nossa pesquisa, iniciando pela descrição das modalidades linguísticas no corpus, seguida da descrição nas categorias foucaultianas aqui mobilizadas para a descrição enunciativa – a raridade, a exterioridade e o acúmulo – e, por fim, as descrições das posições-sujeito aqui interpretadas.

5 SOBRE A ANÁLISE DO CORPUS: AS MODALIDADES LINGÜÍSTICAS POSIÇÕES-SUJEITO NA ESCRITA DOS ESTUDANTES DE INGLÊS

Analisaremos agora, à luz do desenvolvimento teórico até aqui, as modalidades linguísticas mobilizadas – tanto na consideração da edição do material complemento dos estudantes – e as posições-sujeito interpretadas a partir da análise dos discursos que funcionam nos enunciados do nosso corpus.

5.1 Sobre as modalidades lingüísticas mobilizadas.

Como já brevemente discutimos na descrição dos enunciados e da atividade selecionada (vide figura 1), é possível entender uma modalidade na construção da questão que funciona como uma orientação para a escrita do estudante. Essa orientação, na medida em que é pensada para desenvolver as habilidades linguísticas que o material procura trabalhar de acordo com a CEFL, também atualiza a escrita do estudante no tempo e põe situações sobre as quais eles são impelidos a dar o seu “ponto de vista”.

Nesse sentido, a construção do livro – na figura de seus autores – modalizam a situação enunciativa na qual serão inscritas os enunciados do sujeito enuncizador ao usar os inícios: ⁵⁷“*Many people believe that...*”, “*My friend argues that...*”, “*Experts recommend that...*”, “*Some people claim that...*”, “*The newspapers report that...*”. Todos esses inícios, apesar da diferença da referência na construção de cada um, impõem uma modalidade intersubjetiva – pois a relação com o olhar do(s) outro(s) está em jogo – e uma modalidade epistêmica – pois demanda um conhecimento para a construção do enunciado – nas quais devem ser inscritas os restos dos enunciados pelos sujeitos enuncidores, pois percebemos que, em todos, eles tomarão esses fragmentos iniciais para si a fim de completar com o conhecimento de mundo que possuem a partir das relações sociais que mantêm.

Ao iniciar com o sujeito sintático “muitas pessoas”, o SE desenvolverá o enunciado para dar voz ao que, de modo geral e a partir do conhecimento de mundo que possui, pode ser o consenso de uma maioria. O funcionamento do verbo “acreditar”, que indica um enunciado da ordem da crença, inscreve discursos da pandemia sobre os quais desejamos descrever aqui, ainda que estes estejam interdiscursivamente relacionados circulando socialmente.

⁵⁷ Respectivamente, em Português: “Muitas pessoas acreditam que...”, “meu amigo argumenta que...”, “especialistas recomendam que...”, “algumas pessoas afirmam que...”, “Os jornais noticiam que...”.

Em seguida, iniciando por “meu amigo argumenta que”, a modalidade mobilizada traz a enunciação para perto do SE que pode estar alinhado ou não com argumentação do sujeito do enunciado escolhido na contrução da questão. O funcionamento do verbo “argumentar” trará o suporte sobre um discurso também atualizado (da pandemia, na nossa pesquisa) e também propicia uma modalidade intersubjetiva no complemento do enunciado uma vez que a relação entre sujeitos estará posta.

Com o início por “especialistas recomendam que” temos a possibilidade de interpretação de “especialistas”, de um campo semântico mais abrangente, como “profissionais da área da saúde”, “médicos” ou ainda “as instituições científicas” da área da saúde, dada a situação da pandemia. Esse início vai se desenvolver a partir do funcionamento do verbo “recomendar”, os discursos científicos alinhados às orientações técnicas sobre, por exemplo, como se proteger do vírus da COVID-19.

Já o início por “algumas pessoas afirmam que”, diferentemente do início por “muitas pessoas acreditam que”, nessa pode se desenvolver outro consenso sobre o que, a despeito do que uma maioria acredita, pensa sobre uma dada questão – o assunto sobre o qual se fala, referência do enunciado.

Por fim, o início por “os jornais noticiam que” introduzem o que há de mais relevante circulando na mídia, o que atualiza o enunciado e, ao mesmo tempo, traz para o funcionamento os discursos da pandemia que obtiveram status de notícia. Esses discursos podem ser sobre aspectos sociais, econômicos, ambientais, científico e político-partidário que estão, interdiscursivamente, relacionados ao período da pandemia, como vamos interpretar em nossa análise.

A seguir, vamos analisar, com olhares à modalidade mobilizada, os enunciados de En1 a En28 dos estudantes de Es1 a Es7.

Figura 4: Respostas de Es1

Question E – Page 23

1: Many people believe that math is difficult.

2: My friend argues that earth is flat.

3: Experts recommend that we must use mask outside.

4: Some people claim that there is no increasing of greenhouse effect.

5: The newspaper report that now there are more 11 new millionaires in Brazil.

1: The belief that math is difficult is nonsense.

2: The argument that earth is flat is ridiculous.

3: The recommendation that we must use mask outside is really important.

4: The claim that there is no increasing of greenhouse effect is to neglect science.

5: The report that now there are more 11 new millionaires in Brazil is spooky, because at the same time, now we have more poor people.

Fonte: Corpus da pesquisa

Temos *En1: My friend argues that earth is flat. The argument that earth is flat is ridiculous*, uma modalidade intersubjetiva na qual o SE, a partir do modo como concebe um saber científico, julga como ridículo o argumento de que a terra é plana. Temos, portanto, uma modalidade apreciativa do SE em “ridiculous” sobre um enunciado do outro que argumenta que “the earth is flat”.

Em *En2: Experts recommend that we must use mask outside. The recommendation that we must use mask outside is really important*, percebemos a modalidade apreciativa na mobilização de “important” sobre a recomendação do uso de máscaras. Ainda, chama-nos atenção a mobilização de “must” para se referir a uma recomendação. Em língua inglesa, o mais adequado para uma recomendação seria modal *should*, enquanto que o modal *must* é empregado em situações em que há uma relação de obrigatoriedade ou ordem. Dessa forma, ao mobilizar o *must* na formação do enunciado, o SE deixa a entender como essas recomendações sanitárias – como o uso de máscaras e de álcool em gel, por exemplo – passaram de apenas recomendações para obrigações, exigidas em decretos de lei na pandemia, para a população.

Em *En3: Some people claim that there's no increasing of greenhouse effect. The claim that there is no greenhouse effect is to neglect science*, temos um julgamento/apreciação do SE em “negligenciar a ciência” sobre o fato de algumas pessoas afirmarem em relação a não existir efeito estufa. Esse parece ser um discurso sobre o aquecimento global de uma minoria, na visão do SE.

Em *En4*: *The newspaper report that now there are more 11 new millionaires in Brazil. The report that there are more 11 new millionaires in Brazil is spooky, because at the same time, now we have more poor people*, temos uma modalidade apreciativa na mobilização de *spooky* no que se refere ao fato de o Brasil ter mais 11 novos milionários durante o ano da pandemia de 2021. A ⁵⁸notícia que circulava na época, no entanto, dizia que eram 11 os novos bilionários brasileiros estreantes no ranking da Forbes no ano da pandemia (ano de 2020). Ainda, explica o fato de lhe parecer espantoso, pois demonstra que conhece o aumento da pobreza nesse mesmo período.

Figura 5: Respostas de Es2

- E)
- 1 – Many people believe that **we cannot travel in time**.
 - 2 – My friend argues that **the internet is one of the most important inventions**.
 - 3 – Experts recommend that **you should stay healthy**.
 - 4 – Some people claim that **there is life after death**.
 - 5 – The newspapers report that **covid19 cases has been increasing**.
-
- 1 – The **belief that we cannot travel in time makes sense to me**.
 - 2 – The argument that **the internet is one of the most important inventions makes sense to my friend**.
 - 3 – The **recommend that you should stay healthy is right for me**.
 - 4 – The claim that **there is life after death makes me thoughtful**.
 - 5 – The report in the newspapers saying that **covid19 cases has been increasing scares me**.

Fonte: Corpus da pesquisa

Em *En5*: *Experts recommend that you should stay healthy. The recommend that you should stay healthy is right for me*, temos uma modalidade apreciativa em “right for me” sobre a recomendação de que devemos nos manter saudáveis. Já em *En6*: *The newspapers report that covid-19 cases have been increasing. The report in the newspapers saying that covid19 cases have been increasing scares me*, temos uma modalidade epistêmica, em relação ao conhecimento que o SE possui do que é veiculado na mídia sobre o aumento dos casos de COVID-19 em Junho de 2021.

⁵⁸ Ver reportagem em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/04/06/ranking-de-bilionarios-da-forbes-tem-11-estreantes-do-brasil.ghml>

Figura 6: Respostas de Es3

E Complete each statement in your own way.

Example: Many people believe that *there is life on other planets*

1. Many people believe that *the vaccine will arrive soon for everyone*
2. My friend argues that *wearing a mask is necessary*
3. Experts recommend that *everyone stay at home*
4. Some people claim that *jobs are not affected by the lockdown*
5. The newspapers report that *many people have already died in this pandemic*

Now give your opinion of each statement, using a noun clause as a noun complement.

Example: [The belief . . .] *The belief that there is life on other planets makes sense to me.*

1. [The belief . . .] *the belief that the vaccine will reach everyone is reality*
2. [The argument . . .] *the argument that wearing the mask is very important*
3. [The recommendation . . .] *The recommendation to stay at home is necessary*
4. [The claim . . .] *employment should be one of the government's priorities*
5. [The report . . .] *of deaths by covid are frightening*

Fonte: Corpus da pesquisa

Em En7: *Many people believe that the vaccine will arrive for everyone. The belief that the vaccine will reach everyone is reality*, temos uma modalidade assertórica baseada na crença de que a vacina chegará para todos. A mobilização de “reality” denota a certeza do SE de que, apesar das denúncias sobre a lentidão na aquisição de vacinas no Brasil, as vacinas chegarão todos. Dessa maneira, temos predominantemente em En7 uma modalidade assertórica positiva no domínio do certo.

Em En8: *My friend argues that wearing a mask is necessary. The argument that wearing the mask is necessary is very important*, temos modalidades apreciativas nas mobilizações de “necessary” e “important”. A primeira proveniente de um consenso da comunidade científica, especialmente na figura da OMS, sobre a necessidade do uso de máscara. É preciso entender que “my friend” no enunciado não se refere obrigatoriamente a uma pessoa, mas sim aos sujeitos e instituições que argumentam em defesa do uso de máscara.

Já a segunda, por sua vez, refere-se ao próprio julgamento do sujeito sobre a relevância da necessidade uso de máscara, como se se pudesse julgar de outras maneiras. O mesmo ocorre em En9: *Experts recommend that everyone stay at home. The recommendation to stay at home is necessary*, na qual a recomendação de ficar em casa também passa por essa apreciação do SE.

Em En10: *Some people claim that jobs are not affected by the lockdown. The claim for employment should be one of the government's priorities*, temos uma asserção, sobre uma opinião que parece ser de uma minoria ou de apenas “algumas pessoas”, em relação à

manutenção dos empregos com a medida de bloqueio na pandemia. Entretanto, parece haver um confronto sobre essa opinião em relação às prioridades do governo na pandemia que, na visão do sujeito-enunciador, são outras, já que a manutenção dos empregos, que deveria ser uma das prioridades do governo na visão do SE, não é, o que parece colocar um contraponto/uma contradição entre o que é afirmado por “essas pessoas” e o que está, de fato, nas prioridades do governo para o SE.

Em *En11: The newspapers report that many people have already died in this pandemic. The report of deaths by COVID is frightening*, temos uma modalidade epistêmica que se constrói no funcionamento da mídia sobre o tratamento dos dados de mortes por COVID-19. Durante o período mais crítico da pandemia, como comentamos, a mídia deu grande destaque aos números e casos da pandemia na sua cobertura, com a contagem diária de mortos, o que justificaria a sensação em “frightening” do SE.

Figura 7: Respostas de Es4

E.

Many people believe that love is forever

My friends argues that Bolsonaro isn't a murder.

Experts recommend that we stay safe at home.

Some people claim that lockdown isn't working.

The newspapers report that we are not safe from COVID 19.

The belief that God is coming for us makes a lot of sense to me

The argument that we ~~don't~~ need to stay home because of faith ~~sounds~~ ~~egotistical~~ ~~sounds like egotistical~~ to me

The recommendation of staying home looks like the best way to avoid COVID.

The claim about lockdown is stupid.

The report that going out ~~increases~~ ~~improve~~ the cases of COVID ~~it's~~ true.

Fonte: Corpus da pesquisa

Em *En12: My friend argues that Bolsonaro isn't a murder*, temos uma modalidade assertórica negativa que se refere à opinião de outros – dos sujeitos e instituições que argumentam sobre essa asserção. Não se refere, no entanto, a um julgamento do SE, pois não temos uma modalidade intersubjetiva ou apreciativa para verificar nesse enunciado.

Apesar disso, temos um contraponto em *En 13: The argument that we don't need to stay home because of faith sounds egotistical to me*, em que, apesar de não haver uma apreciação sobre a asserção anterior, temos o julgamento de “egotistical” relacionado ao discurso sobre a fé/religião do qual a figura do ex-presidente da república é associada pelo

grande apoio que teve de religiões cristãs, especialmente evangélicas, durante a sua campanha e seu mandato.

Em *En14: Expects recommend that we stay safe at home. The recommendation of staying at home looks like the best way to avoid COVID-19*, temos uma modalidade apreciativa no julgamento de que ficar em casa é “a melhor maneira” de evitar a COVID-19 baseada no conhecimento – logo, provém de um dizer, como “we stay safe at home” epistêmico, de um lugar científico – que o SE mobiliza a partir do dizer dos especialistas, que podem ser, diferentes de uma ou mais pessoas, mas os sujeitos e instituições que recomendam, nesse caso, a melhor forma de se proteger da COVID-19 com base no conhecimento científico.

Em *En15: Some people claim that lockdown isn't working. The claim about lockdown is stupid*, temos uma modalidade apreciativa em “stupid” sobre a asserção negativa de uma minoria a respeito de o bloqueio não estar funcionando. O *lockdown* como medida de contenção da COVID foi bem-sucedidos em países mais ricos, onde os cidadãos tinham a possibilidade de ficar em casa. Dessa maneira, a “imagem” de como essa medida foi bem aplicada e com resultados nesses países ficou apenas como uma “imagem ideal” para países sul-americanos subdesenvolvidos em que grande parte da população, que é mais pobre, precisa sair de casa para trabalhar.

Em *En16: The newspaper report that we are not safe from COVID-19. The report that is going to increase the cases is true*, temos outra asserção da mídia sobre a doença que passa pela validação do SE, com a apreciação em “true”. O crescimento dos casos de COVID-19 parece ser inevitável, de modo que não estamos salvos da doença. Uma apropriação da teoria darwiniana de evolução das espécies, especialmente no recorte de “o ambiente, por meio da seleção natural, a importância dos indivíduos de uma espécie, em que os mais fortes têm mais chances de sobreviver” serviu de argumento para justificar as mortes por COVID-19.

Figura 8: Respostas de Es5

Pg 23 - Gram.Booster E	
1 – ...The Earth is flat.	
2 – ...Bolsonaro is a myth.	
3 – ...Masks can help to stop spread the covid-19.	
4 – ...Lula is innocent.	
5 – ...Violence is getting worst.	
1 – ...That the Earth is flat make nonsense at all.	
2 – ...That Bolsonaro is a myth is a complete bullshit.	
3 – ...That masks can help to stop spread the covid-19 is very important.	
4 – ...That Lula is innocent is almost a Joke.	
5 – ...That violence is getting worst is a way too worrying.	

Fonte: Corpus da pesquisa

Em En17: *Many people believe that the Earth is flat. The belief that the earth is flat makes nonsense at all*, temos uma modalidade apreciativa no julgamento da crença de “algumas pessoas” de que a terra é plana, pois para o SE, “isso não faz sentido algum”. Desse modo, pode-se interpretar que o SE está em concordância com um saber científico majoritário sobre a terra ser redonda.

Em En18: *My friend argues that Bolsonaro is a myth. The argument that Bolsonaro is a myth is a complete bullshit*, temos uma modalidade apreciativa na mobilização de *a complete bullshit* sobre o “argumento” de que o ex-presidente Bolsonaro é um mito. Sabe-se que “mito” foi como os apoiadores mais ferrenhos de Bolsonaro resolveram alcunhá-lo desde as eleições de 2018, na qual ele insurgiu como o candidato que representava a honestidade e os valores cristãos e da família. Nessa situação, o SE parece ignorar os dizeres de sujeitos ou instituições que reproduzem esse discurso sobre a representatividade do candidato.

Por outro lado, em En20: *Some people claim that Lula is innocent. The claim that Lula is innocent is almost a joke*, percebe-se a ironia em “almost a joke” sobre o fato de “algumas pessoas” afirmarem que o presidente Luís Inácio Lula da Silva seria inocente. Nesse enunciado, “algumas pessoas” pode ser deslocado para o próprio poder judiciário, na figura do Superior Tribunal de Justiça, que absolveu o presidente sobre as denúncias de corrupção pelas quais até então respondia antes do pleito de 2022. Percebe-se, portanto, que os enunciados En18 e En20 fazem alusão à bipolaridade política nas eleições de 2022, na qual o SE não se localiza em um ou outro lado nos dois enunciados.

Em En19: *Experts recommend that masks can help stop spreading Covid-19. The recommendation that masks can help stop spreading COVID-19 is very important*, temos,

novamente, uma relação predicativa, fundada num saber científico, na qual o SE fala pelos especialistas sobre o uso de máscara ajudar na contenção da COVID-19. Assim como em En9, por exemplo, há uma modalidade apreciativa em *very important* que marca a sua posição quanto ao uso de máscaras, a partir do conhecimento do SE sobre o discurso dos especialistas.

Figura 9: Respostas de Es6

- E:
- 1- Many people believe that the vaccine will end the pandemic;
 - 2- My friend argues that the government does not help people;
 - 3- Experts recommend that it is better to stay at home;
 - 4- Some people claim that the life is difficult;
 - 5- The newspapers report that the animals of the Amazon are suffering.
-
- 1- The belief that the vaccine will end the pandemic makes sense to me;
 - 2- The argument that the government does not help people is accepted by me;
 - 3- The recommendation that is better to stay at home is valid in this pandemic;
 - 4- The claim that the life is difficulty can be accepted by me;
 - 5- The report that the animals of the Amazon are suffering makes me believe in these news.

Fonte: Corpus da pesquisa

Em En21: *Many people believe that the vaccine will end the pandemic. The belief that the vaccine will end the pandemic makes sense to me*, temos uma modalidade assertiva positiva baseada na crença de que a pandemia terá fim com as vacinas e, portanto, as vacinas são imprescindíveis para dar fim ao estado pandêmico. A parte *makes sense to me*, tomada do exemplo do material didático, funciona como uma modalidade apreciativa, uma apreciação do SE sobre tal asserção criada na sua construção predicativa.

Em En22: *My friend argues that the government does not help people. The argument that the government does not help people is accepted by me*, temos a parte *is accepted by me* que demarca a que o SE concorda com a relação predicativa criada, cuja asserção negativa *the government does not help people* é o argumento do sujeito do enunciado uqe, como já discutimos, não se refere a uma pessoa necessariamente e sim aos sujeitos e às instituições que sustentam esse discurso sobre o governo.

Em En23: *Experts recommend that it is better to stay at home. The recommendation that is better to stay at home is valid in this pandemic*, temos uma modalidade apreciativa em *valid* na qual o SE avalia a asserção: *it is better to stay home* que provém do discurso dos especialistas, como se se pudesse desvalidar ou julgar de outra maneira esse discurso.

Em En24: *The newspapers report that the animals of the Amazon are suffering. The report that the animals of the Amazon are suffering makes me believe in these news*, temos nesse enunciado uma referência ao desmatamento e às queimadas na Amazônia nos últimos

anos. Segundo o ⁵⁹site do INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, Em junho de 2021, o número de focos de incêndio foi o maior em 13 anos na Amazônia.

Figura 10: Respostas de Es7

- E)
- | |
|---|
| 1. MANY PEOPLE BELIEVE THAT PANDEMIC WON'T END THIS YEAR. |
| 2. MY FRIEND ARGUES THAT WE GONNA GET RICH IN 2021. |
| 3. EXPERTS RECOMMEND THAT LOCKDOWN IS THE BETTER WAY TO STOP THE COVID CONTAGIOUS. |
| 4. SOME PEOPLE CLAIM THAT NEOLIBERALISM IS THE RIGHT WAY TO FIX ECONOMICS PROBLEMS. |
| 5. THE NEWSPAPER REPORT THAT THE VACCINE ARE EFFICIENT |
-
- | |
|---|
| 1. THE BELIEF THAT PANDEMIC WILL NOT FINISH THIS YEAR MAKES SENSE TO ME |
| 2. THE ARGUMENT THAT WE GONNA GET RICH THIS YEAR MAKES SENSE TO ME. |
| 3. THE RECOMMENDATION THAT LOCKDOWN IS THE BETTER WAY TO STOP THE COVID CONTAGIOUS MAKES SENSE TO ME. |
| 4. THE CLAIM THAT NEOLIBERALISM IS THE BETTER WAY TO FIX THE ECONOMICS PROBLEMS DOESN'T MAKE SENSE TO ME. |
| 5. THE REPORT THAT VACCINES ARE EFFICIENT MAKE SENSE TO ME. |

Fonte: Corpus da pesquisa

Em *En25: Many people believe that pandemic won't end this year. The belief that pandemic will not finish this year makes sense to me*, temos uma modalidade assertórica negativa em *pandemic won't end this year* que é baseado na crença de “muitas pessoas” – sujeitos e instituições – que, por sua vez, reflete o estado da pandemia no tempo dessa escrita, que não sinalizava para seu fim. Percebe-se que, além de tomar para se os inícios de cada enunciado imposto pelo material didático, o SE também toma a parte “(not) make sense to me” do exemplo dado pelo material (vide em figura 1) de modo a se posicionar sobre a relação predicativa que constrói inicialmente – primeira parte da atividade.

Em *En26: Experts recommend that lockdown is the best way to stop COVID contagion. The recommendation that lockdown is the best way to stop the COVID contagion makes sense to me*, percebe-se, novamente, o discurso dos especialistas pela modalidade assertórica em *lockdown is the best way to stop COVID contagion* em relação à contenção da COVID-19 e, novamente, a demarcação da concordância em *makes sense to me* da relação predicative criada.

⁵⁹ Vide em https://queimadas.dgi.inpe.br/queimadas/portal-static/estatisticas_estados/;

Em *En27: Some people claim that neoliberalism is the right way to fix economic problems. The claim that neoliberalism is the best way to the economics problems doesn't make sense to me*, temos novamente a discordância do SE relacionado à afirmação assertórica de algumas pessoas sobre o neoliberalismo ser a maneira correta de consertar a economia. Esse regime político e econômico, que prega a liberdade das relações trabalhistas e do mercado, passou por contradição da pandemia uma vez que os trabalhadores não podiam sair de casa para trabalhar. Precisou reinventar-se, dessa forma, no regime online, no qual o trabalhador centrava mais horas de trabalho em suas casas, na modalidade de trabalho chamada de *home office*.

Em *En28: The newspapers report that vaccines are efficient. The report that vaccines are efficient makes sense to me*, temos uma modalidade apreciativa que provém da informação que é divulgada pela mídia e que, da mesma forma, é reafirmado pela concordância de SE. Portanto, o fato de as vacinas serem eficientes faz-se também uma opinião de SE construída pela mídia, ao passo que acusa a formação de uma opinião que é contrária e que duvida da eficiência das vacinas contra COVID-19.

A seguir, vamos tentar fazer movimentos de análise, de modo a relacionar esses enunciados do nosso corpus, a partir das categorias sugeridas por Foucault para a descrição enunciativa na Arqueologia do Saber.

5.2 Sobre a descrição dos enunciados

5.2.1 A raridade

Como vimos, descrever a raridade de um enunciado requer delimitar o que lhe torna único a partir das condições da sua existência. É multiplicar os sentidos internos dos enunciados, não os colocando acima de uma série de enunciados possíveis, mas caracterizando o seu lugar e sua capacidade de circulação e troca (FOUCAULT, 2008, p. 136). Abaixo, vamos pensar a natureza rara dos seguintes enunciados:

*En2: Experts recommend that **we must use mask outside**. The recommendation that we must use mask outside is really important*

*En8: My friend argues that **wearing a mask is necessary**. The argument that wearing the mask is necessary is very important*

*En9: Experts recommend that **everyone stay at home**. The recommendation to stay at home is*

necessary

O efeito de raridade dos enunciados acima está justamente relacionado com a situação em que eles são produzidos. O momento da pandemia, que atravessa esses enunciados, além de propiciar um rearranjo lexical único em língua inglesa pelo SE na construção dos enunciados, traz referências de situações vividas que são únicas desse período: a necessidade e a importância do uso de máscaras em ambientes abertos e de ficarmos em casa.

Usar a máscara na pandemia tinha o sentido de, acima de tudo, respeitar as pessoas. Não era simplesmente uma nova etiqueta nos ambientes fechados ou com aglomeração de pessoas, nem mesmo um novo hábito de higiene pessoal como lavar as mãos e usar álcool em gel. Pelo contrário; usar a máscara tinha o sentido de respeitar o próximo, era um ato de alteridade. Nesse mesmo sentido temos – o ato – de ficar em casa, pois evitar o contágio, especialmente entre as pessoas do grupo de risco para a doença, era, além de considerado ético, um ato de amor pelo próximo.

A movimentação do sentido de ética, de alteridade, de senso de sociedade e de amor ao próximo para as práticas cientificamente comprovadamente imprescindíveis para a não circulação do vírus e, portanto, para conter a doença, foi, sem dúvida, fundamental para que a população resistisse até às forças mais poderosas que pregassem o contrário.

*En7: Many people believe that **the vaccine will arrive for everyone**. The belief that the vaccine will reach everyone is reality*

*En28: The newspapers report that **vaccines are efficient**. The report that vaccines are efficient makes sense to me*

A vacinação como tratamento preventivo passou por uma grande provação na pandemia: no momento em que o mundo acompanhava de casa a elaboração de vacinas contra a COVID-19, o “julgamento” da sua eficácia pela rapidez com que foram feitas serviu como um grande argumento para os negacionistas, ainda que fossem publicados os testes de eficácia com resultados dentro do padrão de outras vacinas como a da gripe, que atestavam a sua confiabilidade. Mas, as vacinas parecem ter passado, talvez com algumas sequelas, por essa provação e isso se reflete no grande número de imunizados. No Brasil, por exemplo, são mais de ⁶⁰80% da população vacinada com duas doses.

⁶⁰ Vide em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>

*En3: Some people claim that **there's no increasing of greenhouse effect**. The claim that there is no greenhouse effect is **to neglect science***

O desmatamento na Amazônia, considerado um dos maiores biomas do mundo,⁶¹ segundo os dados do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), que monitora a região por satélite, teve o maior crescimento nos últimos 10 anos, com área desmatada equivalente a metade do estado de Sergipe. Como havíamos visto anteriormente, as queimadas nessa mesma região cresceram nos últimos anos (pág 76, dados do INPE).

Sabemos que tanto as queimadas quanto o desmatamento são fatores que aumentam o efeito estufa e, portanto, alteram a temperatura na terra. Isso aparece no funcionamento de um discurso anti-negacionista que admite a existência dessas transformações climáticas em En3. Portanto, uma PS sobre o meio ambiente que nega o aumento do efeito estufa admite que não enfrentamos um aumento escalonado de queimadas e desmatamentos, é negar os dados dessas duas formas de aumento do efeito estufa; em resumo, é negligenciar a ciência.

Mas o que haveria de raro em um enunciado cuja referência é sobre uma temática sobre o nosso planeta de que já se vem falando há anos? A necessidade de enuncia-lo frente à posição do governo federal que parece ter abandonado a pauta ambiental ao naturalizar as queimadas e o desmatamento, além de desacreditar instituições que monitoram e divulgam esses dados para criar o efeito de *fake News* de que “*there's no increasing of greenhouse effect*”.

*En4: The newspaper report that **now there are more 11 new millionaires in Brazil**. The report that there are more 11 new millionaires in Brazil is **spooky**, because at the same time, **now we have more poor people***

Onze novos milionários no Brasil? Não seriam bilionários? O aumento da desigualdade social na pandemia também trouxe à tona esse desequilíbrio: houve o “surgimento” de pessoas mais ricas na pandemia à medida que cresceu, em ⁶²número de milhões, as pessoas mais pobres, em situação de desemprego e insegurança alimentar.

⁶¹ Vide reportagem em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/desmatamento-na-amazonia-em-2021-e-o-maior-dos-ultimos-10-anos/>

⁶² Ver reportagem feita pela Fundação Getúlio Vargas a partir de dados do IBGE em: <https://portal.fgv.br/noticias/mapa-nova-pobreza-estudo-revela-296-brasileiros-tem-renda-familiar-inferior-r-497-mensais>

Essas pessoas, que inexistiam para a economia, foram expostas em suas fragilidades na pandemia, no momento de um movimento de diminuição e restrição do estado, representado pela vitória do candidato de extrema-direita à presidência em 2018, que colocava em curso seu projeto liberal de economia que, feliz ou infelizmente, foi bastante freado pelas condições de calamidade pública imposta pela pandemia.

5.2.2 A exterioridade.

Descrever a exterioridade de um enunciado é toma-lo como lugar de acontecimentos, percebendo o sujeito como um campo anônimo e não como indivíduo, além de compreender que as séries de outros enunciados aos quais podem estar relacionados não obedecem a uma temporalidade definida pela consciência.

*En12: My friend argues that **Bolsonaro isn't a murder***

*En18: My friend argues that **Bolsonaro is a myth**. The argument that Bolsonaro is a myth is a complete bullshit*

*En20: Some people claim that **Lula is innocent**. The claim that Lula is innocent is **almost a joke***

Os enunciados acima podem ser admitidos no lugar de acontecimentos políticos do Brasil ocorridos nos últimos dois pleitos eleitorais: para dizer que “Bolsonaro não é um assassino”, por exemplo, temos que recorrer à situação que levou o ex-presidente a ser considerado um “assassino” (como em enunciados como “Bolsonaro é um genocida!”): não se trata somente das falas extraoficiais comentadas aqui (nas páginas 34 a 36), que era simplesmente refutada com o simplório argumento de que é o “jeitão militar” do ex-presidente, mas nas práticas políticas e decisões – e a falta ou a demora delas – que impactaram no modo como a pandemia pirou no país. Um exemplo é investigação da CPI da COVID que concluiu que houve demora na compra das vacinas mesmo depois de elas já estarem disponíveis (ainda que esse resultado seja refutado com o pobre argumento de que “O Brasil é um país de terceiro mundo... natural que as coisas demorem mais a chegar por aqui”).

Já para dizer que “Bolsonaro é um mito”, temos que nos reportar a, por exemplo, como esse sentido foi construído, especialmente no se refere ao uso estratégico das redes sociais pelo ex-presidente e sua equipe que, nas eleições de 2018, encontrou um novo canal – as redes sociais – para chegar aos seus eleitores e divulgar suas ideias conservadoras “da

maioria” – que são de forte cunho racista, misógino, homofóbico e antidemocrático; é verdade – mas que representam uma grande parcela da população brasileira que se identifica com valores conservadores.

Além disso, temos que perceber a movimentação do sentido de “incorrutível” em direção à pessoa política do ex-presidente. Não seria apenas encontrar um canal para falar aos seus eleitores: era preciso “ter” algum argumento ou “ser” algo diferente; distinto do que os conservadores mais radicais rejeitavam. Nesse caso, era mais fácil “ser” o incorruptível, que não respondia a nenhum caso conhecido de corrupção. Era a opção mais atraente, pois reunia o modelo de sociedade e de comportamentos conservadores dos que não se sentiam representados por governos progressistas do PT e as críticas dos eleitores que, ainda que não se considerassem conservadores, nutriam aversão a esse partido e à figura do presidente Lula, que aparece, em alguma medida, na ironia do enunciado de En20 em dizer que é “quase uma piada” Lula ser inocente.

*En24: The newspapers report that **the animals of the Amazon are suffering**. The report that the animals of the Amazon are suffering makes me believe in these news*

Em En24 acima, temos a referência ao discurso que circula na mídia sobre o meio ambiente funcionando nesse enunciado, mas o que teria este a ver com a situação da pandemia? Não somente na temporalidade, mas na política ambiental do então governo. Percebemos anteriormente que o ex-presidente mantinha declarações negacionistas e em desacordo com a ciência sobre a COVID-19. Igualmente o fazia em relação ao meio ambiente, ao insinuar em 21 de agosto de 2019 em ⁶³entrevista na saída do planalto que as Organizações não-governamentais (ONG’s) estavam por trás das queimadas na Amazônia. Era uma maneira de negar, portanto, que as queimadas estavam crescendo nesse bioma e responsabilizar ONG’s que ajudam o governo no combate às queimadas que matam animais nativos dessa floresta.

5.2.3 O acúmulo

Para analisarmos o acúmulo enunciativo, como vimos, temos que colocar os enunciados em relação à sua remanescência, que consiste, por sua vez, numa tentativa de

⁶³ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/21/fala-de-bolsonaro-sobre-queimada-na-amazonia-e-irresponsavel-e-leviana-dizem-ambientalistas.ghtml>

descrição de suportes, instituições e modalidades estatutárias. A análise também se refere a uma aditividade, que considera que os agrupamentos de enunciados sucessivos nunca são os mesmos e, por fim, também se refere a uma recorrência que trata dos elementos antecedentes em relação ao enunciado, de modo que o situa no tempo. Em relação à remanescência, vamos especificar aqui especialmente no que se referem às instituições a que atendem os enunciados:

*En9: Experts recommend that everyone stay at home. **The recommendation to stay at home is necessary***

*En23: Experts recommend that it is better to stay at home. **The recommendation that is better to stay at home is valid in this pandemic***

*En26: Experts recommend that lockdown is the best way to stop COVID contagion. **The recommendation that lockdown is the best way to stop the COVID contagion makes sense to me***

*En19: Experts recommend that masks can help stop spreading Covid-19. **The recommendation that masks can help stop spreading COVID-19 is very important.***

*En21: Many people believe that the vaccine will end the pandemic. **The belief that the vaccine will end the pandemic makes sense to me***

*En28: The newspapers report that vaccines are efficient. **The report that vaccines are efficient makes sense to me***

Que tipo de acúmulo podemos entender os enunciados acima agrupados? No que se refere à sua remanescência, podemos perceber a figura das instituições de saúde, das quais a OMS parece ser a maior representante, mas que pode ser estendida para as secretarias estaduais e municipais de saúde, órgãos de segurança sanitária como a ANVISA, que podem ser entendidos como as instituições que detém o poder de dizer, de orientar o melhor comportamento – uso de álcool em gel, uso de máscaras, distanciamento, etc – para o enfrentamento à pandemia. Dessa forma, “os especialistas” dotados do conhecimento científico das pesquisas que aos poucos foram caracterizando o vírus e a doença, “recomendam”, enquanto que os órgãos do governo – representados pela ANVISA, Ministério da Saúde e o próprio governo federal – tem o poder de “fazer” com que a sociedade, em geral, endosse – e não divirja – de tais as orientações e que as exija por meio de decretos, projetos de lei para que se façam cumprir tais recomendações.

Mas, a que instituições atendem os enunciados que, como se num filme preto e branco de uma foto colorida, correspondem aos negacionismos sobre a ciência os quais os

enunciados acima trazem interdiscursivamente à tona? De modo mais específico, quais instituições, se existem, suportam enunciados que negam a eficácia das vacinas e do uso de máscara?

*En1: My friend argues that **earth is flat**. The argument that earth is flat is ridiculous*

*En3: Some people claim that **there's no increasing of greenhouse effect**. The claim that there is no greenhouse effect is to neglect science*

*En17: Many people believe that the **Earth is flat**. The belief that the earth is flat makes nonsense at all*

Caso haja uma instituição para o funcionamento do discurso negacionista sobre a ciência, estariam os discursos anti-vacinas compartilhando da mesma instituição do acúmulo a que se referem os enunciados acima em relação à esfericidade da terra e ao efeito estufa? Diferentemente do acúmulo que comentamos anteriormente, não podemos dizer que haja instituições – a exemplo da ⁶⁴NASA – que suporte o discurso de que a terra é plana?

Sobre esses que podem ser considerados lugares discursivos, Oliveira (2021) discute a partir da teoria das topias discursivas de Maingueneau, que o discurso negacionista é marcado por uma atopia, ou seja, um não-lugar, já que não tem bases institucionais e não são aceitos na sociedade. Apesar disso, como não depende de um lugar institucional para existir e funcionar, o discurso negacionista sobrevive ao tempo e à ciência legitimada socialmente por meio de uma prática discursiva ativa, que se renova e que, como um vírus que tenta infectar as pessoas, tenta ganhar apoiadores valendo-se de *fake news*.

É certo que esse tipo de discurso caracteriza-se por ser parasitário, um verdadeiro discurso parasita que funciona tal como um vírus que, apesar de não ter casa própria, precisa de um lar para se hospedar e do qual ele pretende – e consegue – multiplicar-se. Da mesma maneira, o discurso negacionista, por não ter lugar nas instituições científicas legitimadas da sociedade, toma como lugar e prolifera-se na prática discursiva, em posições-sujeito que lhe mantém vivo, apesar de marginal.⁶⁵

5.3 Sobre os discursos em funcionamento e PS projetadas

⁶⁴ National Aeronautics and Space Administration, agência do governo Americano responsável pela exploração espacial.

⁶⁵ É necessário destacar que não foi tão maginal quanto parece nos últimos anos no Brasil, já que o primeiro encontro de terraplanistas brasileiros aconteceu em 2019 e contava com centenas de inscritos em São Paulo. Vide reportagem em: <https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/primeira-convencao-brasileira-sobre-terraplanismo-ocorre-em-novembro/>.

Vamos descrever agora, de modo intra e interdiscursivo, os discursos da pandemia que atravessam os enunciados e que funcionam de modo a localizar o SE em determinadas PS que serão aqui interpretadas. Ressaltamos que, certamente, há numerosas possibilidades de interpretação dos enunciados do nosso corpus, sobre as quais não nos propomos à tarefa impossível de descrevê-las ao máximo, mas que tentaremos, na medida da nossa apreensão do que parece óbvio, do que parece implícito e do que parece estar relacionado a uma rede de dizeres, analisar os discursos da pandemia – sobre economia, políticos, fé, meio ambiente/aquecimento global, uso de máscaras, vacinação contra COVID-19 e terraplanismo – que são assim considerados “discursos da pandemia”, não por simplesmente estarem funcionando nessa temporalidade, mas por estarem, inter e/ou intradiscursivamente, relacionados institucionalmente ao estado pandêmico de COVID-19, especialmente no seu período crítico de 2021.

Destacamos, portanto, os enunciados de Es1 a Es7 do nosso corpus para analisá-los abaixo e nos quais fizemos alguns destaques em negrito:

*En1: My friend argues that **earth is flat**. The argument that earth is flat is **ridiculous***

*En17: Many people believe that the **Earth is flat**. The belief that **the earth is flat makes nonsense at all***

*En2: Experts recommend that **we must use mask outside**. The recommendation that we must use mask outside is really important*

*En19: Experts recommend that **masks can help stop spreading Covid-19**. The recommendation that masks can help stop spreading COVID-19 is very important.*

*En3: Some people claim that **there's no increasing of greenhouse effect**. The claim that there is no greenhouse effect is **to neglect science***

*En4: The newspaper report that **now there are more 11 new millionaires in Brazil**. The report that there are more 11 new millionaires in Brazil is **spooky**, because at the same time, **now we have more poor people***

*En27: Some people claim that **neoliberalism is the right way to fix economic problems**. The claim that **neoliberalism is the best way to the economics problems doesn't make sense to me***

O que pudemos perceber nesses trechos destacados? Objetivamente, o funcionamento discursivo sobre o terraplanismo, o uso de máscaras – diretamente relacionado com o discurso

científico na figura dos sujeitos e instituições que possuem o conhecimento técnico de recomendar a melhor forma de se proteger do vírus -, sobre o aquecimento global e sobre a diferença de classes, respectivamente.

Sobre o discurso terraplanista (em En1 e En17), percebemos em embate no enunciado, ao mesmo tempo, um discurso que considera a “teoria” terraplanista ridícula e que não faz sentido, que necessariamente se apoia no discurso majoritário e validado pela ciência de que a terra é redonda. O discurso terraplanista foi resgatado durante a pandemia – inclusive virando tema do jornalismo televisivo no programa “Profissão Repórter” em 11 de Dezembro de 2021 – por estar relacionado interdiscursivamente ao funcionamento do domínio do discurso negacionista que, na pandemia, funcionou para, além de outros fins, fazer com que as pessoas descreditassem nas vacinas contra a COVID-19.

Segundo Oliveira (2021), citando Mark Hoofnagle (2006) reflete que o discurso negacionista caracteriza-se pelo “emprego de argumentos retóricos para dar a aparência de debate legítimo àquilo que não tem legitimidade, com o objetivo principal de rejeitar uma proposição sobre a qual exista um consenso científico” (HOOFNAGLE, 2006 Apud OLIVEIRA, 2021, p. 3) e que os estudos sobre o discurso negacionista tem sido interesse maior interesses de biólogos, médicos, astrônomos, físicos teóricos e sociólogos.

O discurso terraplanista – alvo da relação predicativa criada pelo SE o enunciado – contesta, portanto, a esfericidade da terra, que é um consenso no meio científico que indica ser a PS1 do SE, enquanto que na formulação do enunciado, percebe-se uma PS2 que é projetado pelo discurso negacionista da terra redonda, na contramão da ciência, posicionando-se em defesa do discurso terraplanista.

Foucault (2008) discute que as PS “se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios” (p. 58, 2008), o que nos faz refletir que, ambas PS2 e a PS anti-vacina pertencem ao mesmo domínio negacionista, ou ainda, que o discurso anti-vacina, que pode ser entendido, na pandemia de COVID-19, como o discurso que nega a eficácia de vacinas e a associa a efeitos colaterais irreais – como causadora de AIDS, por exemplo – conversa e retoma o discurso terraplanista nas condições da situação pandêmica, pois, como dito, funcionam no mesmo domínio – no sentido foucaultiano, um domínio geral dos enunciados.

Interpretamos em En2 e em En19, por sua vez, no trecho destacado, que há o funcionamento do discurso científico sobre a importância do uso de máscara (PS3) e que nos leva ao entendimento de que, por outro lado, ainda há o funcionamento do discurso

negacionista que argumentará que “não é necessário usar a máscara, pois precisamos atingir a imunidade de rebanho”.

Já em En3, no primeiro trecho destacado que diz que “there’s no increasing of greenhouse effect”, notamos o funcionamento de um discurso negacionista sobre o aquecimento global (PS4) ao mesmo tempo em que SE posiciona-se de acordo com discurso científico (PS5), como observado no segundo trecho destacado que diz que isso é “negligenciar a ciência”. Podemos ir além e perceber esse discurso negacionista sobre o aquecimento global na rede de seus efeitos: o seu funcionamento favorece uma parcela do setor empresarial que lucra com agronegócio que desmata, acelerando as mudanças climáticas. Logo, podemos entender que essa PS4 terá nesse setor os alicerces da sua argumentação e da sua propagação, no projeto de continuar posicionando os sujeitos, no e pelo discurso, nessa PS cujo funcionamento beneficia o setor.

Em En4, notamos o funcionamento de um discurso sobre a economia, mas que se refere especialmente à diferença entre classes – entre os poucos que se tornaram milionários ou bilionários durante a pandemia e os milhões que perderam o emprego e ficaram mais pobres. Temos na modalidade de “spooky” uma PS6 projetada por um discurso sobre a economia que defende, por exemplo, uma distribuição de renda mais justa e que apoia programas estatais de transferência de renda. Da mesma forma, temos em En27 o funcionamento de um discurso sobre a economia que, na nossa interpretação, projeta igualmente PS6, que não vê o sistema econômico neoliberal como alternativa para solucionar problemas econômicos. É relevante lembrar, dessa maneira, destacar as condições da pandemia na (re) produção de um discurso contra-hegemônico sobre a economia.

*En6: The newspapers report that **covid-19 cases have been increasing**. The report in the newspapers saying that covid19 cases have been increasing scares me*

*En7: Many people believe that **the vaccine will arrive for everyone**. The belief that the vaccine will reach everyone is reality*

*En8: My friend argues that **wearing a mask is necessary**. The argument that wearing the mask is necessary is very important*

*En9: Experts recommend that **everyone stay at home**. The recommendation to stay at home is necessary*

*En10: Some people claim that jobs are not affected by the lockdown. The claim for **employment should be one of the government’s priorities***

*En11: The newspapers report that many people have already died in this pandemic. **The***

report of deaths by COVID is frightening

Em En6, na parte destacada, entendemos que parece funciona, para além de um discurso da mídia sobre os números da pandemia na forma da informação, mas também interpretamos o funcionamento de um discurso negacionista sobre esses dados, justamente pela necessidade de enunciá-los, que projeta uma PS (PS7) que suporta enunciados como “a pandemia é uma farsa”; “o vírus não existe” ou mesmo “os dados da pandemia não são verídicos e verificáveis”.

O fenômeno de *fake news*, no qual o que é falso toma o status de notícia e, portanto, de uma verdade, leva-nos à noção de pós-verdade de Dunker (2017, p.12) que a pensa como uma “verdade contextual, que não pode ser escrita, posta no bolso e representada amanhã, como garantia de fidelidade” e que implica em “impactos políticos, morais, nos laços pessoais, nas formas de amar e de sofrer”. Dunker (2017, p.13) discute que a pós-verdade tem implicações – políticas, morais e institucionais – afetam nossos laços amorosos, nosso cotidiano e formas de sofrimento, já que tais verdades dependem de descrições, nomeações e narrativas.

Dessa maneira, toda *fake news* tem fins políticos: elas são, como discutimos, o resultado da indistinção/confusão do que é verdadeiro e falso. Elas também são resultado de uma interpretação enviesada dos dados. Portanto, os enunciados, como estão dispostos nos destaques em En6, En7, En8, En9, En11, que corroboram os fatos da pandemia, aqui aparecem; também, como forma de se opor aos discursos negacionistas sobre eles, que circulam com o mesmo “status de verdade” na pandemia.

Em En10, percebemos o funcionamento de um discurso sobre atuação do governo na pandemia e que deixa um questionamento intrigante: se a questão do emprego não foi uma das prioridades do governo na pandemia, tal como imagina SE, então quais foram as preocupações desse momento, considerando os escândalos de corrupção deflagrados que resultaram na Comissão Parlamentar de Inquérito no Senado Federal – a chamada de CPI da COVID – que investiga a omissão e casos de corrupção do governo federal?

*En12: My friend argues that **Bolsonaro isn't a murder***

*En22: My friend argues that **the government does not help people**. The argument that the government does not help people is accepted by me*

*En18: My friend argues that **Bolsonaro is a myth**. The argument that Bolsonaro is a myth is a complete bullshit*

*En20: Some people claim that **Lula is innocent**. The claim that **Lula is innocent is almost a***

joke

En13: The argument that *we don't need to stay home because of faith* sounds egotistical to me

En14: Experts recommend that *we stay safe at home*. The recommendation of staying at home looks like **the best way to avoid COVID-19**

En15: Some people claim that *lockdown isn't working*. **The claim about lockdown is stupid**

En26: Experts recommend that **lockdown is the best way to stop COVID contagion**. The recommendation that lockdown is the best way to stop the COVID contagion makes sense to me

En16: The newspaper report that *we are not safe from COVID-19*. The report that is going to increase the cases is true

En23: Experts recommend that **it is better to stay at home**. **The recommendation that is better to stay at home is valid in this pandemic**

Em En12, notamos o funcionamento de um discurso sobre o governo, na figura do ex-presidente Jair M. Bolsonaro, que se refere, justamente, à atuação do governo na pandemia, ou mais especificamente, um discurso reagente às polêmicas falas “fora do gabinete” do ex-presidente. En12 conversa com enunciados como “Bolsonaro é um genocida”, que circularam nas plataformas digitais durante a pandemia, culpando o então mandatário pela má gestão da doença no Brasil. Da mesma maneira, interpretamos que o mesmo discurso funciona em En22 em “the government does not help us”; ao passo que em En18, percebemos a figura do ex-presidente retratada como mito, como ele foi nomeado pelos seus apoiadores mais extremistas, e que blinda a figura do ex-presidente na ideia de “incorrutível”, “imbrochável”, ou seja, o “indefectível”, o Messias que sobreviveu para salvar a população brasileira do Comunismo.

Dufour (2005), ao abordar a transição do sujeito da modernidade para pós-modernidade sob o ponto de vista psicanalítico, discute que os sujeitos são submetidos a um grande Sujeito, pelo qual os outros sujeitos organizam-se do qual dependem para existir simultaneamente. Discute ainda que o centro simbólico-político desse laço é marcado pela ficção, pois esse “Um” sujeito nunca existiu, foi criado para fazer os outros sujeitos existirem e “é por isso que não se pode nunca separar o político de certo número de mitos de narrativas e de criações artísticas destinadas a sustentar essa ficção” (DUFOUR, 2005, p. 25).

Desse modo, os discursos negacionistas até aqui discutidos como projeção de posições-sujeito igualmente desse tipo também (cor)respondem, em uma mera interpretação, a

uma “entidade mítica” da qual provém, não menos reproduzidos, discursos contra medidas de contenção na pandemia de COVID-19, como exemplo das demais aqui já discutidas.

Nesse sentido, temos a projeção de uma PS (PS8) sobre a atuação do então governo, na figura do ex-presidente, na pandemia. Por outro lado, temos uma PS (PS9) contrária que, ainda que talvez reconheça uma atuação deficitária no combate à pandemia, não culpa o ex-presidente ou o seu governo (culpam os esquerdistas? ou até a ciência?) pelo avanço da pandemia no país e admitem uma excelente atuação do governo Bolsonaro na pandemia, apesar das “palavras soltas ao vento sem efeito” por causa do “jeitão militar” do ex-presidente.

Em contrapartida, temos o que é enunciado em En1, no qual o SE usa de ironia para se referir à inocência do presidente Lula. Seria, dessa maneira, uma PS de centro na ideologia político-partidária? O fato é que as eleições para presidente de 2022 teve o ⁶⁶menor percentual de votos brancos e nulos desde 1994.

Em En13, notamos um discurso sobre a fé funcionando em relação à pandemia de modo, no mínimo, curioso: por que alguma fé ou alguma religião pregaria que não precisaríamos ficar em casa por causa da crença em Deus? Não estaria a parte destacada “we don’t need to stay home because of Faith” disposta em uma série de enunciados bíblicos, cuja crença é inquestionável, de que “Tudo posso naquele que me fortalece” (filipenses 4:13) ou ou de que “Mas, em todas as coisas, somos mais que vencedores por aquele que nos amou” (Romanos 8:37)? Que discurso(s) que funciona(m) pelo religioso, posicionando os sujeitos nessa PS (PS10), que lhes fazem “não ficar em casa” e “seguir a vida normalmente” por causa da fé em Deus? Quem ou o que ganharia com esses efeitos?

Dunker (2017, p.13) faz uma comparação com a estrutura de ficção da verdade para Lacan, que seria, numa relação com a noção de verdade dos antigos clássicos, o elo entre *emunah* (a confiança judaico-crítã da promessa, que seria a confiança de realização futura), a *alethéia* (a revelação grega de uma lembrança esquecida; a própria *alethéia* do presente) e *veritas* (precisão latina do testemunho; a legitimação da memória) nas quais a pós-verdade caracteriza-se por um desejo entre as três e que, ainda à luz de Lacan:

(...) as três faces da verdade não se ligam senão por uma ficção que se pode contar um monte de mentiras dizendo só a verdade, mas também criar muitos fatos sem sentido algum e ainda fazer de conta que o que dizemos agora, neste contexto e segundo estas circunstâncias não tem nenhuma consequência para o momento vindouro (DUNKER, 2017, p. 13)

⁶⁶ Segundo reportagem do G1 sobre os dados divulgados pelo TSE e disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/02/eleicoes-2022-tem-o-menor-numero-de-votos-brancos-e-nulos-desde-1994.ghtml>

Dessa maneira, entendemos que PS10 seria a projeção de um discurso econômico liberal, fundamentado no argumento de que “a economia não pode parar” que funciona e perpassa o discurso religioso na medida em que esse último interpela seus fieis a “não temer a qualquer coisa, pois quem está com Deus tudo pode” em favor e a serviço desse discurso econômico liberal, levando a uma verdade (ou melhor, uma pós-verdade) argumentada religiosamente de que “devemos sair de casa” sem medo de consequências, pois elas inexistiriam, já que estamos protegidos por Deus.

Em En14, En15, En26, En16 e En23 temos a polêmica do *lockdown* como medida de contenção do vírus em destaque uma vez que já se tinha um estado crítico da pandemia no país e os casos estavam em crescimento escalonado. Ainda atravessados pelo negacionismo (observável em En15) de que essa medida seria eficaz – o que interpretamos como PS11 – enquanto que o SE coloca-se de acordo com o posicionamento científico sobre a eficácia dessa medida – o que interpretamos como PS12.

*En21: Many people believe that **the vaccine will end the pandemic**. The belief that the vaccine will end the pandemic makes sense to me*

*En28: The newspapers report that **vaccines are efficient**. The report that vaccines are efficient makes sense to me*

*En25: Many people believe that **pandemic won't end this year**. The belief that pandemic will not finish this year makes sense to me*

Como temos discutido até aqui, durante o período de produção das vacinas e finalmente quando elas estavam prontas para serem administradas, os discursos anti-vacina, ou os discursos negacionistas da vacina, funcionaram no sentido de desinformar a população sobre a eficácia e a confiabilidade dos imunizantes, tendo como recurso retórico as *fake news*.

Nos enunciados acima, observamos o funcionamento de um discurso sobre a vacina contra COVID-19 de acordo com a ciência (em En21 e En 28), que interpretamos como PS13 aqui, ao passo que nos faz pensá-lo enquanto uma denúncia do próprio discurso anti-vacina, considerado como PS14 em nossa análise.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As posições-sujeito aqui discutidas desvelam, tal como descreve análise, discursos da pandemia que tiveram grande divulgação e circulação nessa época, especialmente no seu ápice no segundo semestre de 2021. Ainda, as PS de língua adicional fazem-nos pensar sobre, a língua adicional como veículo pelo qual o discurso funciona. O seu funcionamento ocorrerá e mobilizará os conhecimentos na língua (neste caso, adicional) do indivíduo nesse colocar em funcionamento na materialidade escrita. As “escolhas” feitas na escrita da língua adicional são, portanto, escolhas discursivas das posições-sujeito desses indivíduos.

Além disso, em nossa pesquisa, as questões do sujeito do discurso em língua materna ficam bem evidentes, uma vez que a materialidade dos enunciados pôs a pandemia como referência nas condições em que elas estão na sua língua materna, no contexto social e econômico da pandemia no qual a sua língua materna – o português brasileiro – é falado. Ou seja, mesmo em uma situação de aprendizagem de língua inglesa, a necessidade é de interagir, em posse das possibilidades de dizeres nessa língua, sobre suas relações sociais e sua “visão de mundo”, falar sobre si e sobre a situação social, política e econômica do Brasil e não falar, como se mergulhado numa “aculturação necessária” para se aprender uma língua adicional, da situação pandêmica em um país anglófono.

Entre as “escolhas” feitas na escrita de língua inglesa como língua adicional, faz-se necessário entender que a modalidade “escolhida” para produção dos enunciados também é discursiva: como vimos, a modalidade apreciativa nos enunciados que tematizavam a pandemia acusavam a posição de sujeito de quem enunciava e se adequava prática das habilidades de escrita propostas pelo material didático, ao passo que, discursivamente, conectava-se a uma rede de enunciados que traziam o funcionamento de discursos com lugar na ciência e fora do lugar da ciência ou “sem lugar”, caracterizados aqui como discursos negacionistas.

Para cada discurso com lugar científico, cuja PS era de acordo com o conhecimento empírico comprovado pela Ciência nas instituições que representavam esse lugar, observamos funcionando um discurso “sem lugar”, mas que igualmente existia e projetava as PS negacionistas aqui discutidas. Apesar disso, no entanto, vimos que esses discursos “sem lugar” encontraram espaço no governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e funcionaram de modo institucionalizado: era o discurso estatal extraoficial do momento.

Portanto, as PS aqui analisadas, de PS1 a PS14, são caracterizadas não somente por defender o discurso científico majoritário, mas pela relação interdiscursiva que possuem com

os discursos negacionistas da Ciência que funcionaram na pandemia de maneira institucionalizada e que eram defendidos nas motocicletas, nos momentos de fala extraoficial e até mesmo nos altares que apoiavam o então governo. Tais discursos negacionistas da Ciência tiveram tamanho tópos político de privilégio que, como efeito, São Paulo recebeu o primeiro congresso – na história recente – de terraplanistas; evento que inclusive teve que mudar o espaço onde seria realizado, pois as centenas de inscrições superaram a expectativa de público dos próprios organizadores.

Assim o sendo, o negacionismo ganhou um “valor de verdade” jamais imaginado no meio científico e social. Dessa maneira, os discursos negacionistas sobre a pandemia com status de valor estatal projetaram posições-sujeito igualmente negacionistas que, de alguma maneira, precisaram e precisam ser refutadas pela reafirmação – do óbvio – de posições-sujeito sobre a defesa da ciência, da vacinação e, sobretudo, da vida.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Edições Graal, 1992.

AQUINO, E. M. L. et al. **Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil**. 2020 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4BHTCFF4bDqq4qT7WtPhvYr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 2 ed. Forense Universitária. Rio de Janeiro, 1977.

BARKAN, R. A \$1.1m hospital bill after surviving the coronavirus? That's America for you. **The guardian**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/jun/16/coronavirus-hospital-bill-healthcare-america>. Acesso em: 05 out. 2022.

BERNARDI, A. J. B.; MORAIS, J. A. de. Fascismo à brasileira? Análise de conteúdo dos discursos de Bolsonaro após o segundo turno as eleições presidenciais de 2018. **Revista Política e Sociedade** – UFSC, Florianópolis – Vol. 20 – Nº 48, 2021.

BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de Lingüística Geral I**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.

BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: **Problemas de Lingüística Geral I**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.

BENVENUTO, D. et al. The 2019-new coronavirus epidemic: Evidence for virus evolution. **Journal of Medical Virology**, p. 1-5, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/40020>. Acesso em: 17 out. 2022.

BRASIL. **Tratamento precoce de pacientes COVID-19 (pré-hospitalar) e profilaxia nos trabalhadores em saúde**. Comissão Covid 19- Secretaria Municipal de Saúde e Saneamento. 2020. Disponível em: <https://www.taquarussu.ms.gov.br/site/wp-content/uploads/2020/08/PROTOCOLO-TRATAMENTO-COVID-19-TAQUARUSSU-2020.pdf> . Acesso em: 21 dez. 2022.

BUTANTAN. A velocidade com que foi criada a vacina da Covid-19 é motivo de preocupação? Especialista do Butantan responde. **Portal do Butantan**, 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/a-velocidade-com-que-foi-criada-a-vacina-da-covid-19-e-motivo-de-preocupacao-especialista-do-butantan-responde>. Acesso em: 22 dez. 2022.

CAETANO, G. Primeira convenção de terraplanistas tem infiltrados, ‘revelações de Deus’ e críticas à Nasa. **Revista Época/O Globo**, 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/primeira-convencao-brasileira-sobre-terraplanismo-ocorre-em-novembro/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

CARNEIRO, L. 34 milhões de brasileiros ainda não têm acesso a bancos no país. **Revista Valor**, 2021. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/produtos/servicos-financeiros/noticia/2021/04/27/34-milhoes-de-brasileiros-ainda-nao-tem-acesso-a-bancos-no-pais.ghml>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CELADA, M. T. **O que quer o que pode uma língua?** Língua estrangeira, memória discursiva, subjetividade. Letras (UFSM), Santa Maria/RS, v. 18 n. 2, 2008. p. 145-65.

CHARADEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução: Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, A. G. Desmatamento na Amazônia em 2021 é o maior dos últimos 10 anos. **CNN**, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/desmatamento-na-amazonia-em-2021-e-o-maior-dos-ultimos-10-anos/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

COSTA, A. G. Covid-19: o que a ciência já descartou no tratamento da doença. **CNN**, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/covid-19-o-que-a-ciencia-ja-descartou-no-tratamento-da-doenca/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

CULIOLI, A. **La formalisation en linguistique**. Cahiers pour l'analyse – 9, Généalogie des sciences, 1968. p. 106-117.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l' énonciation**. Tome 1, Paris: Ophrys, 1999.

CULIOLI, A. **Rubriques Linguistique de l'Encyclopédie**. Alpha, Paris, Grange Batelière, 1971.

DE LIBERA, A. **Archéologie du sujet**. v. 1: Naissance du sujet. Paris: Vrin, 2008.

DELEUZE, G. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: Deleuze, G. **A ilha deserta e outros textos**, p. 220-250. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DESCARTES, R. Descartes, **R. Meditações Metafísicas**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Revista Redisco** – Vitória da Conquista. V. 10. N. 02. 2016. p. 08-20.

DUFOUR, D. R. **A Arte de reduzir as cabeças**: sobre a nova servidão da sociedade ultraliberal/ Dany-Robert Dufour; tradução: Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

DUNKER, C. **Subjetividade em tempos de pós-verdade**. In: DUNKER, Christian et al. Ética e pós-verdade. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

FARIAS, V. Eleições 2022: Percentual de votos brancos e nulos é o menor desde 1994. **Jornal G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/02/eleicoes-2022-tem-o-menor-numero-de-votos-brancos-e-nulos-desde-1994.ghml>. Acesso em: 28 dez. 2022.

FERRAZ, L. Perfil de mortos por coronavírus na Itália é o mesmo da China, mas taxa de mortalidade é três vezes maior. **Jornal G1**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51919755>. Acesso em: 06 out. 2022.

FILHO, J. S. Seria o Sujeito uma Criação Medieval? Revista Scielo: Trans/Form/Ação, Marília, v. 38, n. 2, p. 175-204, Maio./Ago., 2015 <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732015000200009>.

FGV. Mapa da nova pobreza: Estudo revela que 29,6% dos brasileiros têm renda familiar inferior a R\$ 497 mensais. **Portal FGV**. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/mapa-nova-pobreza-estudo-revela-296-brasileiros-tem-renda-familiar-inferior-r-497-mensais>. Acesso em: 19 dez. 2022.

FRAZÃO, D. **Tomás de Aquino**: e-biografia. Disponível em: https://www.ebiografia.com/tomas_de_aquino/. Acesso em: 14 jun. 2021.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 (Coleção Campo Teórico).

FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault. In: **Ditos e Escritos**, volume VII. Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011.

FUCHS, C. O sujeito na teoria enunciativa de Antoine Culioli: algumas referências. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, nº 7, 1984. p. 77-85.

GADET, F.; LÉON, J.; MALDIDIER, D.; PLON, M. Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França em 1969. In: **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Ed. Unicamp, SP, 1997. p. 39-60.

GALLO, S.; SILVEIRA, J. da; PEQUENO, V. **Seminário de Estudos em Análise do Discurso** (9. : 2019 : Recife, PE). Anais do IX SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico] – Recife : UFPE , 2019. Disponível em: <https://www.discursosead.com.br/ix-sead-2019>. ISSN 2237-8146. Acesso em: 07 out. 2022.

HENRY, P. **Os Fundamentos teóricos da Análise Automática do Discurso de Michel Pêcheux**. In: Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Ed. Unicamp, SP, 1997. p. 13-38.

HOBUSS, J. F. N. **Introdução à História da Filosofia Antiga** [on-line]. Pelotas: NEPFIL online, 2014.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril cultural. Os Pensadores, 1983.

KATO, M.; CASTILHO, A. **Advérbios modalizadores**: um novo núcleo modalizador? Ed. Delta, São Paulo, volume 7, nº 1, 1991. p. 408-424.

LACAN, J. **O Seminário. Livro 18**: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LACAN, J. **O Seminário. Livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LE QUERLER, N. **Typologie des modalités**. Caen, Presses Universitaires de Caen, 1996.

LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. **O ensino de outra (s) língua (s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas**. In: Vilson J. LEFFA; Valesca B. IRALA. (Orgs.). Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: Educat, 2014, p. 21-48.

MANZANO, F.; PINHEIRO, L. OMS recomenda não usar ibuprofeno para tratar Covid-19. **Jornal G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/17/oms-recomenda-nao-usar-ibuprofeno-para-tratar-covid-19.ghtml>. Acesso em: 21 dez. .2022.

MARTINS, H. IN: **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**, volume 3. Fernanda Mussalim, Ana Christina Bentes – organizadoras – 5ª ed.- São Paulo: Cortez, 2011.

MATTA, G. C.; REGO, S.; SOUTO, E.P.; and SEGATA, J. (eds). Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19. Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. **Informação para ação na Covid-19 series**. ISBN: 978-65-5708-032-0. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786557080320>. Acesso em: 06 out. 2022.

MEDEIROS, A. M. A ética socrática. **Sabedoria política**. Disponível em: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/a-etica-socratica/>. Acesso em: 14 jun. 2021.

NEUSER, W. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 25-32, jan./abr. 2011.
CHARAUDEAU, P. **Discursos das Mídias** / Patrick Charaudeau; tradução: Angela M. S. Corrêa. 2 ed. 2ª reimpressão – São Paulo: Contextos, 2013.

NEVES, J. dos S. B. **Estudo semântico-enunciativo da modalidade em artigos de opinião**. Tese de Doutorado em Letras. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Letras, p. 206. 2006.

NORONHA, J. de C. de.; UGÁ, M. A. D. O sistema de saúde dos estados unidos. In: BUSS, PM., and LABRA, ME., orgs. **Sistemas de saúde: continuidades e mudanças** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1995. 265 p. ISBN 85-271-0290-0. Disponível em: SciELO Books: www.scielobooks.scielo.org.

OLIVEIRA, H. O “gabinete das sombras” e o discurso negacionista no Brasil. **Cadernos de Linguística**, Vol. 2, Nº 4, e427, 2021. p.1-21.

OMS. Arquivado: Linha do tempo da OMS - COVID-19. **World Health Organization**, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/27-04-2020-who-timeline---covid-19>. Acesso em: 21 set. 2022.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

ORTIZ, E. O. e B. Ministério da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil. **Jornal G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/26/ministerio-da-saude-fala-sobre-caso-possivel-paciente-com-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 13 out. 2022.

PAVEAU, M. A. **As grandes teorias da Linguística**: da gramática comparada à pragmática / Marie-Anne Paveau, Georges-Elia Sarfati. Trad. M. R. Gregolinet al. São Carlos: Claraluz, 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. / Michel Pêcheux; tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] – 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso**. In: Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Ed. Unicamp, SP, Tradução: Eni P. Orlandi. 1997. p. 61-162.

PRESSE, F. Fala de Bolsonaro sobre queimada na Amazônia é 'irresponsável' e 'leviana', dizem ambientalistas. **Jornal G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/21/fala-de-bolsonaro-sobre-queimada-na-amazonia-e-irresponsavel-e-leviana-dizem-ambientalistas.ghtml>. Acesso em: 27 dez. 2022.

PRESSE, F. Itália é o segundo país com mais idosos no mundo. **Jornal G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/italia-e-o-segundo-pais-com-mais-idosos-no-mundo.ghtml>. Acesso em: 06 out. 2022.

RAGUSA, P. **A Arqueologia do Saber de Michel Foucault**: Entre a descrição estrutural e a análise epistemológica. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais – RBHCS. Vol. 13, nº 27, Julho – Dezembro, 2021. p. 167-187.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**: Filosofia Pagã Antiga. Tradução Ivo Storniolo. 3. ed. São Paulo: Paulus, vol. 1, cap. IV, 2007. p. 90-121.

REUTERS, A. Primeiro caso de Covid-19 pode ter surgido na China em outubro de 2019, diz estudo. **Jornal G1-online**. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/25/primeiro-caso-de-covid-19-pode-ter-surgido-na-china-em-outubro-de-2019-diz-estudo.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2022.

REUTERS, G. V. Coronavírus chegou na Itália antes do que se pensava, aponta estudo italiano, **Jornal G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/11/15/coronavirus-chegou-na-italia-antes-do-que-se-pensava-aponta-estudo-italiano.ghtml>. Acesso em: 05 out. 2022.

ROTTERDÃO, E. de (1469-1536). In: ACKER, T.V. **Renascimento e Humanismo**. São Paulo: Atual, 1992. p. 32-33.

SANDOVAL, P. X. de. Coronavírus leva ao limite o caótico sistema de saúde dos Estados Unidos. **Rev. El País-online**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-29/coronavirus-leva-ao-limite-o-caotico-sistema-de-saude-dos-estados-unidos.html>. Acesso em: 27 set. 2022.

SANTOS, T. J. Princípios: **Revista de Filosofia**, ISSN-e 0104-8694, Vol. 11, Nº. 15-16, 2004.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**, 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SASLOW, J.; ASCHER, A. English for Today's World. **Summit**. 2017. Disponível em: <https://www.pearson.com/content/dam/one-dot-com/one-dot-com/english/TeacherResources/Product/adult/Summit/summit-GSE-teacher-booklet-1.pdf> . Acesso em: 08 dez. 2022.

SCHREIBER, M. Coronavírus: Brasil fecha quase toda a fronteira terrestre, mas mantém entrada por aeroportos. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51966428>. Acesso em: 13 out. 2022.

SEARLE, J. R. Mente, linguagem e sociedade: filosofia no mundo real. Tradução do original do Inglês: **Mind, Language and Society: Philosophy in the real world** por F. Rangel. Rio de Janeiro: Edit. Rocco Ltda., 2000.

SOARES, I. Em vídeo, Bolsonaro toma hidroxicloroquina e diz que confia na medicação. **Correio brasiliense**, 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/07/interna_politica,870168/em-video-bolsonaro-toma-hidroxicloroquina-e-diz-que-confia-na-medicac.shtml. Acesso em: 17 out. 2022.

WERNECK, G. L.; CARVALHO, M. S. **A pandemia de COVID-19 no Brasil: Crônica de uma crise sanitária anunciada**. In: Cadernos de Saúde Pública, volume 36, nº 5, Maio 2020 – Rio de Janeiro. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1036/a-pandemia-de-covid-19-no-brasil-cronica-de-uma-crise-sanitaria-anunciada>. Acesso em: 13 out. 2022.

YU, G. Trump suggests hydroxychloroquine may protect against Covid-19. Researchers say there's no evidence of that, **CNN**, 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/04/05/health/trump-lupus-hydroxychloroquine-coronavirus-protection/index.html>. Acesso em: 17 out. 2022.

ANEXO

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **POSIÇÕES-SUJEITO NA ESCRITA DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ADICIONAL**: Os discursos do período pandêmico, cujo pesquisador responsável é ANDRÉ FELIPE RIBEIRO (Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4836834610629390>)) Os objetivos do projeto são ANALISAR E DESCREVER DISCURSOS SOBRE A PANDEMIA E AS ESCOLHAS LINGÜÍSTICAS MOBILIZADAS NA ESCRITA DE LÍNGUA INGLESA. O(A) Sr(a) está sendo convidado por SER ESTUDANTE DE LÍNGUA INGLESA VÍNCULADO AO PROJETO DENOMINADO NÚCLEO DE CULTURA LINGÜÍSTICA DESSA MESMA INSTITUIÇÃO.

O(A) Sr(a). tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço.

Caso aceite participar sua participação consiste em CEDER O MANUSEIO E ANÁLISE DOS ESCRITOS PRODUZIDOS NA PLATAFORMA GOOGLE CLASSROOM PARA O RESPONSÁVEL PELA PESQUISA, MANTENDO ASSEGURADAS A CONFIDENCIALIDADE, A PRIVACIDADE DE SUA IMAGEM, A SUA NÃO ESTIGMATIZAÇÃO E A NÃO UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES EM PREJUÍZO DAS PESSOAS E/OU DAS COMUNIDADES, INCLUSIVE EM TERMOS DE AUTOESTIMA, DE PRESTÍGIO E/OU ASPECTOS ECONÔMICO-FINANCEIROS (item II.2.i, Res 466/2012/CNS e Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 5º, incisos V, X e XXVIII).

Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

O(A) Sr(a). pode entrar em contato com o pesquisador responsável ANDRÉ FELIPE RIBEIRO a qualquer tempo para informação adicional no endereço RUA SÃO JOSÉ 134 – TURU (E-MAIL: FELIPE.ANDRE@DISCENTE.UFMA.BR)

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO:

Li e concordo em participar da pesquisa.

SÃO LUÍS, ____/____/____

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável